

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 234

GEOGRAFIA N.º 13

AROLD DE AZEVEDO

**PANORAMA DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA
BRASILEIRA EM 1958**

UMA ANÁLISE ESTATÍSTICO-GEOGRÁFICA



SÃO PAULO -- (Brasil)
1 9 6 0

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Antonio Barros de Ulhoa Cintra
Vice-Reitor: — Prof. Dr. Francisco João Humberto Maffei

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor: — Prof. Dr. Paulo Sawaya
Vice-Diretor: — Prof. Dr. Antonio Soares Amora
Secretário substituto: — Jack Fredrick Gebara

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Diretor (1960): Prof. Dr. Aroldo de Azevedo

Professôres catedráticos:

GEOGRAFIA FÍSICA — Dr. João Dias da Silveira
GEOGRAFIA HUMANA — Dr. Ary França
GEOGRAFIA DO BRASIL — Dr. Aroldo de Azevedo

Professôres de Cursos:

CARTOGRAFIA — João Soukup
GEOGRAFIA REGIONAL — Dr. Renato da Silveira Mendes

Assistentes Doutores:

GEOGRAFIA FÍSICA — Dra. Elina de Oliveira Santos
GEOGRAFIA HUMANA — Dra. Nice Lecocq-Müller
GEOGRAFIA DO BRASIL — Dr. José Ribeiro de Araújo Filho
Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber

Assistentes Extranumerários:

GEOGRAFIA FÍSICA — Lic. Maria de Lourdes P. Souza Radesca
Lic. Éli Piccolo
GEOGRAFIA HUMANA — Lic. Pasquale Petrone
Lic. Léa Goldenstein
GEOGRAFIA DO BRASIL — Lic. Antônio Rocha Penteado
Lic. Luiz Melo Rodrigues
Lic. Diva Beltrão de Medeiros

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

POLETIM N.º 234

GEOGRAFIA N.º 13

AROLD DE AZEVEDO

PANORAMA DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA BRASILEIRA EM 1958

UMA ANÁLISE ESTATÍSTICO-GEOGRÁFICA

SETOR E PERIÓDICO
Biblioteca do Departamento de Geografia



BIBLIOTECA
DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Fac. Fil. Cien. Letras — U. S. P.

SÃO PAULO -- (Brasil)
1960

10420

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1960

EXPLICAÇÃO

A Geografia é uma ciência de síntese, de visões de conjunto. Os estudos analíticos ou os fatos isolados somente lhe podem interessar na medida que forneçam elementos para a compreensão do todo e para o esclarecimento de fatos gerais. Por isso mesmo, é a ciência que estuda a **paisagem** e procura interpretá-la, à luz da inter-ação dos fatores que a configuram.

No Brasil, a vida econômica, em seus diferentes aspectos, continua à espera que os geógrafos realizem a importante tarefa de examiná-la em suas características marcantes e essenciais. Falta-nos uma **Geografia Agrícola**, como nos faltam uma **Geografia Agrária** e uma **Geografia da Indústria**. Nem mesmo possuímos estudos aprofundados, de caráter legitimamente geográfico, a respeito dos grandes produtos de nossa economia: estamos à espera de uma **Geografia do Café**, de uma **Geografia do Algodão**, de uma **Geografia dos Cereais**, de uma **Geografia do Gado**, de uma **Geografia da Borracha** — por exemplo. E' verdade que MILTON SANTOS já forneceu os grandes elementos da **Geografia do Cacau** (1); que MÁRIO LACERDA DE MELO prefigurou o que seria uma **Geografia do Açúcar** (2); que DIRCEU LINO DE MATTOS contribuiu para uma **Geografia da Vinha**, embora somente focalizasse a área paulista (3); que FRÓES ABREU preparou o terreno para uma **Geografia da Mineração** (4); e que MOACIR SILVA

(1) — SANTOS (Milton) — **Zona do Cacau — Introdução ao estudo geográfico**, vol. 296 da coleção "Brasiliana", Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1957.

(2) — MELO (Mário Lacerda de) — **Aspectos da Geografia do Açúcar no Brasil**, em "Revista Brasileira de Geografia", XVI, n.º 4, Rio de Janeiro, outubro-dezembro de 1954.

(3) — MATTOS (Dirceu Lino de) — **Vinhedos e vicultores de São Roque e Jundiá (São Paulo)**, Boletim n.º 2, cadeira IX (n.º 1), Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1958.

(4) — ABREU (S. Fróes) — **Fundamentos geográficos da Mineração brasileira**, em "Revista Brasileira de Geografia", VII, n.º 1, Rio de Janeiro, São Paulo, 1945.

nos deu uma **Geografia dos Transportes** (5). Todavia, muito há ainda por fazer, embora a existência de alguns estudos monográficos, de incontestável valor, dê-nos a esperança de que essa situação tende a se alterar.

O presente trabalho constitui modesta contribuição para uma Geografia Agrícola do Brasil. Dentro deste objetivo, fomos levados a manipular enorme massa de dados estatísticos, reunindo-os em sua natural dispersão, ordenando-os, reagrupando-os de acôrdo com as áreas geográficas e tentando interpretá-los. Tarefa penosa e cansativa, de que os resultados aqui apresentados não fornecem a menor idéia; mas, imprescindível para os que pretendam estudar a economia agro-pastoril brasileira, através de seus elementos essenciais. Na verdade, só mesmo depois dessa laboriosa e ingrata manipulação das estatísticas, torna-se possível conhecer: 1. os aspectos marcantes de nossa **produção agrícola** — as grandes áreas de cultivo, o volume e o valor da produção de cada uma de nossas maiores riquezas agrícolas; 2. os **principais produtos** da agricultura brasileira, sua importância para a vida econômica nacional, suas áreas cultivadas, o volume e o valor da produção, em relação a cada um dos grandes centros produtores; 3. a **pecuária** e outras **riquezas animais**, através dos rebanhos, da avicultura, da produção de leite e de lã, em sua importância numérica, no seu valor, em sua repartição geográfica; 4. as grandes **regiões agro-pastoris** do Brasil, o valor de sua contribuição para a economia agrária e a posição ocupada por suas unidades componentes; 5. enfim, os mais importantes **centros agro-pecuários** do país, os verdadeiros sustentáculos de nossa economia agrária.

Uma interpretação estatístico-geográfica, em visões panorâmicas — eis em que consiste o presente trabalho, que se destina mais aos geógrafos do que aos economistas e, de preferência, aos que se preocupam em conhecer os fatos essenciais da Geografia brasileira.

Para atingir nosso objetivo, limitâmo-nos a utilizar os dados que figuram no **Anuário Estatístico do Brasil — 1959**, pu-

(5) — SILVA (Moacir M. F.) — **Geografia dos Transportes no Brasil**, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1949.

blicado, no corrente ano, pelo Conselho Nacional de Estatística, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Não nos preocupamos em consultar outras fontes, com o receio, certamente fundado, de encontrar contradições. Preferimos não pôr em dúvida a validade dos dados utilizados, o que não significa que os aceitemos sem discussão; é que provêm de um organismo oficial, o mais autorizado no que se refere à sua especialização.

Ao divulgá-lo, sob a égide da **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo** (a que muito nos honramos em servir), esperamos que seja de utilidade e que possa prestar algum serviço aos estudiosos da Geografia do Brasil. Foi esta, pelo menos, nossa sincera intenção.

AROLDO DE AZEVEDO

Catedrático de Geografia do Brasil

São Paulo, junho de 1960.

DAPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Caixa Postal n.º 8105

São Paulo (Capital).

PANORAMA DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA
BRASILEIRA EM 1958

SUMÁRIO

- I. A AGRICULTURA CONSTITUI A BASE DA ECONOMIA BRASILEIRA.
- II. A PRODUÇÃO AGRÍCOLA: ASPECTOS GERAIS.
 1. As áreas cultivadas.
 2. Volume da produção.
 3. Valor da produção.
- III. CAFÉ, RIQUEZA BRASILEIRA.
 1. As áreas cafeeiras.
 2. A produção cafeeira.
 3. O valor da produção cafeeira.
- IV. ARROZ E MILHO, CEREAIS BÁSICOS.
 1. Duas culturas temporárias.
 2. O arroz.
 3. O milho.
- V. ALGODÃO E CANA DE AÇÚCAR, CULTURAS INDUSTRIAIS.
 1. Analogias entre duas culturas.
 2. O algodão.
 3. A cana de açúcar.
- VI. MANDIOCA E FEIJÃO, CULTURAS ALIMENTARES.
 1. Alimentos do povo.
 2. A mandioca.
 3. O feijão.

VII. OUTRAS CULTURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS.

1. O segundo grupo das riquezas agrícolas brasileiras.
2. A banana.
3. A batata inglesa ou batatinha.
4. O trigo.
5. O cacau.
6. A laranja.
7. O fumo ou tabaco.
8. A cebola.

VIII. CULTURAS DE MENOR IMPORTÂNCIA ECONÔMICA.

1. O terceiro grupo de riquezas agrícolas brasileiras.
2. A batata doce.
3. A uva.
4. O côco da Bahia.
5. A mamona.
6. O agave ou sisal.
7. O abacaxi.
8. A juta.

IX. A PECUARIA.

1. O rebanho brasileiro.
2. O rebanho bovino.
3. O rebanho suino.
4. O rebanho ovino.
5. O rebanho caprino.
6. O rebanho eqüino.
7. O rebanho muar.
8. O rebanho asinino.
9. O valor de nossa riqueza pecuária.

X. OUTRAS RIQUEZAS ANIMAIS.

1. Riquezas animais.
2. A avicultura.
3. O leite.
4. A lã.

XI. AS GRANDES REGIÕES AGRO-PASTORIS.

1. Da necessidade de um retrospecto.
2. As riquezas agro-pecuárias e sua repartição regional.
3. Sudeste, "coração" do Brasil.
4. O Sul do Brasil.
5. O Nordeste.
6. O Centro-Oeste.
7. O Meio-Norte.
8. O Norte do Brasil.

XII. OS MAIORES CENTROS AGRO-PECUARIOS.

1. Sustentáculos de nossa economia agro-pecuária.
2. A posição de São Paulo.
3. A posição de Minas Gerais.
4. A posição do Rio Grande do Sul.
5. A posição do Paraná.
6. A posição da Bahia.
7. A posição de Mato Grosso.
8. A posição de Goiás.
9. A posição de Santa Catarina.
10. A posição do Rio de Janeiro.
11. A posição de Pernambuco.

XIII. O BRASIL CONTINUA A SER UM GRANDE PAÍS AGRÁRIO.

PANORAMA DE LA PRODUCTION DE L'AGRICULTURE
ET DE L'ÉLEVAGE BRÉSILIENS EN 1958 (Résumé).

A PANORAMA OF BRAZILIAN FARM PRODUCTION IN
1958 (Summary).

I

A AGRICULTURA CONSTITUI A BASE DA ECONOMIA BRASILEIRA

De acôrdo com os dados que figuram no **Anuário Estatístico do Brasil**, publicado pelo Conselho Nacional de Estatística (I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1959), o valor total da **produção agrícola** brasileira foi, em 1957, de cêrca de 194 bilhões de cruzeiros — exatamente Cr\$ 193 948 253 000,00. Na mesma publicação, consta o valor da **produção industrial**, no ano de 1956: cêrca de 455 bilhões de cruzeiros, ou, exatamente — Cr\$ 454 904 075 000,00.

Tais cifras, sem dúvida expressivas, indicam que a produção industrial do país corresponde a cêrca de 2,5 a produção agrícola. Mas não pode significar que o Brasil deixou de ser um **país agrícola** para tornar-se um **país industrial**. Uma afirmativa desta natureza contraria a própria realidade dos fatos.

Na verdade, não possuímos nada que se compare, quer quanto à importância ou à estrutura econômica, quer no que se refere às marcas deixadas na paisagem, com o que se pode observar nas mais típicas **regiões industriais** do Mundo — o Nordeste dos Estados Unidos, a Europa centro-ocidental ou em certas áreas da União Soviética. No que concerne ao equipamento e, mesmo, à técnica, nossa indústria continua na **dependência** dos grandes centros industriais estrangeiros, vivendo e se mantendo, em numerosos casos, graças ao regime do protecionismo alfandegário. Bastante precárias e insuficientes são as nossas **fontes de energia**: o carvão mineral, de qualidade inferior, não basta para satisfazer a demanda do país; o petróleo é, ainda, uma grande esperança; e a energia hidrelétrica somente nos derradeiros anos vem sendo encarada com a seriedade que nossas imensas possibilidades estavam a exigir.

Como se tudo isso não bastasse, cumpre observar que, no valor da produção industrial em 1956, aparecem nos primeiros lugares as **indústrias alimentares**, cujo valor de produção foi de cerca de 111 milhões de cruzeiros, e as **indústrias têxteis**, cujo valor de produção foi de cerca de 77 milhões de cruzeiros, perfazendo ambas um total de cerca de 188 bilhões, isto é, 41% da produção industrial. O terceiro grupo — o das **indústrias metalúrgicas** corresponde a apenas 10% do total, com cerca de 45,5 bilhões de cruzeiros.

Torna-se evidente, portanto, que a indústria brasileira depende estreita e profundamente da produção agrícola, uma vez que são **produtos agro-pecuários** (cereais, cana de açúcar, cacau, derivados do gado, fibras têxteis) que alimentam e garantem mais de 40% do valor da produção industrial (*).

Por outro lado, são **produtos agrícolas** — como o café (em posição incontestável), o algodão, o cacau e o açúcar de cana — que ocupam os primeiros postos em nossa **exportação**, assegurando-nos a maior parte das divisas, de que necessitamos, de maneira vital, para o nosso comércio externo. São a **agricultura** e a **pecuária** que garantem alimento e vestuário para a população brasileira.

Diante de tantas e tão evidentes realidades, ninguém, em sã consciência, pode compreender a posição secundária e quase humilhante a que têm sido condenadas as atividades agro-pecuárias, no país, e o revoltante descaso com que a alta administração as tem tratado, a ponto de ser o Ministério da Agricultura o que apresenta um dos menores e mais sacrificados orçamentos, dentro da União.

Somos dos que acreditam, firmemente, que a futura grandeza econômica do Brasil deve repousar em duas bases igualmente sólidas e poderosas: a **agricultura**, de um lado, e a **indústria**, de outro, sem que uma delas possa embaraçar ou pre-

(*) — A rigor, o valor de tais matérias primas de natureza agro-pecuária (que, naturalmente, figura como um dos componentes do valor da produção agro-pecuária) deveria ser excluído do total da produção industrial, sob pena de ser computado duas vezes. Se assim fôr feito — é evidente — tornar-se-á menor o valor desse último ramo de nossas atividades econômicas.

judicar o progresso técnico e o ininterrupto desenvolvimento da outra. Torna-se necessário que coexistam, fortes ambas, como inevitável consequência da própria conjuntura econômica nacional. E como já vem acontecendo em tantos países do Mundo — o Canadá e a Austrália, a França e a Itália, a própria União Soviética e os Estados Unidos, para somente citar alguns exemplos expressivos.

O presente trabalho, de simples manipulação de dados estatísticos, representa nossa modesta homenagem à agricultura brasileira, tão injustamente esquecida e menosprezada.

II

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA: ASPECTOS GERAIS

As áreas cultivadas — Dentre os produtos agrícolas brasileiros, oito se destacam por ocuparem suas culturas, isoladamente, mais de um milhão de hectares e abrangerem, no conjunto, uma área cultivada de cêrca de 21 milhões de hectares: o milho, o café, o algodão, o arroz, o feijão, o trigo, a mandioca e a cana de açúcar.

O **milho** ocupa, neste particular, posição realmente ímpar, pois seu cultivo se estende por quase 6 milhões de ha, sem encontrar outro que se lhe compare. Pode ser considerado, sem nenhum favor, o mais típico produto agrícola do país, não existindo nenhuma unidade da Federação que não o cultive, em maior ou menor quantidade, independentemente da latitude, do clima ou do solo.

Segue-se-lhe o **café**, a maior riqueza nacional, com uma área cultivada de pouco mais de 4 milhões de ha, sobretudo concentrada no Sudeste brasileiro e no Paraná, embora também possa ser encontrado no Centro-Oeste e no Nordeste.

Vêm, depois, três produtos, cujas áreas cultivadas são superiores a 2 milhões de ha, embora inferiores a 3 milhões: o **algodão**, importantte cultura paulista e nordestina; o **arroz**, em que são rivais São Paulo e Minas Gerais, embora também se destaquem os Estados meridionais, os do Centro-Oeste e o Maranhão; e o **feijão**, grande riqueza mineira, se bem que também do Sul e do Nordeste.

Os três seguintes têm áreas de extensão superior a um milhão de ha, embora inferior a 2 milhões: o **trigo**, riqueza sulriograndense; a **mandioca**, outro produto bem brasileiro; e a **cana de açúcar**, concentrada sobretudo em São Paulo, no Nordeste, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

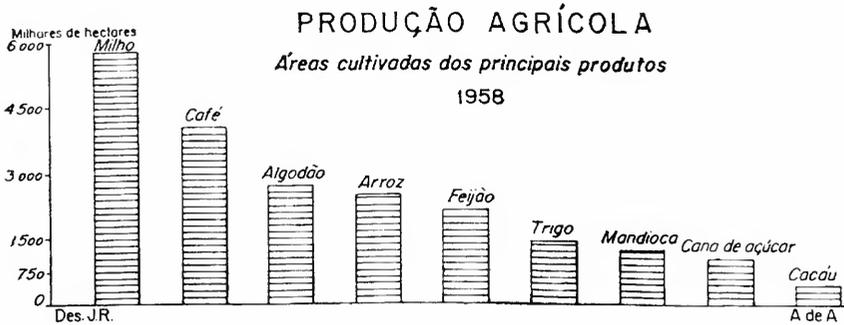


Fig. 1 — *Áreas cultivadas dos principais produtos agrícolas.* — Neste particular, oito produtos se destacam por possuírem mais de um milhão de hectares em áreas cultivadas; e, entre êles, o milho ocupa posição ímpar, por ser sua cultura a mais difundida no país.

Eis a relação dos 8 mais importantes produtos agrícolas brasileiros, com suas respectivas **áreas cultivadas**, em 1958:

	Hectares
1. Milho	5 790 370
2. Café	4 078 501
3. Algodão	2 706 543
4. Arroz	2 514 850
5. Feijão	2 125 703
6. Trigo	1 446 334
7. Mandioca	1 226 661
8. Cana de açúcar	1 027 924

Os demais produtos longe estão de poder ser comparados com os antecedentes. Basta dizer que nenhum dêles possui área cultivada superior a 500 mil ha; e, se tomarmos os 13 citados no "Anuário Estatístico do Brasil", de 1959, ocupam, em conjunto, uma área de 1 752 323 ha, tão sòmente.

E' o **cacaú** o produto que encabeça êsse segundo grupo, com uma área cultivada de cêrca de 461 mil ha, em sua esmagadora maioria situada em território baiano.

Segue-se-lhe a **mamona**, com cêrca de 218 mil ha de área cultivada, difundida principalmente no Nordeste, em São Paulo e Minas Gerais (*).

Vêm, depois, cinco produtos com áreas superiores a 100 mil ha, se bem que inferiores a 200 mil: a **batata inglêsa** ou **batatinha**, bem típica dos Estados meridionais e de Minas Gerais; o **fumo** ou **tabaco**, cujas maiores áreas se localizam no Sul, na Bahia e em Minas Gerais; a **banana**, cultivada sobretudo no Sudeste e no Nordeste; o **agave**, com as maiores áreas situadas no Nordeste; e a **batata doce**, bem característica do Sul, no Nordeste e de Minas Gerais.

Os produtos restantes, todos com áreas inferiores a 100 mil ha, embora superiores a 20 mil, são em número de seis: a **laranja**, principalmente no Sudeste e no Sul; o **côco da Bahia**, riqueza nordestina; a **uva**, riqueza do Sul; a **cebola**, mais difundida nos Estados meridionais, embora também apareça com destaque no Nordeste; a **juta**, riqueza da Amazônia; e o **abacaxi**, cujas áreas de cultivo se localizam, sobretudo, no Sudeste e no Nordeste.

Em 1958, foram as seguintes as **áreas cultivadas** dos produtos atrás citados:

	Hectares
1. Cacau	460 917
2. Mamona	217 719
3. Batata inglêsa	191 952
4. Fumo ou tabaco	181 982
5. Banana	165 854
6. Agave	114 935
7. Batata doce	112 103
8. Laranja	98 286
9. Côco da Bahia	66 072
10. Uva	55 815
11. Cebola	38 702
12. Juta	25 832
13. Abacaxi	22 754

(*) — Em área, a cultura do **amendoim** é superior à da mamona, pois abrange 228 830 ha (1958). Todavia, somos forçados a não tomá-la em consideração, porque, no “Anuário Estatístico do Brasil”, de 1959, não figuram os dados referentes aos centros produtores, tornando impossíveis outras comparações.

Volume da produção — No que se refere ao volume da produção em toneladas, a **cana de açúcar** ocupa posição verdadeiramente excepcional entre todos os produtos agrícolas, com mais de 50 milhões de t.

Segue-se-lhe, em preeminente posição, a **mandioca**, com mais de 15 milhões de t.

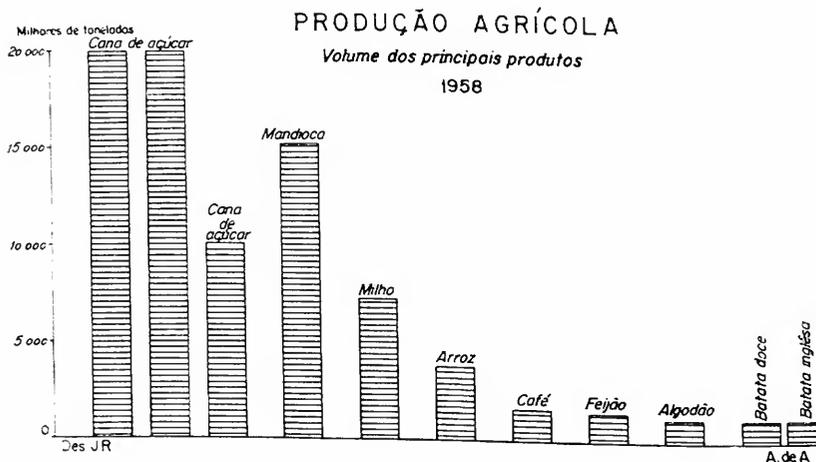


Fig. 2 — Volume da produção das mais importantes riquezas agrícolas. — No que se refere ao volume, nenhum outro produto agrícola pode ser comparado com a cana de açúcar, cuja produção foi superior a 50 milhões de ton, em 1958.

Vem, depois, o grupo dos que aparecem com produção superior a 3 milhões de t, embora inferior a 8 milhões: o **milho**, com mais de 7 milhões; e o **arroz**, com mais de 3,8 milhões.

Seguem-se os produtos cuja produção é inferior a 2 milhões de t, se bem que superior a um milhão: o **café**, o **feijão**, o **algodão**, a **batata doce** e a **batata inglesa**.

De acôrdo com os dados referentes a 1958, foi o seguinte o **volume de produção** dêsses nove principais produtos:

	Toneladas
1. Cana de açúcar	50 018 539
2. Mandioca	15 379 649
3. Milho	7 370 101
4. Arroz em casca	3 829 276
5. Café	1 695 855

6. Feijão	1 453 607
7. Algodão	1 143 320
8. Batata doce	1 052 155
9. Batata inglesa	1 018 548

Dentre os restantes produtos agrícolas, ocupam posição de maior destaque, pela quantidade produzida, particularmente o **trigo**, a **uva** e o **côco da Bahia**, conforme pode-se verificar pelos seguintes dados, referentes a 1958:

	Toneladas
1. Trigo	588 990
2. Uva	396 040
3. Côco da Bahia	371 644 (*)
4. Cebola	180 180
5. Mamona	173 316
6. Cacau	164 186
7. Fumo em fôlha	143 027
8. Agave	104 845
9. Juta	31 240

Todavia, não figuraram nessas relações as quantidades de produção das três mais importantes frutas brasileiras: a **banana**, com 229 753 000 cachos, em 1958; a **laranja**, com 7 471 654 000 frutos; e o **abacaxi**, com 156 136 000 frutos.

Valor da produção -- Dos aspectos gerais, aqui abordados, é o **valor da produção** o mais significativo de todos, já que retrata, com fidelidade, a importância de cada produto para a economia nacional.

Neste particular, como de longa data vem acontecendo, cabe ao **café** a posição de maior destaque no panorama agrícola brasileiro, porque, com seus 48,5 bilhões de cruzeiros, corresponde a um quarto do valor total da produção agrícola do país. Sem dúvida, ultrapassada já se acha a época em que, no Brasil, dominava a monocultura cafeeira; mas é inegável que a famosa rubiácea continua a reinar, sem competidor sério, na fase policultora em que vivemos.

(*) — Em 1958, o volume da produção do **amendoim** foi de 308 268 toneladas, inferior ao do **côco da Bahia**, mas superior ao da **cebola**.

Seguem-se-lhe dois importantes cereais — o **arroz** e o **mi-
lho**, com produção superior a 20 bilhões de cruzeiros, embora inferior a 30 bilhões.

Vem, depois, um grupo mais ou menos equilibrado, representado por quatro produtos — o **algodão**, a **cana de açúcar**, a **mandioca** e o **feijão**, cujo valor de produção é superior a 10 bilhões de cruzeiros, se bem que inferior a 20 bilhões.

Eis o **valor da produção** desses sete mais importantes produtos de nossa economia agrícola, de acôrdo com os dados de 1958:

Cr\$ 1 000

1.	Café	48 566 458
2.	Arroz em casca	29 498 467
3.	Milho	23 808 596
4.	Algodão	17 015 317
5.	Cana de açúcar	16 690 880
6.	Mandioca	13 910 878
7.	Feijão	11 764 505

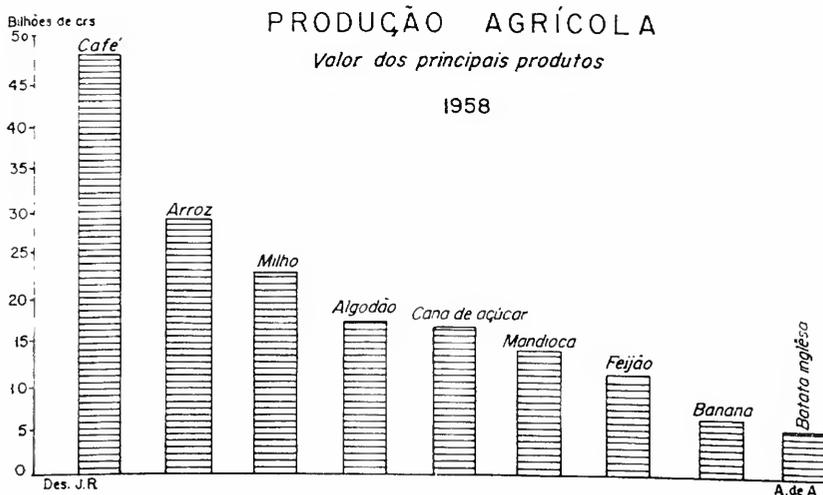


Fig. 3 — Valor da produção das maiores riquezas agrícolas. — Cerca de 80% do valor total da produção agrícola brasileira provêm de, apenas, sete produtos: café, arroz, milho, algodão, cana de açúcar, mandioca e feijão. Mas o café continua sendo a maior riqueza agrícola do país.

Tais cifras apresentam um alto significado: correspondem a cerca de 80% do valor total da produção agrícola brasileira.

Os restantes 20% dividem-se por numerosos outros produtos, entre os quais aparecem com maior destaque a **banana**, a **batata inglesa**, o **trigo**, o **cacau** e a **laranja**, conforme pode ser verificado pela relação abaixo, referente a 1958:

Cr\$ 1 000	
1. Banana	5 695 827
2. Batata inglesa	5 064 310
3. Trigo	4 991 732
4. Cacau	4 587 646
5. Laranja	3 976 410
6. Fumo em fôlha	2 805 420
7. Cebola	2 238 076
8. Batata doce	1 883 507 (*)
9. Uva	1 652 075
10. Côco da Bahia	1 465 746
11. Mamona	972 282
12. Agave	708 867
13. Abacaxi	655 181
14. Juta	340 969

(*) — Em 1958, o valor da produção do amendoim foi superior ao da batata doce:
Cr\$ 1 931 254 000,00.

III

CAFÉ, RIQUEZA BRASILEIRA

As áreas cafeeiras — Em nosso país, a cultura do café pode ser encontrada em quatro das cinco regiões brasileiras: no Sul, no Leste, no Centro-Oeste e no Nordeste pròpriamente dito. Todavia, é sobretudo no chamado Sudeste brasileiro e no Paraná que se concentram os maiores cafezais.

No que se refere às áreas cultivadas, dois Estados ocupam posição de particular destaque: **São Paulo**, com quase 1 620 000 ha, que se localizam nas áreas cristalinas e sedimentares de sua porção centro-ocidental; e o **Paraná**, com mais de um milhão de ha, localizados em sua porção setentrional — o Norte do Paraná.

Seguem-se-lhe dois outros, pertencentes ao Leste: **Minas Gerais**, com cêrca de 80 000 ha, situados no Sul de Minas e na chamada Zona da Mata mineira; e o **Espírito Santo**, com cêrca de 320 000 ha, que se concentram em sua porção centro-meridional.

Na atualidade, são êsses os centros produtores que possuem maiores áreas de cultivo, já que contêm 92% do total do país, dos quais 65% encontram-se em terras paulistas e paranaenses.

Os demais Estados produtores aparecem em posição secundária, com áreas inferiores a 100 000 ha; entre êles, sobressaem-se outros quatro: a **Bahia**, o **Rio de Janeiro** (que, no passado, tão importante posição ocupou, neste particular), **Goiás** e **Pernambuco**.

Em 1958, assim se repartiram as principais áreas cultivadas, no país:

	Hectares
1. São Paulo	1 619 520
2. Paraná	1 032 776
3. Minas Gerais	781 738
4. Espírito Santo	321 697
5. Bahia	99 393
6. Rio de Janeiro	63 595
7. Goiás	63 043
8. Pernambuco	59 194
9. Ceará	13 629
10. Mato Grosso	12 877
11. Santa Catarina	5 193
12. Alagoas	4 186

A produção cafeeira — Como é natural, a repartição das áreas de cultivo comanda a distribuição geográfica dos **centros de maior produção**. Daí a posição de destaque ocupada por São Paulo e Paraná, que se vêm seguidos por Minas Gerais e Espírito Santo. Todavia, a comparação entre as cifras atrás citadas e as referentes à produção vem revelar alguns fatos significativos e, até, surpreendentes, pois demonstra as diferenças existentes quanto ao **rendimento** ou **produtividade** das terras cultivadas; ou, pelo menos, autoriza-nos a assim constatar.

Encarados no conjunto, os quatro Estados produzem 91% do total brasileiro, dos quais 66% cabem a **São Paulo** e ao **Paraná**, reunidos, aparecendo o primeiro com uma produção de cerca de 620 000 toneladas e o segundo com cerca de 508 000. Seguem-se **Minas Gerais**, com cerca de 280 000 toneladas, e o **Espírito Santo**, com 151 000. Como se verifica, tanto no que se refere às áreas cultivadas, como no que diz respeito à produção, cada um deles conserva a mesma posição, da mesma forma que, conjuntamente, em relação aos demais centros produtores do país.

No entanto, diferenças substanciais aparecem quando examinamos cada um isoladamente e cotejamos os dados pertinentes às áreas cultivadas e à produção. Na verdade, surpreendentemente é a seguinte sua posição, quanto à produtividade:

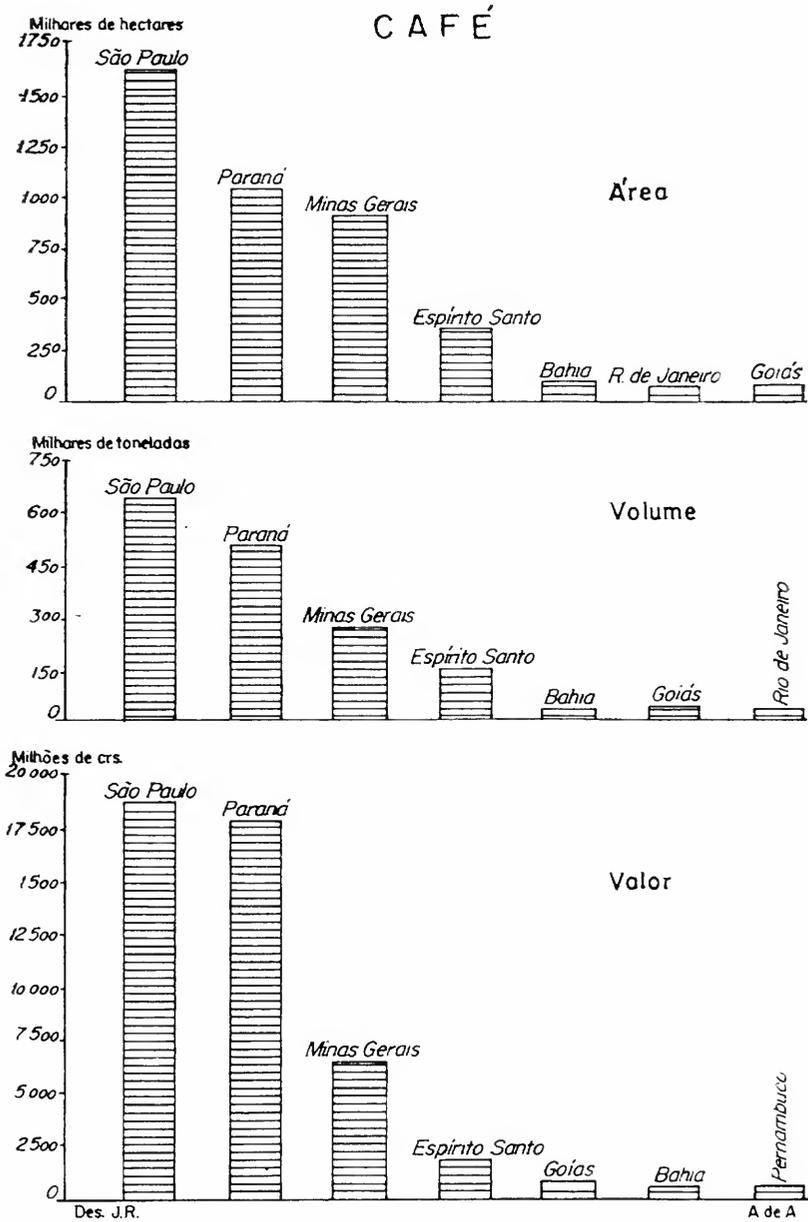


Fig. 4 — Os maiores centros produtores de café, segundo a área, o volume e o valor da produção.

Quilos por ha

1. Paraná	492
2. Espírito Santo	471
3. São Paulo	383
4. Minas Gerais	358

Evidentemente, não causa surpresa a posição do Paraná, colocado no primeiro posto, já que o Norte do Paraná correspondente à área mais nova da expansão cafeeira (onde a cultura se instalou há somente 30 anos), possuindo solos afamados por sua excepcional produtividade. O que nos enche de espanto é a posição do Espírito Santo, que aparece com um rendimento quase igual ao do Paraná e com cerca de 90 quilos, por hectare, superior ao de São Paulo. A idade dos cafezais e a natureza dos solos (oriundos de rochas cristalinas) bastariam para que se pusesse em dúvida essa produtividade das culturas espírito-santenses; todavia, a veracidade de tais cifras torna-se, realmente, periclitante, quando se toma conhecimento do estado atual de suas lavouras e da precariedade das técnicas utilizadas quer no cultivo, como na colheita e no beneficiamento do produto. Trata-se, por conseguinte, de cifras que não correspondem à realidade dos fatos, cabendo aos responsáveis pelos serviços do Conselho Nacional de Estatística investigar, com o indispensável cuidado, a razão de ser tão clamorosa discrepância.

Em posição secundária, aparecem os quatro centros produtores, já citados quando examinamos as áreas de cultivo: a **Bahia**, com pouco mais de 36 000 toneladas; **Goiás**, com cerca de 35 500; **Rio de Janeiro**, com cerca de 27 500; e **Pernambuco**, com quase 21 000. Em posição diferente aparecem, entretanto, se levarmos em conta a produtividade de suas lavouras; eis as cifras que se obtêm, quando comparamos as áreas de cultivo e a produção de cada um dêles:

Quilos por ha

1. Goiás	563
2. Rio de Janeiro	432
3. Bahia	364
4. Pernambuco	354

Diante de tais cifras, assaltam-nos novas e mais sérias dúvidas: será lícito admitir-se que as culturas de Goiás sejam as mais produtivas do país, fornecendo mais de 50 quilos, por hectare, que as do Norte do Paraná? poder-se-á, logicamente, admitir que os velhos e cansados cafezais fluminenses tenham maior rendimento que os de São Paulo, ultrapassando o destes em cerca de 50 quilos, por hectare? São perguntas que, respeitosamente, daqui endereçamos aos nossos técnicos em estatística

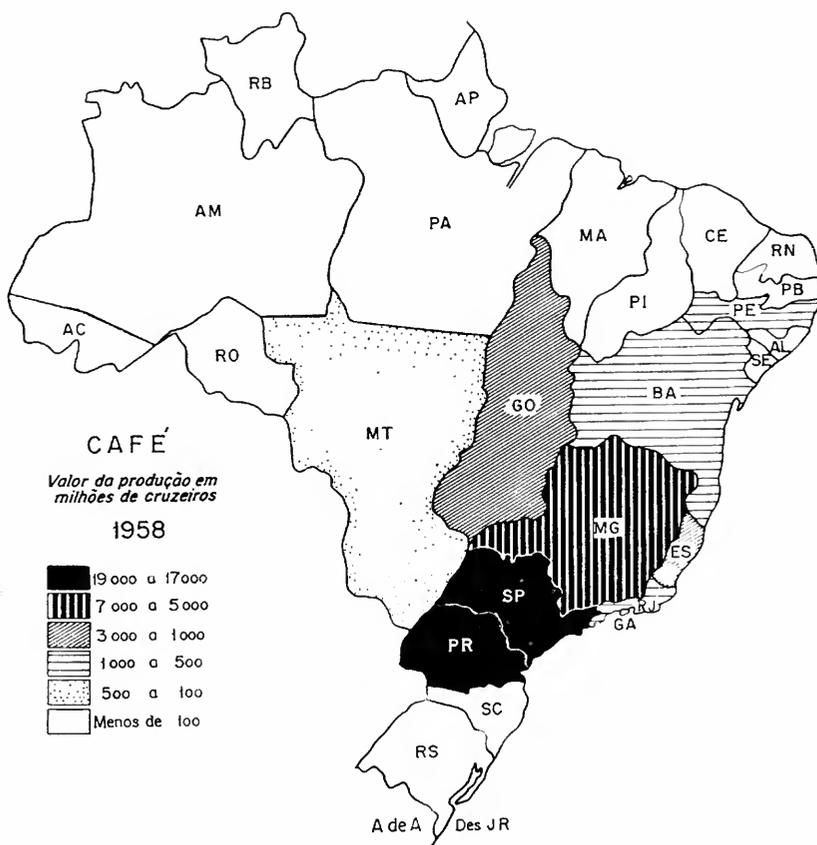


Fig. 5 — Repartição geográfica da produção de café, de acordo com o respectivo valor. — São Paulo e Paraná vêm disputando o primeiro posto, na produção do café. Os demais produtores não se lhes comparam, no que concerne ao valor da produção.

cas econômicas, na esperança de que venha a ser desfeita a perplexidade em que se encontram os geógrafos.

De acôrdo com os dados referentes a 1958, foi a seguinte a **produção** do café, nos maiores centros produtores do país:

	Toneladas
1. São Paulo	620 399
2. Paraná	508 835
3. Minas Gerais	280 218
4. Espírito Santo	151 633
5. Bahia	36 191
6. Goiás	35 496
7. Rio de Janeiro	27 479
8. Pernambuco	20 976
9. Mato Grosso	6 141
10. Santa Catarina	2 966
11. Ceará	2 853
12. Alagoas	1 845

O valor da produção cafeeira — No que se refere ao **valor da produção**, realmente excepcional é a posição ocupada pelos dois maiores Estados produtores: **São Paulo** aparece com 18,7 bilhões de cruzeiros, ao passo que o **Paraná** surge com 17,6 bilhões. Isto significa que ambos, em conjunto, contribuem com 70% do valor total da produção nacional de café, o que muito bem reflete a boa qualidade do produto que sai dos cafezais paulistas e paranaenses.

Seguem-se-lhes três Estados: **Minas Gerais**, com 6,6 bilhões de cruzeiros; **Espírito Santo**, com 2,2 bilhões; e **Goiás**, com pouco mais de um bilhão — o que, englobadamente, corresponde a 20% do valor total do país.

Um terceiro grupo, com um valor de produção inferior a um bilhão, embora superior a 100 milhões de cruzeiros, é constituído por quatro Estados: **Bahia**, **Pernambuco**, **Rio de Janeiro** e **Mato Grosso**.

Em 1958, foi o seguinte o **valor da produção** do café, nos principais centros de produção:

	Cr\$ 1 000
1. São Paulo	18 723 627
2. Paraná	17 696 506
3. Minas Gerais	6 643 672
4. Espírito Santo	2 210 156
5. Goiás	1 039 022
6. Bahia	733 391
7. Pernambuco	537 681
8. Rio de Janeiro	532 844
9. Mato Grosso	192 986
10. Ceará	90 888
11. Santa Catarina	74 368
12. Alagoas	63 831

IV

ARROZ E MILHO. CEREAIS BÁSICOS

Duas culturas temporárias — Depois de uma cultura permanente, de caráter comercial, cujo produto se destina à transformação industrial — como é o caso do **café** — destacam-se na economia agrícola brasileira, por sua importância, duas culturas temporárias, de caráter sobretudo comercial, embora possam ser de subsistência: o **arroz** e o **milho**, os mais importantes cereais do país.

Reunidos, ocupam uma **área** de cultivo duas vezes mais extensa que a do café (mais de 8 300 000 ha), com uma **produção** sete vezes superior (cerca de 11 200 000 toneladas), se bem que com um **valor** comparável (53,3 bilhões de cruzeiros).

O arroz — A cultura deste cereal alimentício concentra-se, em nosso país, principalmente, no Sul, no Centro-Oeste e, excepcionalmente, no Maranhão. Sem falar no trigo (cuja produção, por insuficiente, ainda não conseguiu libertar o Brasil da importação), é o mais difundido e vulgarizado dos cereais alimentícios, não deixando de figurar, diariamente, à mesa da grande maioria dos brasileiros, salvo nas áreas em que a farinha de mandioca constitui a base da alimentação cotidiana (como no sertão do Nordeste e na Amazônia)

São Paulo e **Minas Gerais**, no que se refere às **áreas cultivadas**, ocupam os primeiros lugares — o primeiro com mais de 590 000 ha, o segundo com mais de 528 000. Seguem-se-lhes: **Goiás** e **Rio Grande do Sul**, com áreas quase idênticas, girando em torno de 267 000 ha; o **Maranhão**, o **Paraná** e **Mato Grosso**, todos com áreas superiores a 100 000 ha. Do total do país,

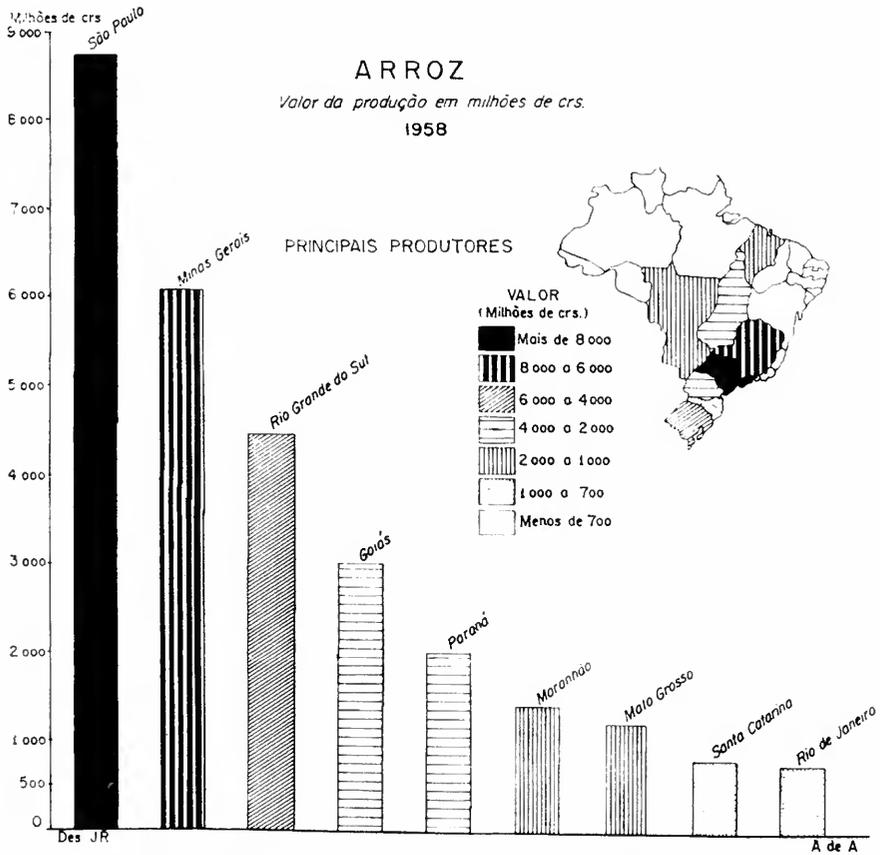


Fig. 6 — Os grandes centros produtores de arroz. — São Paulo ocupa o primeiro lugar no país, não somente quanto ao valor da produção, mas também no que se refere à área cultivada e ao volume.

nada menos de 44% dessas áreas de cultivo localizam-se em terras paulistas e mineiras.

Em 1958, assim se repartiram as maiores áreas cultivadas do arroz, no país:

Hectares	
1. São Paulo	590 515
2. Minas Gerais	528 086
3. Goiás	287 913
4. Rio Grande do Sul ...	286 445

5.	Maranhão	209 548
6.	Paraná	188 867
7.	Mato Grosso	118 244
8.	Rio de Janeiro	59 937
9.	Santa Catarina	59 165
10.	Espírito Santo	23 447

Quanto à **produção** do arroz em casca, a situação apresenta algumas alterações, em relação à ordem dos produtores, que testemunham, certamente, as diferenças de rendimento ou produtividade. Os primeiros lugares vêm sendo disputados por três Estados: **São Paulo**, com cerca de 832 000 toneladas, oriundas dos centros produtores localizados no Planalto Ocidental, na Planície do Paraíba e na região da Ribeira de Iguape; **Rio Grande do Sul**, com 805 000 toneladas, saídas sobretudo da Depressão do Jacuí; e **Minas Gerais**, com cerca de 728 000 toneladas, produzidas especialmente na Zona da Mata. Os três reunidos produzem 61% do total brasileiro.

Numa posição de relativo destaque aparece, a seguir, **Goiás**, com cerca de 412 000 toneladas, provenientes de sua rica porção meridional.

Vem, depois, um grupo de quatro produtores, cuja produção é superior 100 000 toneladas, embora inferior a 255 000: o **Maranhão**, em cujas terras o arroz vem sendo plantado desde longo tempo; o **Paraná**, graças às suas culturas da porção setentrional; **Mato Grosso** e **Santa Catarina**.

De acôrdo com os dados referentes a 1958, foram os seguintes os Estados de maior **produção** de arroz em casca:

	Toneladas	
1.	São Paulo	832 323
2.	Rio Grande do Sul ...	805 034
3.	Minas Gerais	728 743
4.	Goiás	412 286
5.	Maranhão	250 852
6.	Paraná	210 110
7.	Mato Grosso	162 571
8.	Santa Catarina	134 132
9.	Rio de Janeiro	93 809
10.	Espírito Santo	35 463

No que diz respeito ao **valor** da produção, constata-se um escalonamento mais harmônico dos centros produtores, embora 50% do total do país provenham de apenas dois Estados: **São Paulo**, com 8,7 bilhões de cruzeiros; e **Minas Gerais** com 6 bilhões.

Seguem-se-lhes: o **Rio Grande do Sul**, com 4,4 bilhões; **Goiás**, com 3 bilhões; **Paraná**, com 2 bilhões; **Maranhão**, com 1,2 bilhões; **Mato Grosso**, com 1,1 bilhões; **Santa Catarina**, com 798 milhões; e **Rio de Janeiro**, com 752 milhões de cruzeiros.

E' o que se constata, ao se examinar a relação dos maiores centros produtores, segundo o **valor** da produção, no ano de 1958:

	Cr\$ 1 000
1. São Paulo	8 741 599
2. Minas Gerais	6 095 457
3. Rio Grande do Sul ..	4 402 579
4. Goiás	3 015 768
5. Paraná	2 009 669
6. Maranhão	1 285 442
7. Mato Grosso	1 199 021
8. Santa Catarina	798 220
9. Rio de Janeiro	752 449
10. Espírito Santo	196 936

O milho

Apesar do caráter de "universalidade", de que se reveste a cultura do milho, em nosso país, algumas áreas ocupam posição de maior destaque, de maneira especial o Sul e o Leste. Juntamente com o da mandioca, seu cultivo remonta à época pré-cabralina, já que o indígena o praticava, a exemplo do que acontece com os que, ainda hoje, permanecem afastados de nossa civilização. E', sem dúvida, uma cultura comercial, destinada à engorda de animais e à transformação industrial, fornecendo importante variedade de sub-produtos (**maizena**, produtos **glicosados**, **óleo** comestível, etc.). Mas também pode aparecer como cultura de subsistência, através das modestas "roças" mantidas pela nossa população rural, que o utiliza largamente como alimento, quer cozido, quer sob a forma do **fubá** (substituto da farinha de tri-

go), da **farinha**, da **pamonha** ou do **curáu** e na engorda de animais.

No que concerne às **áreas** de produção, quatro Estados destacam-se em relação aos demais: **Minas Gerais**, com cerca de 1 240 000 ha; o **Rio Grande do Sul**, com mais de 1 100 000; **São Paulo**, com mais de 990 000; e o **Paraná**, com cerca de 830 000. Em conjunto, abrangem quase 55% do total cultivado, no país.

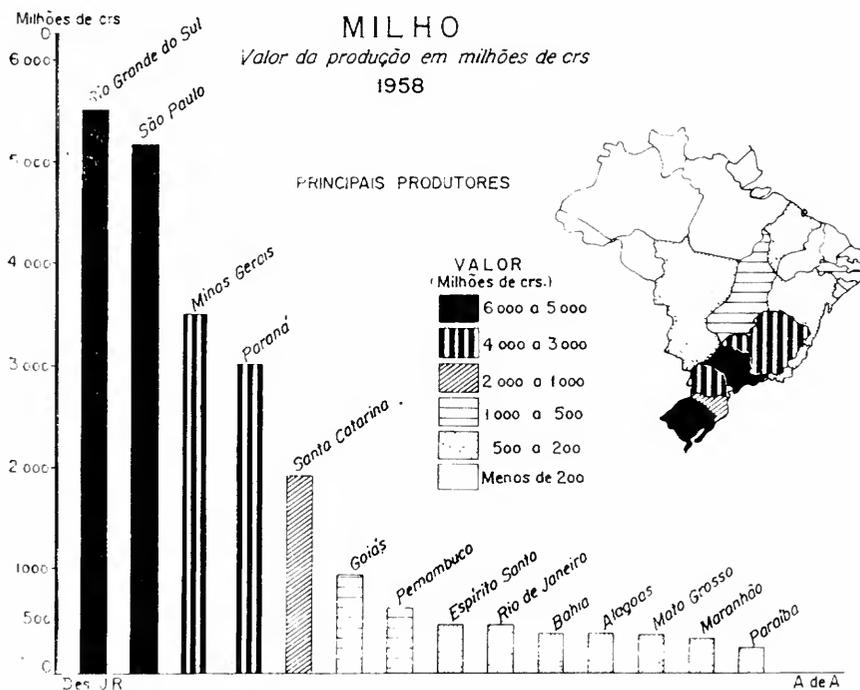


Fig. 7 — Os grandes centros produtores de milho. — Quanto à área cultivada e ao volume da produção, Minas Gerais é o maior produtor brasileiro. Todavia, quanto ao valor, Rio Grande do Sul e São Paulo o superam.

Seguem-se-lhes com importância menor: **Santa Catarina**, **Pernambuco**, **Goiás**, **Espírito Santo**, **Maranhão**, **Bahia** e **Rio de Janeiro**, todos com áreas superiores a 100 000 ha, mas inferiores a 300 000.

Em 1958, assim se repartiram as maiores **áreas** de produção do milho, no país:

	Hectares
1. Minas Gerais	1 239 075
2. Rio Grande do Sul ..	1 106 320
3. São Paulo	991 276
4. Paraná	833 579
5. Santa Catarina	283 532
6. Pernambuco	177 531
7. Goiás	152 822
8. Espírito Santo	142 820
9. Maranhão	130 659
10. Bahia	128 180
11. Rio de Janeiro	113 034
12. Alagoas	96 871
13. Paraíba	77 370
14. Mato Grosso	70 891

As estatísticas referentes à **produção** refletem, com bastante aproximação, essa repartição das áreas cultivadas. Na mesma ordem, aparecem os maiores centros produtores: **Minas Gerais**, com 1 660 000 toneladas; **Rio Grande do Sul**, com quase 1 484 000; **São Paulo**, com mais de 1 404 000; e o **Paraná**, com 1 153 000. Tais centros se notabilizam pela elevada produtividade, porque, ocupando 55% das áreas de cultivo do país, fornecem-lhe nada menos de 77% do total produzido.

Em posição especial, surge **Santa Catarina**, a ocupar o quinto lugar, com quase 549 000 toneladas.

Vêm, depois, com menor importância: **Goiás**, **Espírito Santo**, **Pernambuco**, **Bahia** e **Rio de Janeiro**, com cifras inferiores a 260 000 toneladas, se bem superiores a 100 000.

Foi a seguinte a distribuição dos maiores centros produtores, tendo em vista a **produção**, no ano de 1958:

	Toneladas
1. Minas Gerais	1 660 200
2. Rio Grande do Sul ..	1 483 775
3. São Paulo	1 404 435
4. Paraná	1 153 222
5. Santa Catarina	548 287
6. Goiás	258 832
7. Espírito Santo	130 928
8. Pernambuco	119 447
9. Bahia	114 412

10. Rio de Janeiro	100 023
11. Mato Grosso	89 960
12. Maranhão	84 042
13. Alagoas	73 019
14. Paraíba	38 621

No que diz respeito ao **valor** da produção, algumas alterações se registram, embora não de grande monta.

Rio Grande do Sul, com 5,5 bilhões de cruzeiros, e **São Paulo**, com 5,1 bilhões, disputam o primeiro lugar, concorrendo com cêrca de 44% do valor da produção brasileira de milho.

Seguem-se-lhes, a disputar o segundo posto, **Minas Gerais**, com 3,5 bilhões, e o **Paraná**, com 3 bilhões, o que significa que, englobadamente, contribuem ambos com 28% do total do país.

Em posição ainda especial, aparece **Santa Catarina**, em quinto lugar, com 1,8 bilhões de cruzeiros.

Os nove Estados produtores, que vêm a seguir, não alcançam valor superior a um bilhão, mas apresentam cifras superiores a 200 milhões de cruzeiros. Dentre êles, quatro merecem uma referência especial: **Goiás**, **Pernambuco**, **Espírito Santo** e **Rio de Janeiro**, cujo valor da produção ultrapassa a cifra de 400 milhões de cruzeiros.

São fatos que podem ser constatados ao examinar-se a seguinte relação de produtores, com os respectivos **valores** da produção de milho:

	Cr\$ 1 000
1. Rio Grande do Sul ..	5 507 697
2. São Paulo	5 187 211
3. Minas Gerais	3 528 086
4. Paraná	3 093 126
5. Santa Catarina	1 837 732
6. Goiás	982 534
7. Pernambuco	604 815
8. Espírito Santo	463 079
9. Rio de Janeiro	458 595
10. Bahia	381 814
11. Alagoas	359 431
12. Mato Grosso	359 411
13. Maranhão	277 486
14. Paraíba	229 287

ALGODÃO E CANA DE AÇÚCAR. CULTURAS INDUSTRIAIS

Analogias entre duas culturas — Muitas identidades reúnem, em nosso país, o **algodão** e a **cana de açúcar**: são ambas culturas destinadas a transformações industriais, representando o primeiro a base sobre a qual se assentam nossas indústrias têxteis e a segunda o tradicional fundamento de nossa indústria açucareira; ambos apresentam um dominante caráter comercial; possuem ambos um valor de produção quase equivalente; constituem os dois, finalmente, importantes sustentáculos da economia agrícola de São Paulo e dos Estados nordestinos.

Encaradas em conjunto, essas duas culturas aparecem em posição de excepcional destaque dentro da economia do país. Somente o café as sobrepuja, como provedor de **divisas**, obtidas através da exportação. Em **área cultivada**, rivalizam, de perto, com a ocupada pelos cafezais, pois se estendem por mais de 3 700 000 ha. Em **volume** de produção, não encontram qualquer outro produto com o qual possam ombrear-se, fornecendo mais de 51 milhões de toneladas, graças à produção canavieira, excepcionalmente volumosa. No **valor** da produção, ultrapassam o do milho e o do arroz, com seus 33,7 bilhões de cruzeiros, embora não consigam alcançar o da riqueza cafeeira.

Sem competidor, **São Paulo** aparece como o principal produtor tanto de um, como de outro desses produtos agrícolas.

O algodão — De longa data, o algodão vê-se cultivado no país e espécies perenes são encontradas, em estado nativo, no Nordeste. Como uma das grandes riquezas do país, sua importância data de época recente.

remontando à década de 1930-40, quando teve lugar o surto algodoeiro em terras paulistas.

Em **área cultivada**, **São Paulo** ocupa o primeiro lugar, com extensão de quase 692 000 ha (cêrca de 25% do total brasileiro), localizados sobretudo no Planalto Ocidental.

Seguem-se-lhes quatro Estados nordestinos, que dispõem de 51% da área de cultura algodoeira do país: o **Ceará**, com mais de 360 000 ha; o **Rio Grande do Norte**, com cêrca de 346 000; **Pernambuco**, com quase 344 000; e a **Paraíba**, com cêrca de 332 000.

Os demais possuem áreas cultivadas com extensão inferior a 135 000 ha, merecendo destaque: **Minas Gerais**, **Paraná** e **Maranhão**.

Neste particular, assim se distribuem os maiores produtores brasileiros, de acôrdo com os dados de 1958:

	Hectares
1. São Paulo	691 804
2. Ceará	361 876
3. Rio Grande do Norte ..	345 790
4. Pernambuco	343 946
5. Paraíba	331 960
6. Minas Gerais	130 516
7. Paraná	130 033
8. Maranhão	100 168
9. Bahia	79 774
10. Alagoas	76 528
11. Sergipe	23 307

Ímpar e ainda mais expressiva é a posição de **São Paulo** no que tange à **produção**: com cêrca de 576 000 toneladas, fornece nada menos do que 50% do total do país — fato que espelha, admiravelmente, a produtividade de sua área algodoeira, cuja extensão, como já se viu, não vai além de 25% da área produtora brasileira.

Em segundo lugar, em posição não menos significativa, aparece o **Paraná**, com suas culturas da região setentrional: não contando com mais do que 5% da área de cultivo do país, produz cêrca de 9% da produção algodoeira, com mais de 114 500

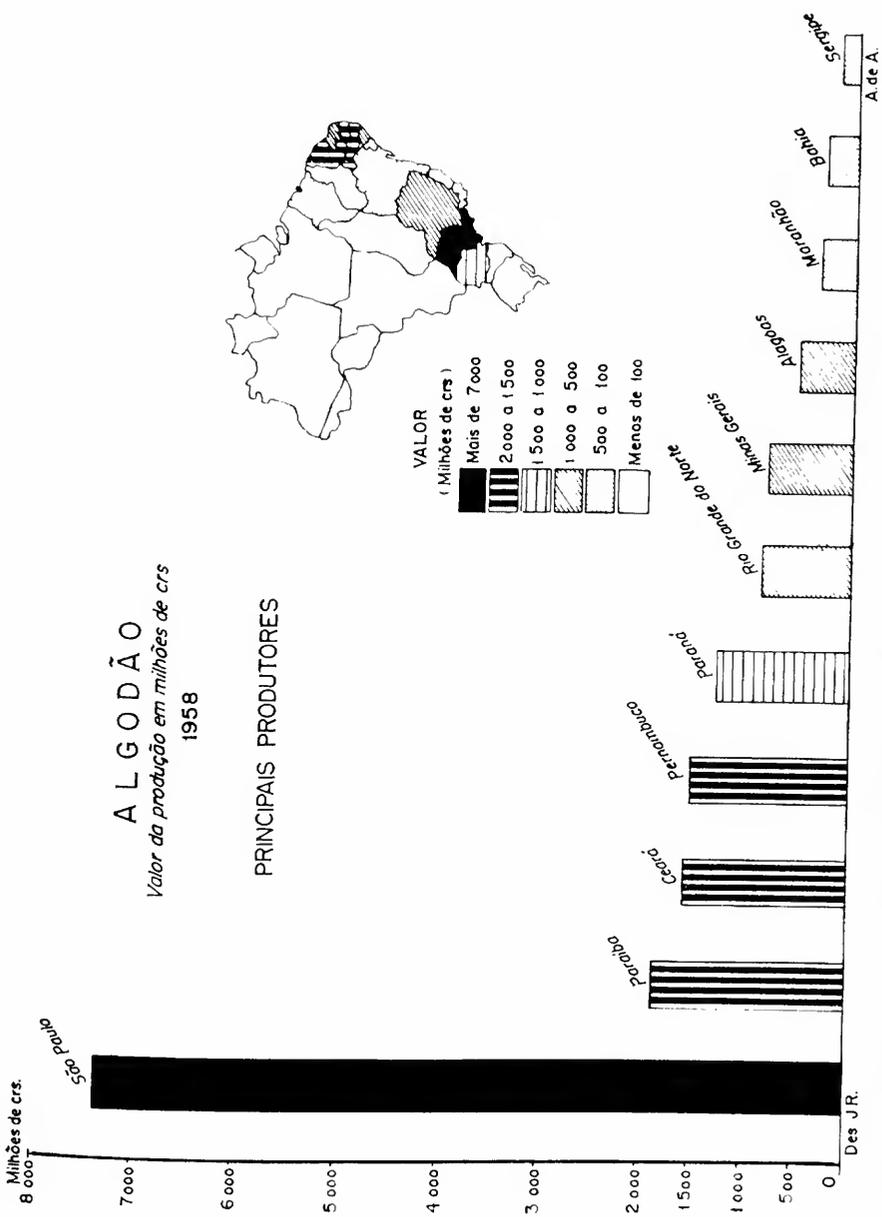


Fig. 8 — *Os maiores centros produtores de algodão.* — No panorama da produção algodoeira, a posição de São Paulo é, realmente, excepcional, sobrepujando a produção global dos Estados nordestinos.

toneladas, superando a dos mais importantes centros nordestinos, cujas áreas cultivadas, em média, são 2,5 vêzes mais extensas.

Seguem-se-lhe quatro Estados, dos quais três pertencentes ao Nordeste: a **Paraíba**, com cêrca de 73 700 toneladas; **Minas Gerais**, com mais de 72 000; **Ceará**, com cêrca de 66 500; e **Pernambuco**, com cêrca de 65 500.

Os demais têm produção inferior a 36 000 toneladas, destacando-se: a **Bahia**, o **Maranhão**, o **Rio Grande do Norte** (que ocupa o 3.º lugar, no país, quanto à área cultivada) e **Alagoas**.

E' o que demonstra, com maiores detalhes, a relação abaixo, referente ao ano de 1958:

	Toneladas
1. São Paulo	575 891
2. Paraná	114 579
3. Paraíba	73 720
4. Minas Gerais	72 382
5. Ceará	66 569
6. Pernambuco	65 517
7. Bahia	35 860
8. Maranhão	35 522
9. Rio Grande do Norte ..	33 287
10. Alagoas	27 224
11. Sergipe	8 018

No que se refere ao **valor** da produção, excepcional também é a posição ocupada por **São Paulo**, pois contribui com 7,3 bilhões de cruzeiros, vale dizer, 43% do valor da produção algodoeira nacional.

Em seguida, aparecem quatro Estados produtores, dos quais apenas um não é nordestino: a **Paraíba**, com 1,8 bilhões de cruzeiros; **Ceará**, com 1,55 bilhões; **Pernambuco**, com 1,51 bilhões; e o **Paraná**, com 1,2 bilhões— cifras que não deixam de ser desconcertantes, por não corresponderem ao volume da produção de tais centros produtores.

Vêm, depois, os Estados com valor de produção inferior a um bilhão de cruzeiros, entre os quais merecem ser destacados três, pelo menos: o **Rio Grande do Norte**, com mais de 854 mi-

lhões de cruzeiros; **Minas Gerais**, com cêrca de 827 milhões; e **Alagoas**, com mais de 528 milhões — cifras que, também, em muitos casos, são desconcertantes.

São os seguintes os dados referentes a 1958, no que diz respeito ao **valor** da produção:

	Cr\$ 1 000
1. São Paulo	7 346 091
2. Paraíba	1 880 560
3. Ceará	1 559 428
4. Pernambuco	1 517 766
5. Paraná	1 271 406
6. Rio Grande do Norte	854 765
7. Minas Gerais	827 497
8. Alagoas	528 601
9. Maranhão	380 855
10. Bahia	341 767
11. Sergipe	140 178

A cana de açúcar — Durante cêrca de quatro séculos, foi o **Nordeste** brasileiro o empório incontestado da produção de cana de açúcar, graças aos velhos, mas incansáveis canaviais de sua Zona da Mata; e **Pernambuco** liderava os centros produtores regionais. A seu lado, **Rio de Janeiro**, **Minas Gerais** e **Bahia** eram outras áreas tradicionais e de importância.

Todavia, nos derradeiros 30 anos, teve lugar a surpreendente ascensão de **São Paulo**, que, em época recente, assumiu o comando da produção canavieira nacional, de maneira verdadeiramente espetacular, tanto no que se refere à área cultivada, como quanto ao volume e ao valor da produção.

Em relação às áreas de cultivo, quatro Estados aparecem nos primeiros lugares: **São Paulo**, com 315 500 ha, que se concentram sobretudo em sua porção centro-oriental; **Pernambuco**, com cêrca de 206 500 ha, localizados, como sempre, em sua Zona da Mata; **Minas Gerais**, com 169 400 ha, situados na Zona da Mata mineira; e **Rio de Janeiro**, com mais de 103 600 ha, que se concentram na Baixada de Campos.

Sòmente êsses quatro centros produtores congregam 77% da área canavieira do país, cabendo a São Paulo cêrca de 30% e a Pernambuco cêrca de 20%.

Os demais, dispõem de áreas inferiores a 85 000 ha, destacando-se, entre êles: **Alagoas**, com 82 500; **Bahia**, com mais de 53 000; e o **Rio Grande do Sul**, com cêrca de 45 500.

Em 1958, assim se repartiram as principais áreas de cultivo da cana de açúcar:

	Hectares
1. São Paulo	315 522
2. Pernambuco	206 495
3. Minas Gerais	169 433
4. Rio de Janeiro	103 636
5. Alagoas	82 492
6. Bahia	53 248
7. Rio Grande do Sul ...	45 481
8. Paraíba	32 674
9. Goiás	29 697
10. Santa Catarina	28 316
11. Ceará	26 516
12. Sergipe	20 174
13. Espírito Santo	19 937
14. Paraná	19 484

No que concerne ao **volume da produção**, excepcional é a posição de **São Paulo**, porque fornece, sòzinho, 33% da produção brasileira, mais de 16 500 000 toneladas, o que corresponde a um rendimento de 52 toneladas de cana, por hectare.

O segundo posto cabe a **Pernambuco**, com uma produção de mais de 7 700 000 toneladas (15% do total brasileiro), o que significa uma produtividade de apenas 37 toneladas por hectare.

Seguem-se-lhe quatro centros produtores de destaque: **Minas Gerais**, com mais de 5 700 000 toneladas (33 ton/ha); **Rio de Janeiro**, com mais de 4 400 000 (42 ton/ha); **Alagoas**, com cêrca de 3 800 000 (47 ton/ha); e **Bahia**, com cêrca de 2 400 000 (44 ton/ha), sobretudo fornecidas pelas tradicionais áreas produtoras do Recôncavo.

Vêm, depois, três outros Estados: a **Paraíba**, com mais de 1 380 000 (42 ton/ha); **Goiás**, com mais de 1 209 000 (40 ton/ha); e o **Paraná** com mais de 1 207 000 (62 ton/ha).

Os demais produtores aparecem com cifras inferiores a um milhão de toneladas, conforme se pode constatar pelos seguintes dados, referentes à **produção** em 1958:

	Toneladas
1. São Paulo	16 521 105
2. Pernambuco	7 712 147
3. Minas Gerais	5 727 844
4. Rio de Janeiro	4 417 976
5. Alagoas	3 778 891
6. Bahia	2 380 552

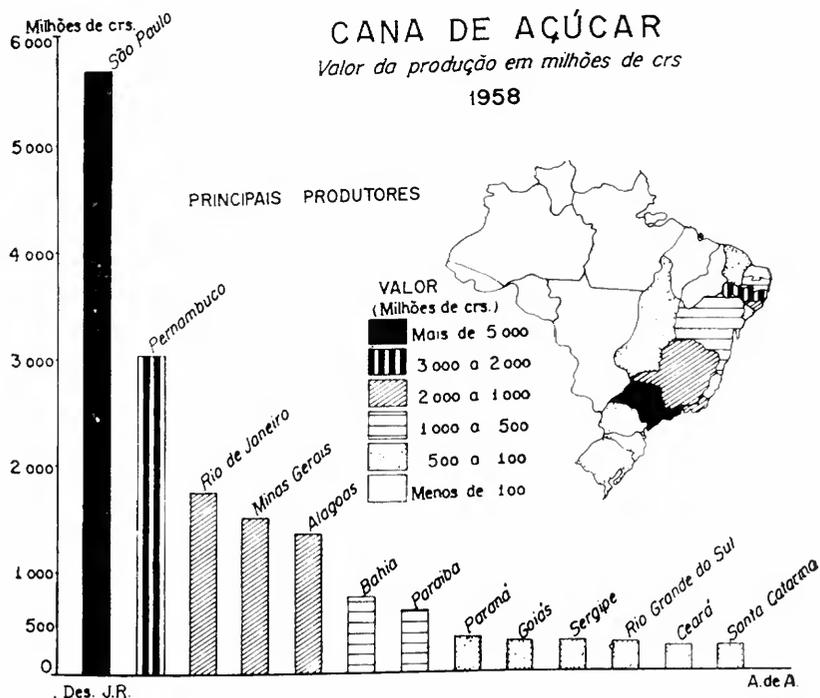


Fig. 9 — Os grandes centros produtores de cana de açúcar. — A partir de época recente, São Paulo assumiu o primeiro posto na produção canavieira, em área, volume e valor. Ultrapassou os tradicionais centros produtores da Zona da Mata nordestina (encabeçados por Pernambuco), como também Minas Gerais e Rio de Janeiro.

7.	Paraíba	1 387 649
8.	Goiás	1 209 135
9.	Paraná	1 207 412
10.	Santa Catarina	870 867
11.	Rio Grande do Sul	837 478
12.	Ceará	770 443
13.	Sergipe	764 799
14.	Espírito Santo	579 300

Encarado o assunto sob o ponto de vista do **valor** da produção, não menos destacada é a posição que **São Paulo** ocupa, pois contribui com cerca de 32% do valor da produção açucareira do país, ou sejam 5,6 bilhões de cruzeiros.

Segue-se-lhe **Pernambuco**, com mais de 2,9 bilhões de cruzeiros (17% do total brasileiro)

Os três centros produtores, que, com destaque, depois aparecem, contribuem com 26% do valor da produção açucareira do país: **Rio de Janeiro**, com 1,7 bilhões; **Minas Gerais**, com 1,4 bilhões; e **Alagoas**, com 1,2 bilhões.

Os demais surgem com cifras inferiores a um bilhão de cruzeiros, merecendo uma referência: a **Bahia**, com 702 milhões; e a **Paraíba**, com 585 milhões.

E' o que se pode verificar na relação abaixo, referente a 1958:

	Cr\$ 1000	
1.	São Paulo	5 650 507
2.	Pernambuco	2 943 772
3.	Rio de Janeiro	1 703 487
4.	Minas Gerais	1 442 283
5.	Alagoas	1 291 348
6.	Bahia	702 722
7.	Paraíba	585 001
8.	Paraná	382 142
9.	Goiás	320 893
10.	Sergipe	286 406
11.	Rio Grande do Sul ..	256 804
12.	Ceará	229 309
13.	Santa Catarina	227 427
14.	Espírito Santo	161 313

VI

MANDIOCA E FEIJÃO, CULTURAS ALIMENTARES

Alimentos do povo — Tal como o algodão e a cana de açúcar, a **mandioca** e o **feijão** apresentam algumas analogias: são ambas culturas temporárias, de caráter predominantemente comercial, mas também de subsistência; aproximam-se bastante no que se refere ao valor da respectiva produção; destinam-se ao consumo interno; e, antes de tudo, constituem uma das bases da alimentação dos brasileiros pertencentes à classe média e às classes menos favorecidas, nas áreas rurais como nas aglomerações urbanas.

Em conjunto, suas culturas ocupam uma **área** comparável à do arroz e duas vezes mais extensa que a do café (mais de 3 350 000 ha). Quanto ao **volume**, a produção de ambos (cerca de 17 milhões de toneladas) aparece em segundo lugar, dentro do país, graças ao contingente fornecido pela mandioca, e só é superada pela do milho. Em relação ao **valor** da produção, com seus 25,6 bilhões de cruzeiros, equiparam-se ao milho e contribuem com mais de metade do valor da produção cafeeira.

A mandioca — Cultura que remonta à época pré-cabralina, praticada ainda hoje pelos indígenas não integrados em nossa civilização, a **mandioca**, a exemplo do milho, apresenta um certo caráter de “universalidade”, dentro do país; não obstante, é no Sul, no Nordeste e no Leste, sobretudo, que se concentram os mais importantes centros produtores. Tradicionalmente e através de técnicas muitas vezes bastante primitivas, vê-se consumida sob a forma da **farinha** de mandioca (de que a **farinha d’água**, da Amazônia, constitui uma variedade), quando não cozida. Também importante, além disso, é seu aproveitamento pela indús-

tria, que dela obtém sub-produtos de largo consumo, como o **polvilho** e a **tapioca**.

Não existe, no país, nenhuma região produtora que se destaque, de maneira particular, por sua **área cultivada**, se comparada com outras. As cifras se sucedem, sem diferenças substanciais, desde 170 000 ha até 20 000, num total de 14 produtores, que são os principais. Todavia, três Estados aparecem com maior importância: o **Rio Grande do Sul**, com cerca de 169 500 ha; **Pernambuco**, com 148 000; e **Bahia**, com 147 000 — correspondendo, englobadamente, a 36% da área mandiocueira do país.

Em 1958, assim se repartiram os principais centros produtores, neste particular:

	Hectares
1. Rio Grande do Sul	169 598
2. Pernambuco	148 054
3. Bahia	147 008
4. Santa Catarina	104 756
5. Minas Gerais	94 973
6. São Paulo	57 572
7. Sergipe	45 367
8. Ceará	44 917
9. Paraíba	40 096
10. Alagoas	37 072
11. Goiás	36 314
12. Paraná	26 588
13. Espírito Santo	26 210
14. Mato Grosso	23 056

Já o mesmo não sucede em relação ao **volume** da produção. Nada menos de seis Estados aparecem em posição de destaque, relativamente aos oito seguintes, com totais superiores a um milhão de toneladas, embora apenas um ultrapasse os dois milhões: **Bahia**, com cerca de 2 170 000 toneladas; **Rio Grande do Sul**, com mais de 1 850 000; **Santa Catarina**, com 1 700 000; **Minas Gerais**, com mais de 1 500 000; **Pernambuco**, com cerca de 1 200 000; e **São Paulo**, com cerca de um milhão.

E' o que se pode constatar, examinando a seguinte relação dos **maiores produtores**, em 1958:

Toneladas	
1. Bahia	2 169 583
2. Rio Grande do Sul ..	1 857 572
3. Santa Catarina	1 701 936
4. Minas Gerais	1 533 279
5. Pernambuco	1 224 213
6. São Paulo	1 043 515
7. Sergipe	686 834
8. Goiás	618 741
9. Espírito Santo	448 535
10. Paraíba	434 706
11. Mato Grosso	401 304
12. Paraná	390 866
13. Alagoas	373 587
14. Ceará	371 133

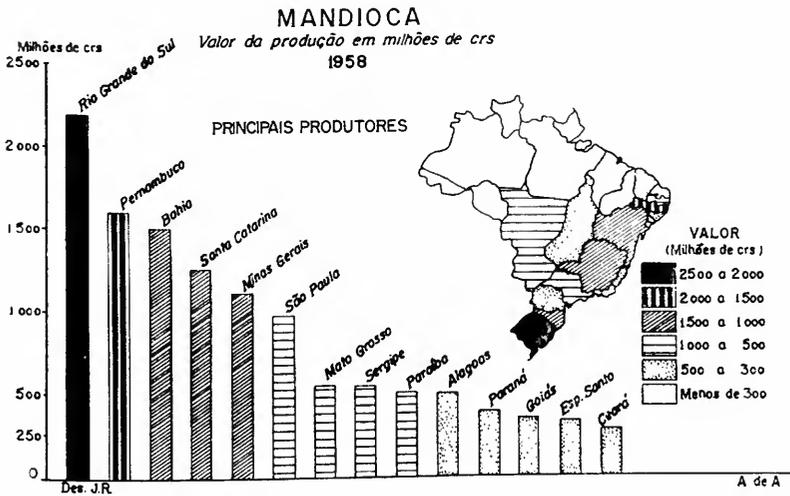


Fig. 10 — Os grandes centros produtores de mandioca. — Trata-se de uma riqueza agrícola largamente difundida no país, em que o Rio Grande do Sul destaca-se quanto ao valor da produção e, ainda, quanto à área cultivada.

Como seria lógico de se supor, os seis maiores produtores também se destacam quanto ao **valor** da produção, embora difira a ordem de classificação. Em primeiro lugar, aparece o **Rio Grande do Sul**, com 2,1 bilhões de cruzeiros. Seguem-se **lhe: Pernambuco**, com 1,6 bilhões; **Bahia**, com 1,4 bilhões; **San-**

ta Catarina, com 1,2 bilhões; **Minas Gerais**, com 1,1 bilhões; e **São Paulo**, com 937 milhões.

Eis a relação dos centros produtores que, em 1958, mais se destacaram pelo **valor** de sua produção:

	Cr\$ 1 000
1. Rio Grande do Sul	2 180 574
2. Pernambuco	1 668 385
3. Bahia	1 490 203
4. Santa Catarina	1 268 350
5. Minas Gerais	1 198 049
6. São Paulo	937 574
7. Mato Grosso	606 365
8. Sergipe	580 623
9. Paraíba	502 130
10. Alagoas	478 340
11. Paraná	438 120
12. Goiás	399 975
13. Espírito Santo	377 798
14. Ceará	316 461

O feijão

— Se existe um produto alimentar caracteristicamente brasileiro, pela difusão de seu consumo, o **feijão** talvez mereça essa honra; é o alimento cotidiano dos humildes, como o é também dos que pertencem à classe média. Daí a quase “universalidade” de sua produção, no país, se bem que sejam o Sul, o Leste e o Nordeste as regiões em que se concentram os mais destacados produtores, embora sem que nenhum dêles apareça em posição excepcional relativamente aos demais.

Quanto à **área cultivada**, **Minas Gerais** destaca-se, de certa maneira, com quase 500 000 ha. Seguem-se-lhe, de perto: **Paraná**, com quase 370 000 ha; **São Paulo**, com cerca de 285 500; **Rio Grande do Sul**, com quase 152 000; **Pernambuco**, com quase 127 000; e a **Bahia**, com 110 800.

São êsses os principais centros produtores, nesse particular, conforme o demonstram as estatísticas referentes a 1958:

Hectares	
1. Minas Gerais	497 496
2. Paraná	369 924
3. São Paulo	285 550
4. Rio Grande do Sul ...	151 880
5. Pernambuco	126 793
6. Bahia	110 880
7. Alagoas	72 915
8. Santa Catarina	67 641
9. Goiás	64 472
10. Paraíba	58 705
11. Rio Grande do Norte .	51 113
12. Espírito Santo	49 477
13. Mato Grosso	37 585
14. Piauí	33 296

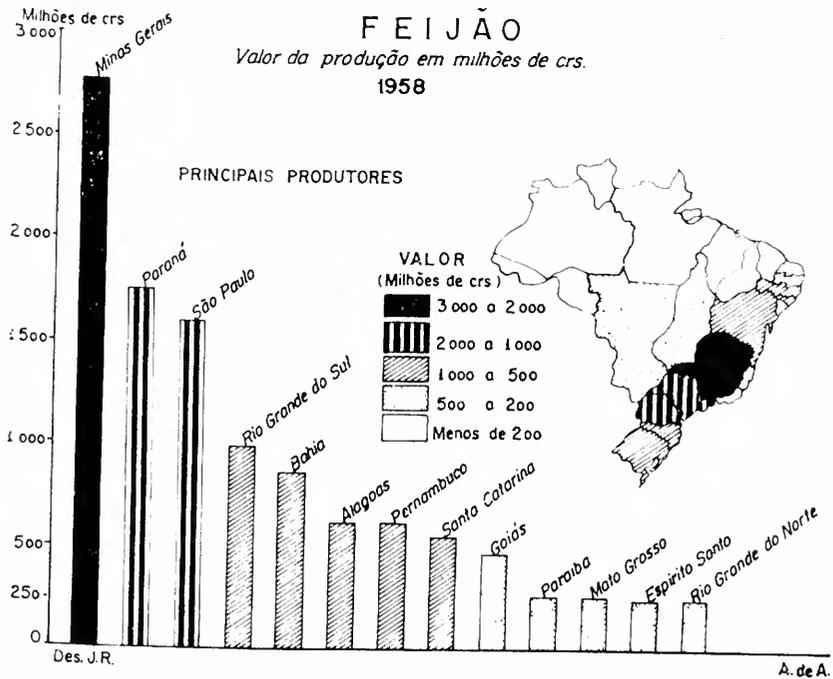


Fig. 11 — Os miores centros produtores de feijão. — Minas Gerais, inegávelmente, é o grande empório produtor de feijão do nosso país; ocupa o primeiro posto no que se refere ao valor, mas também quanto à área cultivada e ao volume da produção.

No que se refere ao **volume** da produção, quatro são os Estados que maior importância apresentam: **Minas Gerais**, com mais de 331 000 toneladas; **Paraná**, com mais de 304 000; **São Paulo**, com mais de 201 000; e o **Rio Grande do Sul**, com mais de 100 000 (*).

Os demais já aparecem em posição secundária, conforme as estatísticas referentes a 1958 bem o demonstram:

Toneladas	
1. Minas Gerais	331 489
2. Paraná	304 197
3. São Paulo	201 402
4. Rio Grande do Sul	139 194
5. Bahia	82 364
6. Santa Catarina	70 160
7. Goiás	66 188
8. Alagoas	43 402
9. Pernambuco	42 650
10. Mato Grosso	38 903
11. Espírito Santo	33 023
12. Paraíba	18 015
13. Rio Grande do Norte ..	16 910
14. Piauí	12 262

Quanto ao **valor** da produção, apenas três Estados ocupam posição de maior destaque: **Minas Gerais**, com 2,7 bilhões de cruzeiros; **Paraná**, com 1,7 bilhões; e **São Paulo**, com 1,6 bilhões. Somente eles contribuem com 52% do valor da produção de feijão, no país.

Os demais aparecem em posição secundária; e isto pode ser constatado, com o exame das estatísticas referentes a 1958:

Cr\$ 1 000	
1. Minas Gerais	2 743 971
2. Paraná	1 727 181
3. São Paulo	1 647 364
4. Rio Grande do Sul ..	897 176
5. Bahia	853 300

(*) — Cumpre lembrar que, anualmente, a cultura dessa leguminosa fornece duas colheitas: a do feijão das águas e a do feijão da seca, o que serve para explicar a importância tanto do volume, como do valor de sua produção.

6.	Alagoas	600 829
7.	Pernambuco	600 522
8.	Santa Catarina	532 879
9.	Goiás	460 035
10.	Paraíba	243 779
11.	Mato Grosso	235 958
12.	Espírito Santo	227 047
13.	Rio Grande do Norte	222 620
14.	Piauí	156 310

Como advertimos de início, o **café**, o **arroz**, o **milho**, o **algodão**, a **cana de açúcar**, a **mandioca** e o **feijão** constituem, sem a menor dúvida, as riquezas fundamentais da agricultura brasileira. Apenas tais produtos contribuem com 80% do valor da produção agrícola nacional. Por isso mesmo, procuramos dedicar-lhes maior atenção, nessa rápida e sucinta análise dos dados estatísticos referentes a 1958.

Os restantes 20% do valor da produção agrícola brasileira repartem-se por mais de uma dezena de outros produtos, que focalizaremos, sinteticamente, a seguir.

VII

OUTRAS CULTURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

O segundo grupo das riquezas agrícolas brasileiras — No conjunto das riquezas agrícolas do país, depois das sete já referidas, um segundo grupo se destaca, com certa nitidez. Um traço o identifica: as sete culturas, que o constituem, apresentam um só caráter — o comercial. Três são permanentes: a **banana**, o **cacau** e a **laranja**; e quatro são temporárias: a **batata inglesa**, o **trigo**, o **fumo** e a **cebola**.

Englobadamente, ocupam uma **área cultivada** de 2 584 000 hectares, comparável com a do algodão, duas vezes menor que a do milho, em que somente o trigo abrange 55%. No que diz respeito ao **valor** da produção, contribuem com mais de 2,9 bilhões de cruzeiros — o equivalente ao valor da produção de arroz.

Isoladamente, assim se classificam, tendo em vista sua importância para a economia agrícola: 1. a **banana**; 2. a **batata inglesa**; 3. o **trigo**; 4. o **cacau**; 5. a **laranja**; 6. o **fumo**; 7. a **cebola** e nessa ordem as estudaremos.

A banana — Sem a menor dúvida, é a **banana** a mais popular e consumida das frutas brasileiras, figurando, com freqüência, na mesa dos que pertencem à classe média e, sempre que possível, na mesa dos mais humildes. Daí sua importância, dentro da economia agrícola do país. Sua cultura predomina no Sul, no Leste e no Nordeste.

São Paulo é, sem contestação, o primeiro produtor brasileiro, dispondo da mais extensa área cultivada (acima de 44 700 ha), aparecendo com o maior volume de produção (cêrca de 47 milhões de cachos) e contribuindo com o maior valor (1,1 bilhões de cruzeiros), graças aos extensos bananais de sua região litorânea, como aos do Planalto.

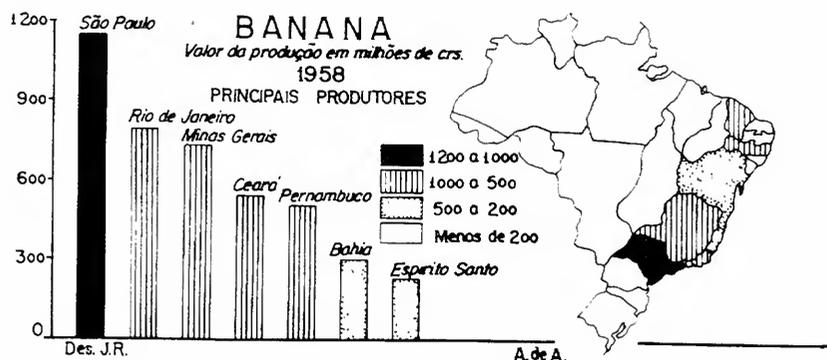


Fig. 12 — Os grandes centros produtores de banana. — Sem contestação, e São Paulo o maior produtor brasileiro de banana, não encontrando rival quanto à área de cultivo, ao volume e ao valor da produção.

Mas outros centros produtores também se destacam: **Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo** — todos com áreas cultivadas superiores a 6 000 ha, volume de produção maior que 10 milhões de cachos e valor da produção superior a 200 milhões de cruzeiros.

Em 1958, foram os seguintes os característicos dos principais Estados bananicultores:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (Mil cachos)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. São Paulo	44 755	46 954	1 123 566
2. Rio de Janeiro	680 11	31 273	783 339
3. Minas Gerais	22 546	33 185	731 128
4. Ceará	8 437	13 955	544 752
5. Pernambuco	102 07	15 191	511 200
6. Bahia	6 334	10 723	310 729
7. Espírito Santo	8 133	13 325	226 538
8. Paraíba	2 597	3 862	198 205
9. Santa Catarina ...	6 747	9 659	192 537
10. Paraná	6 903	10 101	167 271
11. Guanabara	3 780	6 300	157 500
12. Rio Grande do Sul	2 626	3 834	118 106
13. Maranhão	2 643	5 300	112 310
14. Mato Grosso	2 894	6 432	107 263

A batata inglesa ou batatinha

— Embora de recente introdução no Brasil, a **batata inglesa** ou **batatinha** já ocupa posição de inegável destaque, dentro da economia agrícola nacional, graças ao seu intenso consumo, particularmente pelas populações dos centros urbanos. Trata-se de uma cultura largamente difundida especialmente em duas regiões brasileiras: o Sul e o Sudeste.

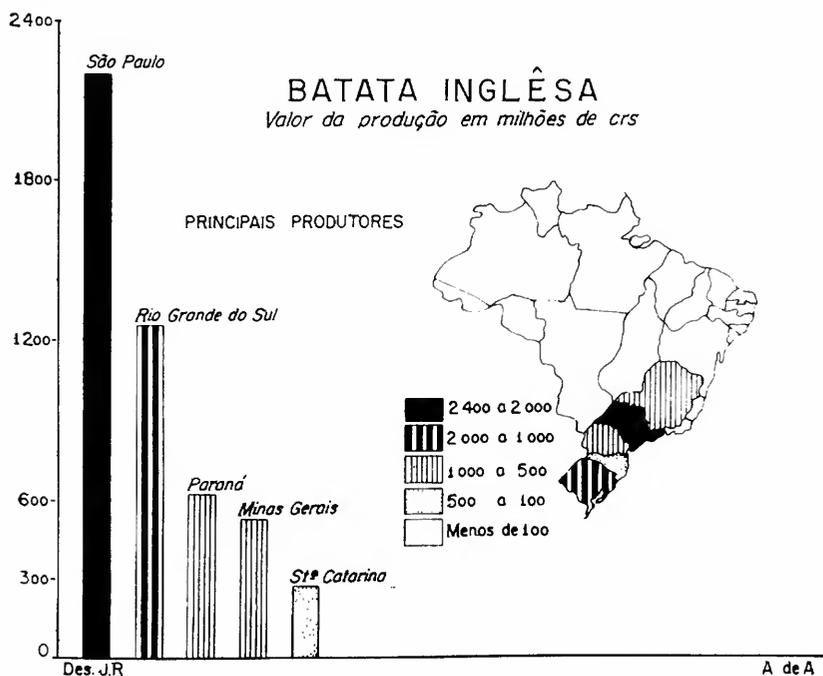


Fig. 13 — Os maiores centros produtores de batatinha ou batata inglesa. — Trata-se de uma riqueza produzida em área relativamente restrita do país, particularmente na Região Sul, onde se destacam São Paulo e Rio Grande do Sul.

São Paulo e **Rio Grande do Sul** aparecem nos primeiros lugares, entre os maiores produtores, tanto no que se refere às áreas cultivadas (54 000 e 61 100 ha, respectivamente), como ao volume da produção (cêrca de 372 000 e mais de 294 600 toneladas, respectivamente), e ao valor da produção (2,2 e 1,2 bilhões, respectivamente).

Seguem-se-lhes: **Paraná**, **Minas Gerais** e **Santa Catarina**, com um valor de produção que vai de 620 a 240 milhões de cruzeiros.

Os dados referentes a 1958 dão-nos uma idéia das características dos principais centros produtores de batatinha:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (toneladas)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. São Paulo	54 001	371 894	2 201 436
2. Rio Grande do Sul	61 142	294 639	1 245 011
3. Paraná	34 785	167 505	620 028
4. Minas Gerais	17 175	96 509	526 301
5. Santa Catarina	14 048	51 537	240 435
6. Paraíba	4 850	14 537	83 893
7. Rio de Janeiro	1 765	5 138	36 269
8. Bahia	1 185	3 614	32 332
9. Goiás	706	3 942	31 143
10. Sergipe	874	2 216	15 574
11. Espírito Santo	239	2 082	15 183

O trigo

— Embora conhecida, de longa data, no país, só em época muito recente passou a cultura do **trigo** a ocupar lugar de relativo destaque entre as principais riquezas agrícolas brasileiras.

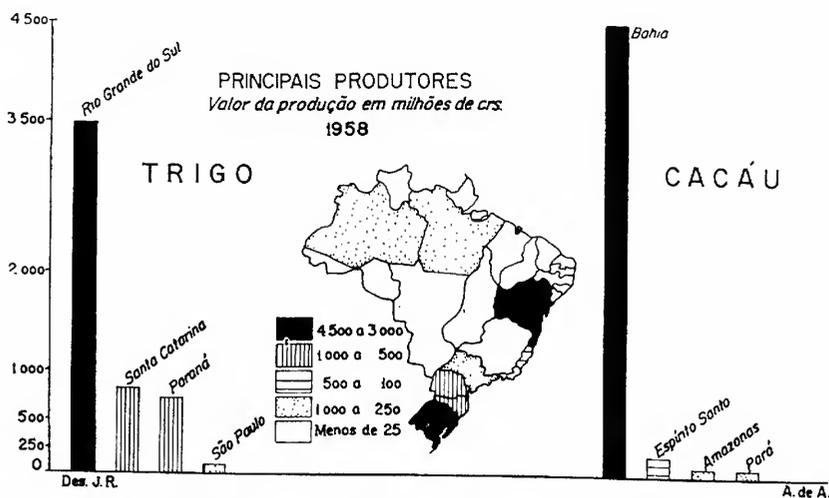


Fig. 14 — Centros produtores de trigo e de cacau. — Tão diferentes por sua natureza e pelas características ecológicas, nada mais justo que sejam completamente diversos os centros produtores do trigo e do cacau. Mas, num ponto, ambos se assemelham: a existência, para cada qual, de um mercado que não encontra rivais — o Rio Grande do Sul, em relação ao trigo, e a Bahia, em relação ao cacau.

E' no Sul que se encontram seus mais importantes centros produtores: **Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná**. Todavia, não há termo de comparação entre a cultura sul-riograndense e as demais; o grande Estado sulino ocupa o primeiro lugar, sem competidor, tanto pela área cultivada (mais de 1 228 000 hectares), como pelo volume da produção (mais de 407 000 toneladas) e o valor da produção (3,4 bilhões de cruzeiros).

Tudo isso se constata, ao exame dos dados estatísticos referentes a 1958 e aos maiores centros produtores:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (toneladas)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Rio Grande do Sul	1 228 753	407 308	3 478 770
2. Santa Catarina	116 790	96 915	845 057
3. Paraná	91 435	77 529	595 085
4. São Paulo	7 805	6 032	5 363
5. Minas Gerais	881	707	2 994

O cacau

— Implantada no Brasil em pleno século XVIII, a cultura do cacau encontrou na Bahia um "habitat" privilegiado. Em muito menor escala, difundiu-se também na Amazônia (onde é nativo) e, bem recentemente, no vale inferior do rio Doce, em terras do Espírito Santo.

São essas, na realidade, as mais importantes áreas cacauíferas do país, que tem no produto um dos baluartes de sua exportação. Praticamente, porém, é a **Bahia** o único produtor brasileiro, pois lhe pertencem 94,9% das áreas cultivadas em nosso território, 94,7% do volume de nossa produção cacauífera e 96% do valor da produção nacional.

As cifras referentes a 1958 falam mais alto que as palavras:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (toneladas)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Bahia	437 466	156 503	4 417 912
2. Espírito Santo	15 986	5 233	107 683
3. Amazonas	1 461	1 413	31 405
4. Pará	5 832	962	29 485
5. Amapá	77	13	318

A laranja — A cultura das frutas cítricas e, em particular, a da **laranja** somente passou a ter importância econômica a partir do segundo quartel do século atual, quando teve lugar a expansão dos laranjais na Baixada Fluminense e na Depressão Periférica paulista. Atualmente, continuam a ser êsses os maiores mercados produtores do país, embora também apareçam, com relativa importância, outros centros produtores, localizados no Sul, no Sudeste e no Nordeste.

Rio de Janeiro é o maior produtor brasileiro, tendo em vista o valor da produção (um bilhão de cruzeiros). Mas **São Paulo** o ultrapassa quanto à área cultivada (23 600 ha) e quanto ao volume da produção (cêrca de 1,5 bilhões de frutos).

Em posição de menor destaque aparecem: **Minas Gerais**, **Rio Grande do Sul**, **Bahia**, **Guanabara** e **Paraná**.

Em 1958, foram as seguintes as características dos principais produtores de laranja, no país:

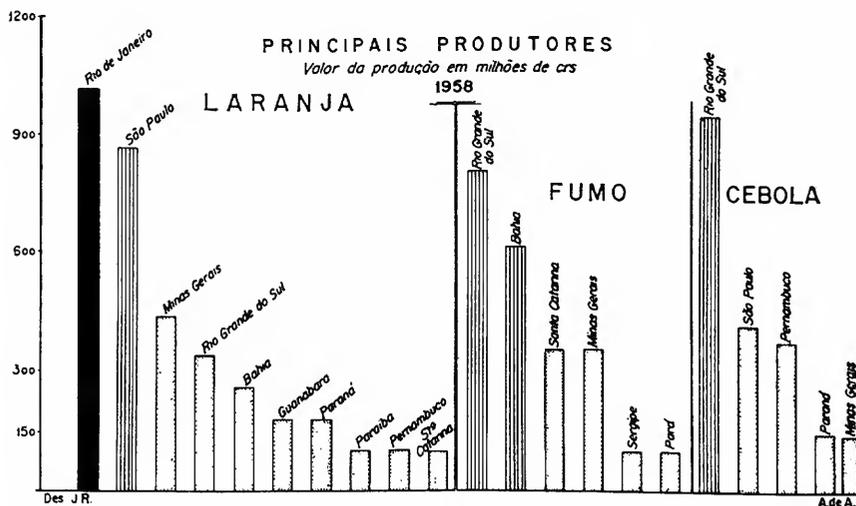


Fig. 15 — Centros produtores de laranja, fumo e cebola. — No que se refere à laranja, muito importante é a posição do Rio de Janeiro e de São Paulo. Quanto ao fumo ou tabaco, são o Rio Grande do Sul e a Bahia os que mais se destacam. E, em relação à cebola, o Rio Grande do Sul não encontra nenhum rival sério.

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (Milhares)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Rio de Janeiro	15 192	1 359 837	1 016 192
2. São Paulo	23 664	1 544 999	843 985
3. Minas Gerais	15 903	1 189 083	431 820
4. Rio Grande do Sul	14 177	973 603	345 252
5. Bahia	2 936	217 597	255 928
6. Guanabara	5 120	352 000	176 000
7. Paraná	3 620	461 561	172 293
8. Paraíba	713	101 489	105 864
9. Pernambuco	2 670	171 430	101 498
10. Santa Catarina	3 327	355 984	100 284

O fumo ou tabaco — A exemplo do cacau, o **fumo ou tabaco** é outra cultura industrial pertencente ao grupo em exame. Mas, bem ao contrário daquele, constitui velha riqueza do país, que o indígena já conhecia antes da chegada do europeu (a quem ensinou seu uso) e cujo cultivo remonta aos primórdios da colonização portuguesa, tendo crescido paralelamente com a riqueza açucareira, de que foi a cultura ancilar. Seus maiores mercados produtores localizam-se no Sul, no Leste e no Nordeste.

Dois Estados se destacam, em relação aos demais: o **Rio Grande do Sul**, que dispõe da maior área cultivada (60 000 ha), do maior volume de produção (52 000 toneladas) e contribui com o maior valor (cêrca de 793 milhões de cruzeiros), graças, principalmente, às culturas do Vale do Jacuí; e a **Bahia**, com cêrca de 34 000 ha, mais de 25 000 toneladas e uma produção de 620 milhões de cruzeiros, provenientes do Recôncavo baiano e vizinhanças.

Todavia, dois outros centros produtores merecem ser referidos: **Santa Catarina** e **Minas Gerais**.

Eis as características dos principais mercados do fumo ou tabaco, em 1958:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (toneladas)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Rio Grande do Sul	60 349	52 300	792 941
2. Bahia	33 942	25 345	620 027
3. Santa Catarina	16 374	17 902	353 689
4. Minas Gerais	32 942	19 233	351 474
5. Sergipe	3 519	3 152	101 294
6. Pará	2 477	1 810	101 143
7. Goiás	4 276	3 865	98 230
8. Maranhão	3 259	1 879	88 179
9. Alagoas	8 111	6 686	75 732
10. Paraíba	5 809	3 807	64 798

A cebola

— As maiores áreas de cultivo da **cebola** localizam-se particularmente no Sul do país, embora tenham certo destaque alguns Estados do Sudeste e do Nordeste.

Sem encontrar rival, o **Rio Grande do Sul** aparece como o maior produtor do país, com uma área cultivada de mais de 11 700 ha, uma produção superior a 74 600 toneladas, no valor de quase 950 milhões de cruzeiros. Suas principais culturas situam-se nos terrenos silicosos da região lagunar.

A seu lado, com relativo destaque, encontram-se: **São Paulo** (mais de 419 milhões de cruzeiros), **Pernambuco** (cêrca de 374 milhões), **Paraná**, **Minas Gerais** e **Santa Catarina**.

Em 1958, assim se caracterizaram os principais centros produtores de cebola, no país:

Produtores	Áreas (hectares)	Produção (toneladas)	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Rio Grande do Sul .	11 745	74 660	947 344
2. São Paulo	9 046	39 359	419 325
3. Pernambuco	2 576	19 501	373 997
4. Paraná	5 390	14 878	140 112
5. Minas Gerais	4 047	11 497	132 873
6. Santa Catarina	2 662	10 388	90 681
7. Bahia	1 611	4 727	46 929
8. Sergipe	344	1 866	19 013
9. Paraíba	401	1 146	18 432

VIII

CULTURAS DE MENOR IMPORTÂNCIA ECONÔMICA

O terceiro grupo de riquezas agrícolas brasileiras — Para completar a visão panorâmica da economia agrícola nacional, resta-nos fazer referência ao terceiro grupo de riquezas, dentre as que merecem um destaque especial. Constituem-no culturas permanentes e temporárias, destinadas à alimentação ou à transformação pela indústria, se bem que tôdas apresentem um caráter comercial. Quanto ao valor da produção, tôdas elas aparecem com cifras inferiores a 2 bilhões de cruzeiros, apenas três contribuindo com mais de um bilhão.

Examiná-las-emos na ordem decrescente de sua importância econômica, a saber: 1. a **batata doce**; 2. a **uva**; 3. o **côco da Bahia**; 4. a **mamona**; 5. o **agave** ou **sisal**; 6. o **abacaxi**; 7. a **uva**.

A batata doce — Trata-se de uma cultura bastante difundida no Sul, no Nordeste e no Leste brasileiros, onde se vê largamente consumida.

O **Rio Grande do Sul** é o maior produtor brasileiro, ocupando posição incontestável. Dispõe de mais de 27 400 ha cultivados, que produziram, em 1958, mais de 232 000 toneladas, no valor de mais de 494 milhões de cruzeiros.

Seguem-se-lhe, principalmente: **Santa Catarina** (215 milhões de cruzeiros, em 1958), **Paraná** (189), **Minas Gerais** (188), **Pernambuco** (172), **Paraíba** (149) e **Rio Grande do Norte** (122).

A uva — Data de época recente o cultivo da **uva** para fins industriais, porque recente também é a importância assumida pela nossa indústria vi-

nícola. Trata-se de uma cultura tipicamente sulina, embora Minas Gerais apareça entre os centros de produção.

No que se refere à área cultivada (35 650 ha) e à produção (260 350 toneladas, em 1958), o **Rio Grande do Sul** não encontra rival no país, devido à importância dos vinhedos da região colonial de origem italiana (Caxias, Garibaldi, Flôres da Cunha, etc.). Quanto ao valor da produção (662,5 milhões de cruzeiros, em 1958), ocupa também o primeiro lugar, embora sem o mesmo destaque.

E' que **São Paulo**, sobretudo graças aos vinhedos da região de São Roque e Jundiá, embora com área cultivada sensivelmente menor (11 280 ha) e com produção também bastante inferior (71 800 toneladas), constitui sério rival no que diz respeito ao valor da produção (649,5 milhões de cruzeiros, em 1958).

Os demais produtores já aparecem em posição secundária, destacando-se, entre êles: **Santa Catarina** (145 milhões de cruzeiros), **Paraná** (114) e **Minas Gerais** (61).

O côco da Bahia — São os coqueirais da orla litorânea do Nordeste e da Bahia que mais se destacam nessa cultura, que o colonizador português introduziu no país, a natureza encarregou-se de difundir e, recentemente, o homem vem cultivando de maneira intensa.

Pelo valor da produção, é **Alagoas** o primeiro produtor brasileiro (313 milhões de cruzeiros, em 1958), embora não o seja pela área cultivada (13 500 ha) e pela produção (78 000 toneladas). Na verdade, possui a **Bahia** a mais extensa área de coqueirais (21 000 ha) e contribuiu, em 1958, com o maior volume da produção (82 200 toneladas), embora seu valor fôsse de 298,6 milhões de cruzeiros.

Seguem-se-lhes, além de outros menores: **Sergipe** (228,7 milhões de cruzeiros), **Ceará** (167,9), **Pernambuco** (148,5) e **Paráíba** (126,6).

A mamona — Trata-se de uma cultura industrial bastante difundida no Nordeste, embora alguns dos maiores produtores encontrem-se no Sul e no Leste.

O maior produtor brasileiro de mamona é, sem nenhuma dúvida, a **Bahia**, que dispõe de mais de 62 000 ha de cultura, que produziram, em 1958, cêrca de 77 000 toneladas, no valor de 370 milhões de cruzeiros.

Vêm, depois, em destacada posição: **São Paulo** (269,5 milhões de cruzeiros) e **Pernambuco** (156 milhões)

Os demais não se lhes comparam: **Minas Gerais** (69,5), **Paraná** (36,4), **Ceará** (21,9), **Alagoas** e **Paraíba**.

O agave ou sisal — Data de época bastante recente a cultura dessa fibra, que encontrou em terras nordestinas e baianas seu "habitat" ideal.

Mais da metade da produção brasileira procede da **Paraíba**, onde existem 49 400 ha de culturas, que produziram, em 1958, 51 400 toneladas, no valor de 369,6 milhões de cruzeiros.

Três outros centros produtores, porém, ainda se destacam: a **Bahia** (158,2 milhões de cruzeiros), **Pernambuco** (96,8) e **Rio Grande do Norte** (75).

O abacaxi — A quarta fruta brasileira, pelo valor econômico — o **abacaxi** ou **ananás** ocupa, no país, um vasto espaço geográfico, já que se vê produzida, em maior ou menor escala, em tôdas as regiões.

Todavia, os primeiros postos, entre os centros produtores, pertencem: a **São Paulo**, com 3 670 ha de área cultivada, uma produção de quase 26 milhões de frutos (1958), no valor de 135,7 milhões de cruzeiros; e a **Minas Gerais**, com uma área de 4 700 ha, uma produção de 37,4 milhões de frutos, no valor de 124 milhões de cruzeiros.

Entre os demais Estados produtores, dignos são de uma referência: a **Paraíba** (88,2 milhões de cruzeiros), **Rio de Janeiro**

(65,3), **Pernambuco** (53,2), **Paraná, Goiás, Alagoas, Bahia e Ceará.**

A juta --- A importante planta têxtil indiana foi, com pleno êxito, recentemente introduzida no país, encontrando na Amazônia condições excelentes para seu cultivo.

Dois são os Estados que a produzem, com valor econômico: o **Amazonas**, com uma área de 16 800 ha, que produziram 22 200 toneladas, no valor de 233,3 milhões de cruzeiros, em 1958; e o **Pará**, que dispõe de uma área de 8 940 ha, que produziram 9 000 toneladas, no valor de 107,6 milhões de cruzeiros.

IX

A PECUÁRIA

O rebanho brasileiro — Uma visão panorâmica da economia agrícola brasileira ficaria, evidentemente, incompleta, se a ela não acrescentássemos algumas informações a respeito do rebanho brasileiro, sua composição e sua repartição geográfica.

Na verdade, constitui a **pecuária** uma das sólidas bases de nossa economia agrária, caracteriza de forma marcante a paisagem de larga porção do território nacional e faz com que o Brasil se alinhe entre os países do Mundo possuidores de mais numerosos rebanhos.

Em 1958, o **rebanho** brasileiro foi estimado em 161 845 000 cabeças, assim distribuídas e avaliadas:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Bovinos	71 420 000	232 326 775
2. Suínos	45 262 000	60 548 738
3. Ovinos	19 921 000	7 137 219
4. Caprinos	10 194 000	2 914 449
5. Eqüinos	8 185 000	20 636 849
6. Muares	3 917 000	15 525 066
7. Asininos	1 946 000	2 202 227

O rebanho bovino — Cêrca de 60% dos bovinos brasileiros acham-se concentrados na **região centro-oriental** do país, que abrange o Triângulo Mineiro e o Sul de Minas Gerais, São Paulo (Planalto Ocidental e Vale do Paraíba), o Sul de Goiás e Mato Grosso (Pantanal e região meridional). Contém ela mais de 42 milhões de cabeças, pertencentes a raças de origem indiana (“Gir”, “Nelore”, “Guzerat”, “In-

dubrasil”), como a raças européias (sobretudo a raça “Holandesa”) e a raças nacionais, cujas origens remontam aos tempos coloniais (“Caracu”, “Curraleiro”, “Crioulo”, etc.). Destinam-se à produção da carne e de couros (Mato Grosso, Goiás, Triângulo Mineiro, Planalto paulista) e à produção do leite (Sul de Minas, Vale do Paraíba e Depressão paulistas), embora também sirvam na tração de veículos — os “carros de bois”, e como animais de montaria (Pantanal).

O **Rio Grande do Sul** constitui outra importante área pastoril, no que se refere aos bovinos (9,4 milhões de cabeças), destacando-se da antecedente pela composição de seu rebanho, formado principalmente por exemplares de raças européias, de pre-

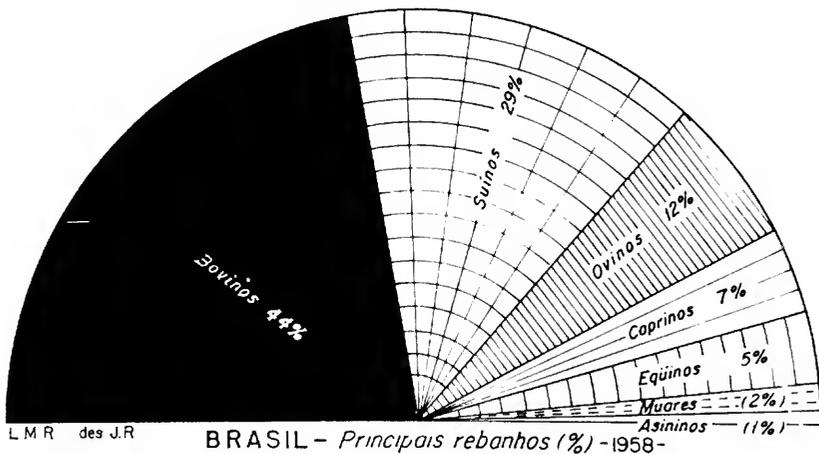


Fig. 16 — *Repartição numérica do rebanho brasileiro.* — O Brasil possui dois importantes rebanhos, pelo número de cabeças: o de bovinos e o de suínos, que correspondem a 73% do total. Seguem-se-lhes os rebanhos de ovinos, caprinos e eqüinos, que perfazem 24%. Os 3% restantes correspondem aos muares e asininos.

ferência inglêsas (“Hereford”, “Durham”, “Polled Angus”, “Schwitz”, “Cherolêsa”, etc.), destinadas à produção de carnes e couros, ou à produção mista (leite e carne).

Uma terceira região de criação de bovinos pode ser encontrada no **Nordeste**, inclusive a Bahia, berço de nossa pecuária. Vivem, ali, para mais de 12 milhões de cabeças, em que predominam representantes de raças nacionais (“Sertaneja”) e mes-

tiças do gado indiano (“Zebu”), que se destinam à produção de carne e de couros. Todavia, é esta a região em que a pecuária bovina apresenta-se de forma mais rudimentar e precária.

Em 1958, assim se repartiram os mais numerosos rebanhos de bovinos, por Estados:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Minas Gerais	15 597 000	49 951 094
2. São Paulo	10 197 000	39 978 478
3. Mato Grosso	9 957 000	26 982 670
4. Rio Grande do Sul	9 403 000	23 870 685
5. Goiás	6 674 000	17 329 890
6. Bahia	5 588 000	20 214 820
7. Paraná	1 825 000	7 065 436
8. Santa Catarina	1 578 000	7 510 110
9. Rio de Janeiro	1 465 000	6 980 790

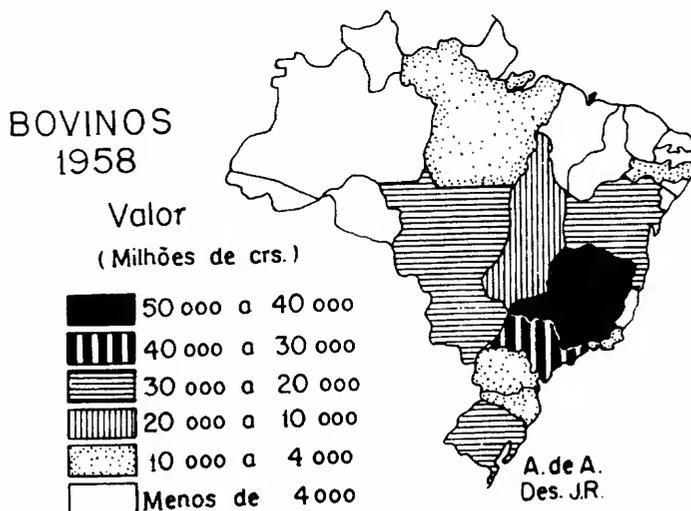


Fig. 17 — *Repartição geográfica do rebanho bovino, segundo o valor.* — Cerca de 60% dos bovinos nacionais acham-se concentrados no Centro-Leste do país, particularmente em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Goiás, sendo o primeiro o mais importante centro de criação. No Sul, é o Rio Grande do Sul o que mais se destaca. Fora dessas áreas, apenas a Bahia e o Nordeste apresentam maior importância. Já a posição do Pará tem algo de singular: seu rebanho não é dos maiores (887 000, em 1958), mas seu valor “per capita” ultrapassa 4 milhões de cruzeiros.

10. Maranhão	1 318 000	3 487 785
11. Piauí	1 317 000	2 872 840
12. Ceará	1 158 000	3 267 167
13. Pernambuco	1 069 000	4 574 180

O rebanho suíno — Os 45 milhões de suínos brasileiros pertencem a raças nacionais, oriundas do cruzamento de raças ibéricas e asiáticas introduzidas nos tempos coloniais, como também a raças européias, notadamente inglesas. Além de fornecerem carne para o consumo, alimentam nossa importante indústria de derivados (banha, toucinho, salchicharia, etc.).

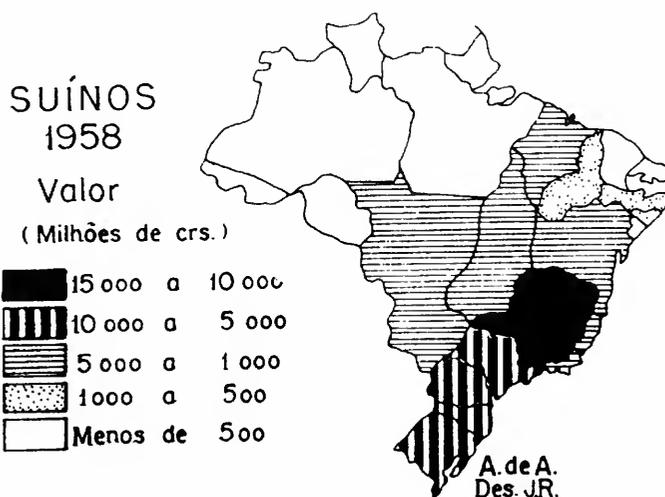


Fig. 18 — *Repartição geográfica do rebanho suíno, segundo o valor.* — Tradicionalmente, Minas Gerais aparece como o maior centro brasileiro de criação de suínos. Seguem-se-lhe os Estados meridionais, a Bahia e o Centro-Oeste.

E' **Minas Gerais** que dispõe do maior rebanho, dentro do país, com 7,9 milhões de cabeças. Seguem-se-lhes os quatro Estados meridionais: **Rio Grande do Sul** (6,5 milhões), **São Paulo** (5,1), **Paraná** (4,3) e **Santa Catarina** (3,9). Apenas nessa área, vivem cêrca de 28 milhões de suínos, vale dizer, 62% do rebanho nacional.

Foram os seguintes os Estados que mais se destacaram na criação de porcos, em 1958:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Minas Gerais	7 905 000	11 207 825
2. Rio Grande do Sul	6 554 000	8 161 841
3. São Paulo	5 103 000	8 187 065
4. Paraná	4 385 000	7 345 283
5. Santa Catarina	3 972 000	6 084 122
6. Goiás	3 533 000	3 981 464
7. Bahia	3 056 000	4 367 419
8. Maranhão	2 051 000	1 654 315
9. Mato Grosso	1 780 000	1 871 293
10. Piauí	1 466 000	790 485
11. Espírito Santo	1 062 000	1 343 300

O rebanho ovino — A criação de ovinos não apresenta, em nosso país, a importância de outras áreas criadoras do Mundo e nem há termo para qualquer comparação.

Praticamente, acha-se concentrada num só Estado — o **Rio Grande do Sul**, que congrega nada menos de 62% do rebanho ovino nacional, com cerca de 12 600 000 cabeças. Destinam-se à produção de lã, embora também a carne de carneiro seja largamente consumida pelos sul-riograndenses. Ali se criam raças selecionadas, principalmente australianas ("Merino") e inglesas ("Romney Marsh").

Além dêle, merecem referência os centros criadores do **Nordeste**, que dispõe de um rebanho numeroso, embora constituído de exemplares de raças africanas, caracterizadas pela escassez de sua lã.

Assim se repartiu, em 1958, o rebanho de carneiros, em seus principais centros criadores:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Rio Grande do Sul	12 597 000	4 592 356
2. Bahia	1 997 000	721 889
3. Piauí	864 000	200 636
4. Ceará	859 000	224 538
5. Pernambuco	656 000	271 696

6.	Paraíba	433 000	177 273
7.	Minas Gerais	427 000	126 255
8.	Rio Grande do Norte ..	396 000	139 167
9.	Mato Grosso	282 000	96 909
10.	Alagoas	256 000	116 992

OVINOS

1958

Valor

(Milhões de crs.)

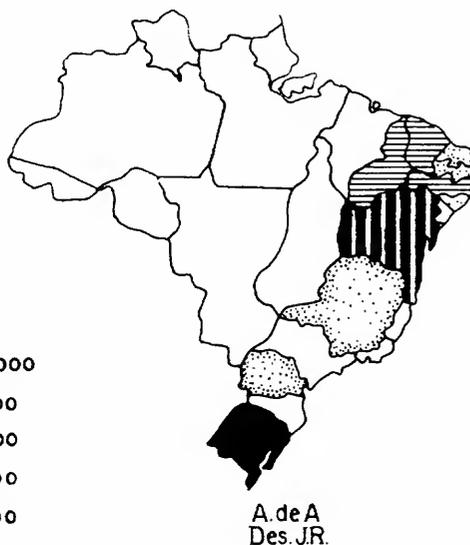
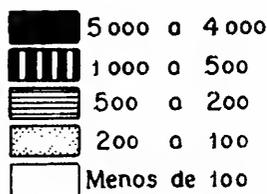


Fig. 19 — *Repartição geográfica do rebanho ovino, segundo o valor.* — No que diz respeito à criação de ovinos, excepcional é a posição do Rio Grande do Sul, pois congrega mais de 60% do total do país e cria exemplares da melhor qualidade. De outro lado, aparecem a Bahia e o Nordeste, que se notabilizam pelos ovinos de lã escassa.

O rebanho caprino — Em nosso país, o rebanho de caprinos acha-se particularmente concentrado em áreas de clima semi-árido e subdesenvolvidas, onde êsses animais, sabidamente rústicos e pouco exigentes, podem sobreviver sem grandes dificuldades e sem cuidados de nenhuma espécie. Daí seu predomínio no **Nordeste**, inclusive a **Bahia**, onde vivem cêrca de 8 milhões de cabeças, vale dizer, quase 80% do rebanho nacional de caprinos. Originaram-se de raças ibéricas, introduzidas nos tempos coloniais, e servem para abastecer a população regional de leite e de couro, destinado êste a diferentes aplicações.

É a **Bahia** o Estado que possui o maior rebanho brasileiro de caprinos: 2 400 000 cabeças. Mas, também, destacam-se pelo seu número os rebanhos de **Pernambuco** (1,4 milhões), **Piauí** (1,3 milhões) e **Ceará** (um milhão).

Em 1958, foram os seguintes os maiores centros criadores de caprinos, no país:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Bahia	2 400 000	727 615
2. Pernambuco	1 396 000	537 865
3. Piauí	1 381 000	281 503
4. Ceará	1 009 000	219 132
5. Paraná	494 000	111 707
6. Paraíba	493 000	176 419
7. Maranhão	487 000	100 707
8. São Paulo	478 000	148 028
9. Minas Gerais	390 000	83 280
10. Rio Grande do Norte	366 000	123 011
11. Alagoas	271 000	126 309

O rebanho eqüino — Nosso modesto rebanho de eqüinos acha-se concentrado especialmente na **região centro-meridional** do país, onde predominam exemplares de raças nacionais, oriundas de outras trazidas da Península Ibérica (“Árabe” e “Andaluza”, sobretudo), aqui introduzidas no período colonial; é o caso dos cavalos “Mangalarga” e “Campolino”, típicos dos campos mineiros e paulistas, e do “Crioulo”, que domina no Rio Grande do Sul. A seu lado, no entanto, aparecem representantes de raças selecionadas do Velho Mundo, embora em número bastante reduzido. Já na **Bahia** e no **Nordeste**, predomina o tipo “Sertanejo”, mais rústico e de pequeno porte.

Minas Gerais é o maior centro criador de cavalos do país, com um rebanho superior a 1 400 000 cabeças. Segue-se-lhe, de perto, o **Rio Grande do Sul**, com cêrca de 1 300 000. **São Paulo**, **Goiás**, **Bahia** e **Paraná** são outros centros criadores de destaque.

É o que se pode verificar, examinando a relação dos Estados possuidores de maiores rebanhos de gado cavalari, em 1958:

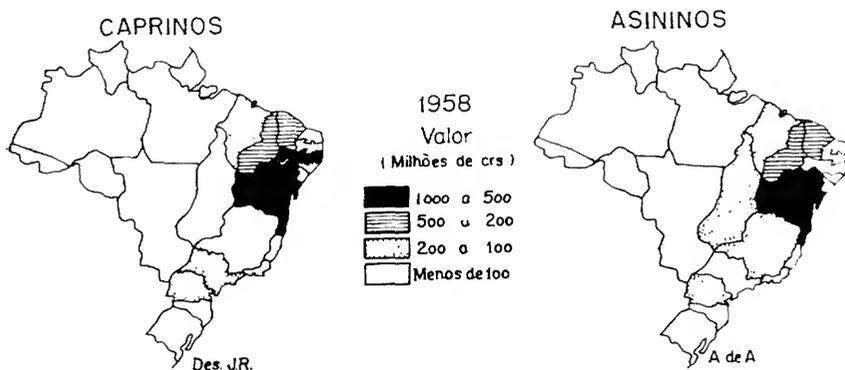


Fig. 21 — *Repartição geográfica dos rebanhos de caprinos e de asininos, segundo o valor.* — Muito bem definido é o domínio geográfico dos caprinos e asininos, no Brasil: acham-se concentrados particularmente na Bahia e no Nordeste, sobretudo nas áreas caracterizadas pela semi-aridez do clima.

Minas Gerais (700 000) e na **Bahia** (quase 600 000), embora também se destaquem **Goiás** e o **Paraná**.

Em 1958, assim se repartiu o rebanho de muares, pelos principais centros de criação:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. São Paulo	727 000	3 492 881
2. Minas Gerais	701 000	2 502 820
3. Bahia	597 000	2 414 091
4. Goiás	263 000	1 118 234
5. Paraná	254 000	1 207 232
6. Pernambuco	190 000	664 226
7. Ceará	166 000	454 518
8. Rio Grande do Sul	142 000	338 926
9. Espírito Santo	134 000	469 530
10. Paraíba	130 000	404 903
11. Rio de Janeiro	120 000	501 229

O rebanho asinino — Ao contrário dos muares, os jumentos possuem um domínio geográfico muito bem definido: predominam no **Nordeste** e, dentro dessa região brasileira, particularmente na zona de clima semi-árido, onde reina soberanamente o chamado **jegue** — animal de pe-

queno porte, trazido da região do Mediterrâneo, que pode ser encontrado tanto nas áreas rurais, como nas cidades, a servir de montaria e a transportar as mais diferentes cargas (pipotes d'água, lenha, tijolos, telhas, mercadorias, etc.). Não necessitando de nenhum trato e alimentando-se daquilo que o acaso lhe oferece, encontramos-lo, em quantidades que chegam a impressionar, desde os confins orientais do Maranhão até a região setentrional de Minas Gerais, dos chapadões ocidentais da Bahia até às vizinhanças da Zona da Mata nordestina e baiana. Já no **Centro-Sul** do país, predominam, embora em número muito menor, exemplares originários de raças espanholas e italianas, de porte avantajado.

E' a **Bahia** o Estado que possui o maior rebanho de asininos: 593 000 cabeças, em 1958. Mas, também, destacam-se por sua importância numérica e pelo seu valor os rebanhos do **Ceará**, do **Piauí**, de **Pernambuco**, da **Paraíba**, do **Maranhão** e do **Rio Grande do Norte**.

Tudo isso pode ser constatado ao examinar-se a relação dos maiores criadores de jumentos, no país, em 1958:

	Cabeças	Valor (Cr\$ 1 000)
1. Bahia	593 000	591 440
2. Ceará	296 000	205 617
3. Piauí	276 000	260 985
4. Pernambuco	177 000	170 062
5. Paraíba	125 000	108 109
6. Maranhão	110 000	162 341
” Rio Grande do Norte	110 000	69 795
7. Goiás	69 000	115 879
8. Minas Gerais	52 000	100 816
9. Alagoas	33 000	26 556
10. Paraná	31 000	164 551

O valor de nossa riqueza pecuária — Esse rebanho, cuja importância e cuja repartição geográfica acabamos de analisar, em seus aspectos fundamentais, representava, em 1958 (como, naturalmente, ainda hoje representa), uma das maiores riquezas do país. Basta dizer que seu

valor global foi estimado em mais de 340 bilhões de cruzeiros, o que significa que supera, de muito, o valor da produção agrícola (194 bilhões de cruzeiros, em 1957) e somente vê-se ultrapassado pelo valor da produção industrial (455 bilhões, em 1956)

Não é só. Se admitirmos que, em 1958, a produção agrícola haja permanecido estacionária e seu valor tenha sido de, aproximadamente, 200 bilhões de cruzeiros, chegaremos à conclusão, perfeitamente aceitável, de que o valor da **produção agro-pecuária**, naquele ano, deve ter atingido a cifra aproximada de 540 bilhões de cruzeiros. Se assim fôr, uma outra importante conclusão daí resultará: tal cifra poderá ter ultrapassado a do valor da produção industrial, o que significa que, sem sombra de dúvida, o Brasil continua a ser um grande país agro-pastoril. Todavia, mesmo que tal não aconteça, não nos parece crível que uma riqueza dessas, superior a meio trilhão de cruzeiros, possa continuar no desamparo em que se encontra e na situação dolorosa a que foi condenada, por um quase inacreditável erro de visão da nossa realidade econômica.

Cêrca de 70% do valor de nossa riqueza pecuária corresponde ao valor do rebanhos de **bovinos**: 232,3 bilhões de cruzeiros. O valor do rebanho de **suínos**, estimado em 60,5 bilhões, corresponde a mais de 17% do total. Dos demais rebanhos, dois apenas têm maior importância pelo seu valor: o de **eqüinos** (20,6 bilhões de cruzeiros) e o de **muares** (15,5 bilhões).

E' o que as estatísticas abaixo demonstram (1958):

		(Cr\$ 1 000)
1.	Bovinos	232 326 775
2.	Suínos	60 548 738
3.	Eqüinos	20 636 849
4.	Muares	15 525 066
5.	Ovinos	7 137 219
6.	Caprinos	2 914 449
7.	Asininos	2 202 227

OUTRAS RIQUEZAS ANIMAIS

Riquezas animais — Além da riqueza representada pelos próprios rebanhos, dispõe o Brasil de outras, que dêles derivam ou que lhes são afins. Não queremos nos referir aos produtos da **indústria animal** — as carnes preparadas, o toucinho, a banha, a salsicharia, os laticínios, etc., que ultrapassam, evidentemente, os limites do presente trabalho. Referimo-nos àquelas que derivam diretamente dos próprios animais, sem nenhuma transformação — o **leite** e a **lã**, e àquelas que se originam de uma atividade, estreitamente ligada à vida rural e à qual nem sempre se dá a merecida importância — a **avicultura**.

A avicultura — Encarada em seu conjunto (tanto a criação de galináceos, como a produção de ovos), é a **avicultura** a mais importante, levando-se em conta o valor da produção: nada menos que 21 bilhões de cruzeiros, vale dizer, o equivalente ao valor do rebanho de eqüinos e bem mais que o valor da produção da cana de açúcar ou do algodão.

Em 1958, existiam, no país, nada menos de 160 milhões de **galináceos** (galinhas, galos, frangos e frangas), cujo valor global foi estimado em mais de 10 bilhões de cruzeiros. Os maiores contingentes encontravam-se em **São Paulo** (34,7 milhões de cabeças) e em **Minas Gerais** (32,8 milhões), embora também se destacassem: **Rio Grande do Sul** (13,9 milhões). **Paraná** (13,8), **Rio de Janeiro** e **Goiás**.

Eis os Estados que maior número de galináceos possuíam, naquele ano:

	Galinhas	Galos, frangos e frangas
1. São Paulo	22 771 000	12 007 000
2. Minas Gerais	19 258 000	13 543 000
3. Rio Grande do Sul	8 405 000	5 495 000
4. Paraná	8 239 000	5 577 000
5. Rio de Janeiro	5 313 000	3 444 000
6. Goiás	5 877 000	3 576 000
7. Bahia	4 246 000	2 988 000
8. Santa Catarina	4 413 000	3 096 000
9. Mato Grosso	3 881 000	2 334 000

Mas a avicultura assegura outra importante fonte de riqueza nacional — a produção de **ovos de galinha**, que, em 1958, ultrapassou o total de 483 milhões de dúzias, cujo valor foi estimado em 11,2 bilhões de cruzeiros. E' **São Paulo** o maior produtor de ovos de galinha do país, com um total de 150,6 milhões de dúzias, avaliadas em 3,9 bilhões de cruzeiros, isto é, cêrca de um têrço do valor global brasileiro. Em segundo lugar, aparece **Minas Gerais**, com uma produção de 83,3 milhões de dúzias, estimadas em 1,5 bilhões de cruzeiros. Seguem-se-lhes, em posição de destaque: **Rio de Janeiro**, **Paraná** e **Rio Grande do Sul**, todos com valor de produção superior a 700 milhões de cruzeiros.

Em 1958, foram os seguintes os Estados maiores produtores de ovos de galinha:

	Dúzias
1. São Paulo	150 670 000
2. Minas Gerais	83 391 000
3. Paraná	40 380 000
4. Rio Grande do Sul	39 644 000
5. Rio de Janeiro	31 874 000
6. Goiás	24 156 000
7. Bahia	17 689 000
8. Santa Catarina	17 399 000
9. Mato Grosso	15 778 000

O leite

— Em 1958, o Brasil produziu cêrca de 4,5 bilhões de litros de **leite**, no valor de 25,8 bilhões de cruzeiros, bem mais que o valor global da produção de milho e quase o dôbro do da produção de mandioca.

São dois os Estados que mais se destacam, nesse particular: **Minas Gerais**, com uma produção de 1,5 bilhões de litros, avaliados em 7,6 bilhões de cruzeiros, procedentes, sobretudo, do rebanho leiteiro do Sul de Minas; e **São Paulo**, com uma produção de 1,1 bilhões de litros, no valor de 7 bilhões de cruzeiros, provenientes, sobretudo, do rebanho do Vale do Paraíba e das importantes granjas leiteiras, localizadas na região de Campinas e áreas vizinhas (zona da Mogiana).

Os demais centros produtores apresentam bem menor importância, embora mereçam ser destacados: o **Rio Grande do Sul**, **Rio de Janeiro**, o **Paraná**, **Goiás** e **Santa Catarina** — todos com um valor de produção superior a um bilhão de cruzeiros.

Foram os seguintes os maiores produtores de leite, em 1958:

	Mil litros	Cr\$ 1 000
1. Minas Gerais	1 506 638	7 603 348
2. São Paulo	1 173 309	7 098 482
3. Rio Grande do Sul	380 330	2 628 217
4. Rio de Janeiro	238 064	1 591 788
5. Paraná	161 756	1 237 145
6. Goiás	258 571	1 109 713
7. Santa Catarina	184 921	1 093 341
8. Bahia	180 836	869 010
9. Pernambuco	87 695	614 939
10. Espírito Santo	51 869	260 009

A lã

— Dispondo de um rebanho de ovinos relativamente pequeno, justo é que o Brasil não se destaque por sua produção de lã. Mesmo assim, com um total de 3 bilhões de cruzeiros, o valor de sua produção foi superior ao de nada menos de nove dos produtos agrícolas aqui focalizados, a começar pelo fumo, a cebola, a batata doce e o côco da Bahia.

Praticamente, é o **Rio Grande do Sul** o único produtor de lã do país: forneceu, em 1958, 31 000 toneladas, isto é, 98% do

total brasileiro, num valor de 2,9 bilhões de cruzeiros, equivalente a 98,8% do valor global.

E' o que ressalta, mais que simples palavras, das cifras referentes aos maiores produtores, em 1958:

	Toneladas	Cr\$ 1 000
1. Rio Grande do Sul	31 048	2 976 092
2. Santa Catarina	189	11 192
3. Paraná	201	10 897
4. Minas Gerais	66	5 935
5. Mato Grosso	68	3 165
6. São Paulo	21	2 140

AS GRANDES REGIÕES AGRO-PASTORIS

Da necessidade de um retrospecto — Examinamos a **produção agrícola** em conjunto, através de seus aspectos marcantes: as áreas cultivadas, o volume e o valor da produção. Examinamo-la, em seguida, através dos **principais produtos** da economia agrícola brasileira, os básicos e os secundários. Analisamos, depois, a **pecuária**, em conjunto e através dos rebanhos. Vimos, finalmente, alguns aspectos referentes a **outras riquezas animais** — os produtos oriundos da avicultura, o leite, a lã.

Deveremos dar por terminada nossa tarefa, dentro do objetivo de oferecer uma visão panorâmica da economia agro-pecuária do país? Acreditamos que não. Torna-se necessário, ainda, examiná-la através de seus **aspectos regionais** e focalizar os maiores **centros agro-pecuários** brasileiros, os verdadeiros pilares dessa economia. E' o que faremos, à guisa de conclusão preliminar.

As riquezas agro-pecuárias e sua repartição regional — Se levarmos em consideração apenas os 21 produtos agrícolas, aqui focalizados, e se a eles juntarmos o valor do rebanho e das outras riquezas animais já referidas, chegaremos à conclusão de que, em 1958, o **valor da produção agro-pecuária** do Brasil foi superior a 588,5 bilhões de cruzeiros — cifra cuja importância para a economia nacional não é preciso ressaltar.

Ora, 84% dêsse total provêm de, apenas, três **regiões** brasileiras, que devem ser consideradas, por isso mesmo, os baluartes de nossa economia agro-pastoril: o **Sudeste**, o **Sul** e o **Nordeste**. Num segundo plano, mas, nem por isso, destituída de

importância, aparece uma quarta região: o **Centro-Oeste**, que contribuiu com mais de 11%. Os restantes 5% provieram de duas regiões: o **Meio-Norte** e o **Norte**.

Com efeito, assim se repartiram nossas riquezas agro-pastoris, em 1958:

	Regiões	Cr\$ 1 000
1.	Sudeste	253 937 281
2.	Sul	140 603 632
3.	Nordeste	100 299 173
4.	Centro-Oeste	66 799 216
5.	Meio-Norte	16 294 884
6.	Norte	10 591 122

Sudeste, "coração" do Brasil — O que aqui estamos entendendo pela denominação de **Sudeste** corresponde à importante área do território nacional, que bem merece ser considerada o "coração" do Brasil, não apenas pela importância de sua economia agro-pecuária (43% da produção nacional), mas porque contém os mais importantes centros industriais, a maior concentração rodo-ferroviária, mais de um terço da população do país e suas duas únicas metrópoles tri-milionárias. Nele se incluem cinco Estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara e São Paulo.

Com um valor de produção superior a 122 bilhões de cruzeiros (vale dizer, cerca de 50% do total da região), **São Paulo** aparece no primeiro posto, tanto no Sudeste, como no país. Na verdade, em relação à produção nacional, ocupa:

1. o **primeiro lugar** na produção de café, arroz, algodão, cana de açúcar, banana, batata inglesa e abacaxi, como quanto ao rebanho de muares, no total de galináceos e na produção de ovos;

2. o **segundo lugar** na produção de milho, de laranja, de cebola, de uva e de mamona, como quanto ao rebanho de bovinos, de suínos e de eqüinos e na produção de leite;

3. o **terceiro lugar** na produção de feijão;

4. o **quarto lugar** na produção de trigo;



Fig. 22 — *As grandes regiões agro-pastoris do Brasil.* — Nada menos do que 84% da produção agro-pecuária do país procedem de, apenas, três regiões brasileiras, verdadeiros baluartes de nossa produção agrária: o Sudeste, o Sul e o Nordeste. Do Centro-Oeste provêm 11%. Os restantes 5% correspondem ao Meio-Norte e ao Norte. Todavia, é o Sudeste o “coração” econômico do país, no setor agrário, já que contribui com um valor equivalente a 43% da produção agro-pecuária brasileira.

5. o **sexto** lugar na produção de mandioca e de cacau, como quanto ao rebanho de caprinos e à produção de lã;
6. além de ser produtor de batata doce (9.^o) e de fumo (12.^o).

No segundo lugar, dentro da região e do país, aparece **Minas Gerais**, com uma contribuição de mais de 103 bilhões de cruzei-

ros (cêrca de 40% do total da região), destacando-se por ser, em relação à produção nacional:

1. o **primeiro** produtor de feijão e de leite, ao mesmo tempo que em relação ao rebanho de bovinos, de suínos e de eqüinos;

2. o **segundo** na produção de arroz, de abacaxi e de ovos e quanto ao rebanho de muares e número de galináceos;

3. o **terceiro** na produção de café, de milho, da banana e da laranja;

4. o **quarto** na produção de cana de açúcar, de batata inglesa, de fumo, de batata doce, de mamona e de lã;

5. o **quinto** na produção de mandioca, de trigo, de cebola e de uva;

6. o **sétimo** na produção de algodão e de cacau;

7. além de ser produtor de côco da Bahia (10.^o).

Dos demais produtores regionais, destaca-se o **Rio de Janeiro**, particularmente na produção de laranja (1.^o lugar, no país), na de banana (2.^o), na de cana de açúcar (3.^o) e na de abacaxi (4.^o). Já o **Espírito Santo** é grande produtor de cacau (2.^o) e de café (4.^o).

O Sul do Brasil — A segunda região agro-pastoril correspondente ao **Sul**, compreendida esta palavra em seu sentido restrito, abrangendo os três Estados meridionais: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com um valor de produção superior a 140 bilhões de cruzeiros, sua contribuição equivale a 24% do total brasileiro.

E' o **Rio Grande do Sul** o maior centro produtor regional, ocupando o terceiro lugar, no país. No setor agrícola, destaca-se por ser o primeiro produtor de milho, mandioca, trigo, fumo, cebola, batata doce e uva; o segundo produtor de batata inglesa; o terceiro, de arroz; e o quarto, de feijão e laranja. E' lá que se encontra o maior rebanho de bovinos, o terceiro de suínos e eqüinos, o quarto de bovinos. E' o maior produtor de lã, o 3.^o de leite, o 5.^o em galináceos e ovos.

Segue-se-lhe o **Paraná**, grande produtor de café (2.^o), feijão (2.^o), batata inglesa (3.^o), trigo (3.^o), batata doce (3.^o), milho (4.^o), cebola (4.^o), uva (4.^o), arroz (5.^o), algodão (5.^o), mamona (5.^o) e abacaxi (6.^o). Destaca-se por seus rebanhos de suínos (4.^o), eqüinos (4.^o), muares (4.^o) e asininos (5.^o), como por sua produção de lã (3.^o), de galináceos (3.^o), de ovos (4.^o) e de leite (5.^o).

Santa Catarina sobressai-se por sua produção de trigo (2.^o), batata doce (2.^o), lã (2.^o), fumo (3.^o), uva (3.^o), mandioca (4.^o), milho (5.^o), batata inglesa (5.^o), cebola (6.^o), galináceos (6.^o) e leite (7.^o).

O Nordeste — Pela denominação de **Nordeste**, aqui compreendemos uma extensa área do país, que vai desde o Ceará até à Bahia, inclusive. Contribui para a produção agro-pecuária nacional com 17% do valor total, equivalente a mais de 100 bilhões de cruzeiros.

E' a **Bahia** o maior centro produtor regional, concorrendo com cêrca de 44% do valor total da produção do Nordeste e ocupando, no país, o quarto posto. Suas maiores riquezas repousam na pecuária, graças aos seus rebanhos de caprinos (1.^o), asininos (1.^o), ovinos (2.^o), muares (3.^o), bovinos (5.^o), eqüinos (5.^o) e suínos (6.^o). No setor agrícola, é o primeiro produtor de cacau e de mamona; o segundo de fumo, côco da Bahia e agave ou sisal; o terceiro de mandioca; o quinto de feijão e laranja; o sexto de cana de açúcar.

O segundo grande centro produtor da região é **Pernambuco**, com uma contribuição superior a 18% do total regional. No conjunto do país, destaca-se como segundo produtor de cana de açúcar e de mandioca; terceiro na de cebola, mamona e agave; quarto na de algodão; quinto na de banana, batata doce, côco da Bahia e abacaxi; sétimo na de milho e feijão. Possui o 2.^o rebanho de caprinos do país, o 3.^o de ovinos, o 4.^o de asininos, o 6.^o de muares.

Os demais produtores nordestinos já ocupam posição bem mais secundária, contribuindo com menos de 10% do valor da produção regional, cada um: a **Paraíba**, 1.^o produtor de agave

e 2.º produtor de algodão do país; o **Ceará**, 3.º produtor de algodão e 4.º na de banana; **Alagoas**, por sua produção de côco da Bahia (1.º lugar, no país), cana de açúcar (5.º), agave (5.º) e feijão; **Sergipe**, 3.º produtor de côco da Bahia e 5.º de fumo; e **Rio Grande do Norte**, que apenas se destaca na produção de agave (4.º lugar) e na de algodão (6.º)

O Centro-Oeste — A posição do **Centro-Oeste** apresenta algo de singular, no panorama de nossa economia agro-pastoril: não se alinha entre os grandes centros de produção, mas não se confunde com o Meio-Norte e o Norte, as regiões que menor contribuição trazem para o país, nesse setor; o valor de sua produção, que é da ordem de 66,8 bilhões de cruzeiros (vale dizer, 11% do total brasileiro), encontra-se a meio-caminho, representa uma espécie de meio-térmo entre o valor da produção do Nordeste e o do Meio-Norte. Por outro lado, as duas unidades que o constituem — Mato Grosso e Goiás, assemelham-se por terem no rebanho sua maior riqueza, mas diferem, de certa maneira, por ser Goiás mais importante, sob o ponto de vista agrícola, que Mato Grosso.

Mato Grosso ocupa o primeiro lugar, graças à circunstância de possuir um numeroso rebanho de bovinos, o terceiro do país pelo número e pelo valor. No que se refere à agricultura, sua posição é bastante modesta, destacando-se, apenas, por sua produção de trigo (6.º), arroz (7.º) e mandioca (7.º)

Segundo-lhe os passos, com uma diferença para menos de apenas 2 bilhões de cruzeiros, aparece **Goiás**. É o 4.º produtor brasileiro de arroz, o 5.º de café, o 6.º de milho e de leite, o 7.º de fumo, de ovos e de lã. Seu rebanho de muares ocupa o 5.º lugar por seu valor, embora mais valiosos sejam os bovinos (6.º), eqüinos (6.º) e suínos (7.º).

O Meio-Norte — Muito modesta é a contribuição das duas regiões brasileiras, ainda não referidas; o valor da produção do **Meio-Norte** e do **Norte**, reunidos, é da ordem de 4% do total do país, pouco superior ao de Santa Catarina, quatro vêzes e meia menor que o de São Paulo. Em

ambos, na verdade, a economia de coleta, o extrativismo vegetal, ocupa uma posição, se não superior, pelo menos equivalente à da economia agro-pecuária.

No Meio-Norte, é o **Maranhão** que mais se destaca, contribuindo com 60% da produção regional. No conjunto do país, sobressai-se, apenas, por sua produção de arroz (6.^o) e pelo seu rebanho de asininos (6.^o), embora bovinos, suínos e eqüinos sejam mais valiosos.

Já a posição do **Piauí** é das mais modestas, não ocupando posição de destaque na produção de nenhuma de nossas riquezas agrícolas. Todavia, é possuidor do segundo rebanho de asininos e do terceiro rebanho de caprinos, tendo em vista o valor.

O Norte do Brasil — Trata-se da região brasileira que menos contribui para a riqueza agro-pecuária do país, com um valor da produção da ordem de apenas 1%. E não poderia ser de outra forma, já que é o domínio da grande floresta equatorial brasileira — a Hiléia.

Nos limites da Amazônia, ocupa o **Pará** o primeiro posto, contribuindo com nada menos de 66% do valor de sua produção agro-pecuária. Entretanto, no conjunto do país, destaca-se apenas como produtor de juta (2.^o), cacau (4.^o) e fumo (6.^o), sendo os rebanhos sua maior fonte de riqueza, no setor que vimos analisando.

O **Amazonas** é o segundo produtor regional, embora apenas se destaque, no país, por sua produção de juta (de que é o maior produtor) e de cacau (3.^o).

As demais unidades regionais possuem um valor de produção realmente insignificante, inferior, para cada uma, a 900 milhões de cruzeiros, o que corresponde a 0,15% do valor da produção agro-pecuária nacional. Em ordem decrescente, assim se alinham: **Acre, Rio Branco, Amapá e Rondônia.**

XII

OS MAIORES CENTROS AGRO-PECUARIOS

Sustentáculos de nos- — A repartição geográfica de nossas
sa economia agro- riquezas agro-pastoris, através das re-
pecuária giões, é rica de ensinamentos, dando-nos
uma idéia da contribuição global e uni-
tária de cada uma delas e de suas unidades componentes. Não
basta, porém. E' que dessa longa e, talvez, cansativa análise
das estatísticas referentes a 1958, a posição isolada das unida-
des da Federação aparece de maneira pouco perceptível, diluí-
da no meio da massa de produtos e de cifras. Podemos percebê-
la em relação aos maiores centros de produção, tantas vêzes fo-
ram seus nomes repetidos. Mas, impossível se torna afirmar,
com segurança, qual a posição exata, numéricamente compro-
vada, de tais centros, nas relações de uns com os outros. Daí a
tarefa final a que nos propusemos, tentando responder a esta
pergunta: em que ordem se alinham as unidades da Federação
Brasileira, tendo em vista o valor de sua produção agro-pecuária?

Neste particular, poderemos repartir as unidades brasilei-
ras em cinco grupos distintos.

O primeiro é constituído por apenas dois Estados: **São Paulo** e **Minas Gerais**, cada um dêles com uma produção cujo valor ultrapassa a cifra de 100 bilhões de cruzeiros, o que os coloca em posição realmente excepcional, na conjuntura econô-
mica nacional. Reunidos, fornecem ambos cêrca de 225,5 bi-
lhões de cruzeiros, o equivalente a mais de 38% do valor da
produção agro-pecuária do país.

Eis o valor de sua produção, em 1958:

Cr\$ 1 000

1. São Paulo	122 146 669
2. Minas Gerais	103 377 368

O segundo grupo é constituído por seis Estados, todos com produção superior a 20 bilhões de cruzeiros, embora inferior a 70 bilhões. Dentro de tais limites numéricos, distribuem-se de maneira bastante uniforme, numa gradação descendente sensivelmente harmônica, sem que entre um e outro haja diferenças superiores a 10 bilhões de cruzeiros. **Rio Grande do Sul** encabeça a relação, com cêrca de 66,7 bilhões, e **Santa Catarina** o encerra, com cêrca de 24, bilhões. Figuram nele os três Estados meridionais (o **Paraná** ocupa o segundo posto, com 49,4 bilhões), a **Bahia** representando o Nordeste (em 3.º lugar, com 43,9 bilhões) e os dois Estados do Centro-Oeste — **Mato Grosso** (34,4) e **Goiás** (32,3).

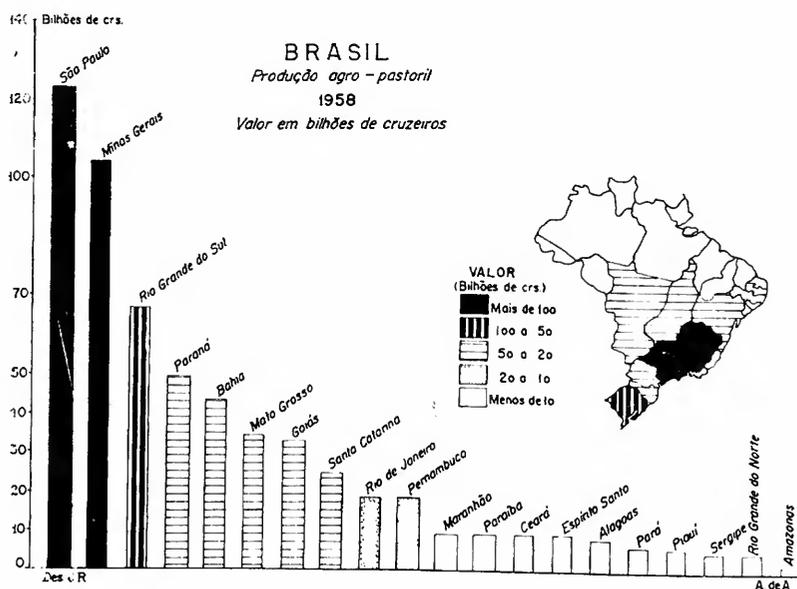


Fig. 23 — Os sustentáculos de nossa economia agrária. — Mais de 38% do valor da produção agro-pastoril brasileira provém de, apenas, dois Estados: São Paulo e Minas Gerais. Segue-se-lhes um segundo grupo, constituído pelo Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina, todos com valor de produção superior a 20 bilhões de cruzeiros, em 1958. Vêm, depois, Rio de Janeiro e Pernambuco. São êsses 10 Estados os verdadeiros sustentáculos de nossa economia agrária, porque contribuem com mais de 87% do valor da produção agro-pastoril do país.

Em 1958, foi o seguinte o valor da produção d'esses seis Estados:

	Cr\$ 1 000
1. Rio Grande do Sul ..	66 707 172
2. Paraná	49 420 123
3. Bahia	43 980 833
4. Mato Grosso	34 415 452
5. Goiás	32 383 764
6. Santa Catarina	24 476 337

O terceiro grupo distingue-se, de certa maneira, do antecedente, embora talvez pudesse ser nele incluído. Vê-se representado por apenas dois Estados, ambos com produção sensivelmente semelhante (por isso mesmo os isolamos), da ordem de 18 bilhões de cruzeiros: um encontra-se no Sudeste — o **Rio de Janeiro**; outro, no Nordeste — **Pernambuco**. Eis sua produção, em 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Rio de Janeiro	18 745 059
2. Pernambuco	18 635 789

Os dez Estados, que compõem os três grupos citados, podem ser considerados, sem a menor dúvida, os **sustentáculos** da economia agro-pecuária brasileira. Basta dizer que, com uma produção global de 544,2 bilhões de cruzeiros, são os responsáveis por mais de 87% do valor da produção total do país, o que significa que os restantes 13% provêm da contribuição de nada menos de 15 unidades da Federação — onze Estados e quatro Territórios.

Entre essas 15 unidades, nove constituem o quarto grupo, cujo valor global é de cerca de 69,5 bilhões de cruzeiros, vale dizer, quase 12% do total brasileiro. Trata-se de um conjunto sensivelmente uniforme, cujo valor de produção é superior a 5 bilhões de cruzeiros, mas não superior a 10 bilhões. Nenhum deles se destaca em relação aos demais; sucedem-se, harmoniosamente, com diferenças, uns quanto aos outros, excepcionalmente superiores a um bilhão de cruzeiros.

Eis sua relação, de acôrdo com os dados de 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Maranhão	9 841 914
2. Paraíba	9 593 748
3. Ceará	9 317 520
4. Espírito Santo	9 036 488
5. Alagoas	8 314 482
6. Pará	6 491 476
7. Piauí	6 452 970
8. Sergipe	5 427 927
9. Rio Grande do Norte	5 028 894

Como é fácil constatar, seis dos Estados mencionados integram o Nordeste, dois fazem parte do Meio-Norte e um só do Norte.

Segue-se, finalmente, o quinto e derradeiro grupo, o mais modesto, o de importância insignificante, no panorama de nossa economia agro-pastoril. O Estado que mais se destaca — o **Amazonas** contribui com menos de 1,9 bilhões de cruzeiros. As demais unidades, que o constituem, não têm produção superior a 900 milhões de cruzeiros. Além do Amazonas, um outro Estado nele se inclui — a **Guanabara**, que, na pequenez de seu território, destaca-se somente como produtor de laranja (6.º) e de banana. Os demais são Territórios amazônicos.

Em 1958, foi o seguinte o valor da produção das unidades componentes desse derradeiro grupo:

	Cr\$ 1 000
1. Amazonas	1 887 307
2. Acre	856 554
3. Rio Branco	734 670
4. Guanabara	631 697
5. Amapá	476 171
6. Rondônia	144 744

Por conseguinte, não existe termo de comparação entre a contribuição fornecida pelas 15 unidades, que formam o 4.º e o 5.º grupos, e a das 10 unidades dos três primeiros grupos. Nestas últimas assenta-se, realmente, a produção agro-pecuária brasileira. Cumpre, pois, analisá-las, se bem que de maneira sintética.

A posição de São Paulo — São Paulo não é, apenas, o maior **centro industrial** do país, se não da América Latina. Também é (e, certamente, continuará a sê-lo, face à inteligente política econômica que vem norteando os responsáveis pelos seus destinos) o maior **centro agro-pecuário** do Brasil, onde ocupa posição verdadeiramente excepcional, devido à sua produção avaliada em mais de 122 bilhões de cruzeiros, no ano de 1958.

Antes de tudo, o que bem caracteriza sua economia agrária é o relativo equilíbrio existente entre o valor da **produção agrícola** e o valor da **produção animal**. Basta comparar estas cifras, referentes a 1958:

Cr\$ 1 000

Produção animal	68 104 186
Produção agrícola	54 042 483

Na **produção agrícola**, o principal produto é, naturalmente, o **café**, riqueza centenária, um dos fatores da pujança econômica do Estado; sua contribuição foi da ordem de 18,7 bilhões de cruzeiros, vale dizer, mais de 34% da produção agrícola paulista, dentro dos 21 produtos aqui considerados. Seguem-se, com importância menor, embora das maiores no conjunto do país: o **arroz** (8,7 bilhões), o **algodão** (7,3), a **cana de açúcar** (5,6), o **milho** (5,1), a **batata inglesa** (2,2), o **feijão** (1,6) e a **banana** (1,1). Mas outras ainda se destacam, embora com cifras de produção inferiores a um bilhão: a **mandioca**, a **laranja**, a **uva**, a **cebola**, a **mamona** e o **abacaxi** — produtos, todos êles, com produção superior a 100 milhões de cruzeiros.

Em 1958, foram as seguintes as maiores **riquezas agrícolas** de São Paulo:

Cr\$ 1 000

1. Café	18 723 627
2. Arroz	8 741 599
3. Algodão	7 346 091
4. Cana de açúcar ...	5 650 507
5. Milho	5 187 211
6. Batata inglesa	2 201 436

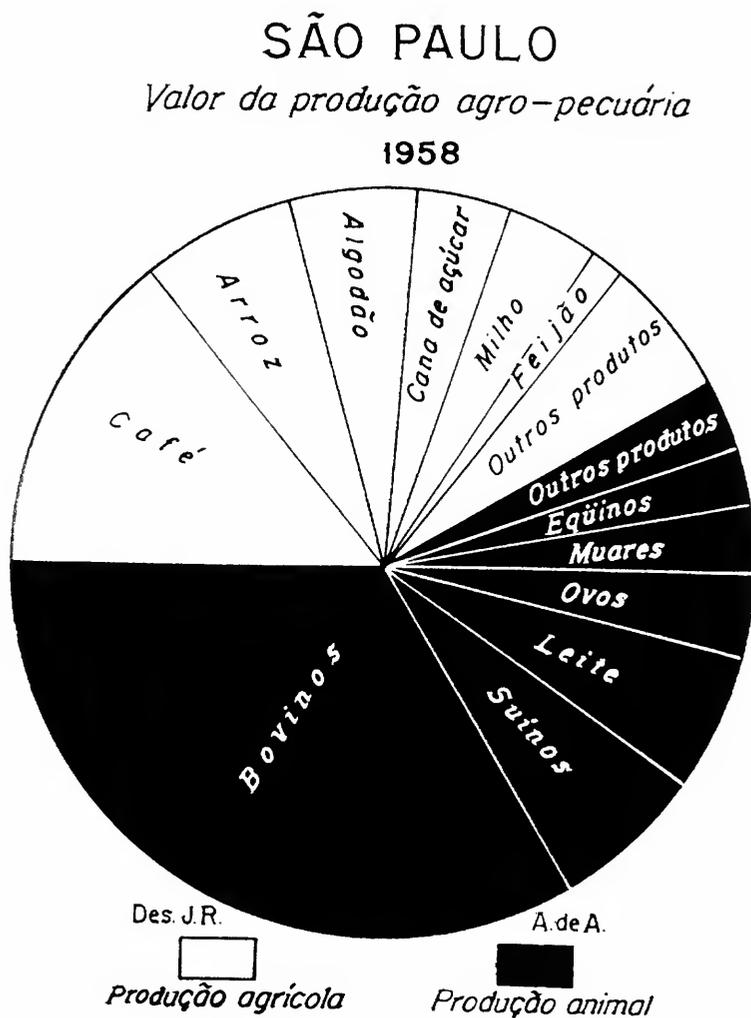


Fig. 24 — *Valor da produção agro-pecuária de São Paulo.* — São Paulo não é, apenas, o maior centro industrial do Brasil; é, também, o maior centro agro-pecuário. Bovinos, café, arroz, algodão, leite, cana de açúcar, milho, ovos de galinha, múares, eqüinos, galináceos, batatinha, feijão e banana são suas maiores riquezas agrárias.

7.	Feijão	1 647 364
8.	Banana	1 123 566
9.	Mandioca	937 474
10.	Laranja	843 985
11.	Uva	649 495
12.	Cebola	419 325
13.	Mamona	269 498
14.	Abacaxi	137 702

Mais importante, tendo em vista o valor global dos produtos, é a **produção animal**, sòmente superada pela de Minas Gerais. Com efeito, o valor do seu rebanho é da ordem de 54,5 bilhões de cruzeiros, aos quais se acrescentam 13,5 oriundos de outras riquezas animais. No que se refere ao rebanho, naturalmente o mais valioso é o de **bovinos**, avaliado em cêrca de 40 bilhões de cruzeiros, vale dizer, quase um têrço da produção agro-pecuária do Estado, mais do dôbro da produção cafeeira. Seguem-se, com destaque, os **suiros** (8,1 bilhões), os **muares** (3,4) e os **eqüinos** (2,9). Todavia, muito notável é a posição ocupada por outras riquezas animais — o **leite** (7 bilhões), os **ovos** de galinha (3,9) e os **galináceos** (2,5).

E' o que se pode constatar, diante da seguinte relação dos principais **produtos animais**, em 1958:

	Cr\$ 1 000	
1.	Bovinos	39 978 478
2.	Suinos	8 187 065
3.	Leite	7 098 482
4.	Ovos de galinha	3 969 985
5.	Muares	3 492 881
6.	Eqüinos	2 966 650
7.	Galináceos	2 524 196
8.	Caprinos	148 028
9.	Asininos	73 101
10.	Ovinos	63 180

A posição de Minas Gerais — Em relação a **Minas Gerais** (que, juntamente com São Paulo, lidera nossa economia agro-pecuária), já se observa um sensível desequilíbrio entre sua **produção agrícola** (que

MINAS GERAIS

Valor da produção agro-pecuária
1958

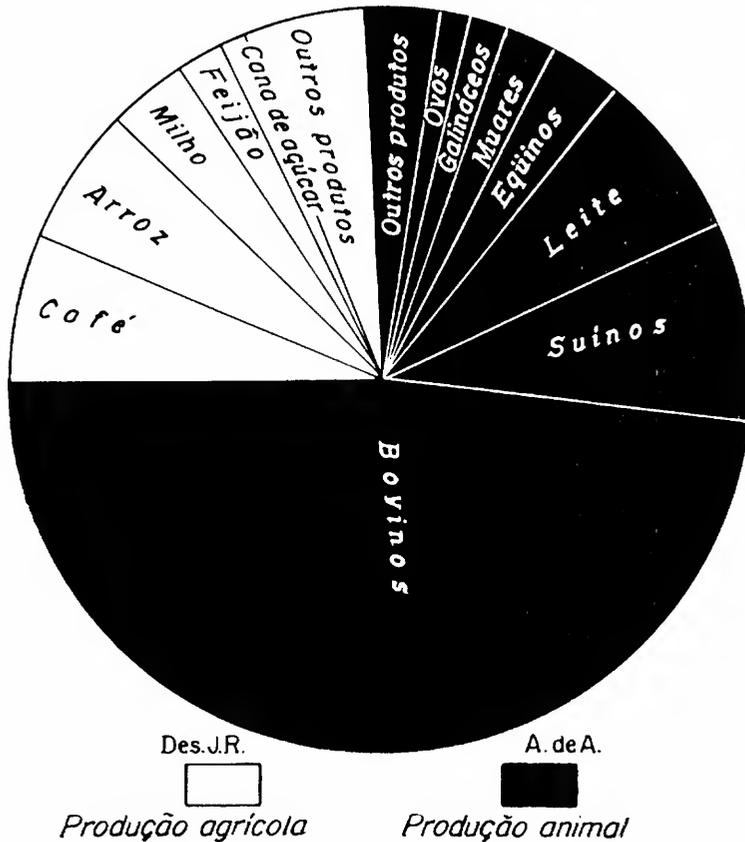


Fig. 25 — Valor da produção agro-pecuária de Minas Gerais. — Minas Gerais ocupa o segundo posto em nossa produção agrária, com sensível predomínio das riquezas de origem animal. Bovinos, suínos, leite, café, arroz, milho, eqüinos, feijão, muares, galináceos, ovos de galinha, cana de açúcar e mandioca — eis suas mais importantes riquezas agro-pastoris.

é da ordem de 25,1 bilhões de cruzeiros) e sua **produção animal**, que predomina de maneira incontrastável (78,2 bilhões) e lhe é três vêzes superior.

10420

Na verdade, Minas Gerais é um grande centro pastoril, conforme bem o demonstram as cifras referentes a 1958:

Cr\$ 1 000

Produção animal	78 251 828
Produção agrícola	25 125 540

No que concerne à **produção agrícola**, duas riquezas disputam o primeiro posto, na economia mineira: o **café** (6,6 bilhões de cruzeiros) e o **arroz** (6 bilhões). Seguem-se-lhes, com não menor destaque: o **milho** (3,5 bilhões), o **feijão** (2,7), a **cana de açúcar** (1,4) e a **mandioca** (1,1). Mas outros ainda merecem ser referidas, apesar do valor de sua produção ser inferior a um bilhão de cruzeiros: o **algodão**, a **banana**, a **batata inglesa** e a **laranja** — todos com produção superior a 400 milhões de cruzeiros.

Eis as mais importantes **riquezas agrícolas** de Minas Gerais, em 1958:

Cr\$ 1 000

1. Café	6 643 672
2. Arroz	6 095 457
3. Milho	3 528 086
4. Feijão	2 743 971
5. Cana de açúcar	1 442 283
6. Mandioca	1 198 049
7. Algodão	827 497
8. Banana	731 128
9. Batata inglesa	526 301
10. Laranja	431 820
11. Fumo	351 474
12. Batata doce	188 600
13. Cebola	132 873
14. Abacaxi	124 023

Todavia, é sobre a **produção animal** que repousa a economia agro-pecuária de Minas Gerais. Sômente seu rebanho corresponde a mais de 67 bilhões de cruzeiros, dos quais cêrca de 50 bilhões relativos aos **bovinos**; isto significa que apenas êste rebanho contribui com o dôbro da produção agrícola do Estado. Posição destacada ocupam, também, os **suínos** (11,2 bilhões),

tradicional criação dos mineiros. Seguem-se, com não menor importância, os **eqüinos** (3,2 bilhões) e os **muares** (2,5). No entanto, é Minas Gerais o maior produtor de **leite** do país (7,6 bilhões), além de destacar-se na criação de **galináceos** (1,7) e na produção de **ovos** de galinha (1,5).

Em 1958, foram as seguintes as principais **riquezas animais** de Minas Gerais:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	49 951 094
2. Suínos	11 207 825
3. Leite	7 603 348
4. Eqüinos	3 296 924
5. Muares	2 502 820
6. Galináceos	1 776 598
7. Ovos de galinha ...	1 596 933
8. Ovinos	126 255
9. Asininos	100 816
10. Caprinos	83 280

A posição do Rio Grande do Sul — O **Rio Grande do Sul** ocupa, no país, o terceiro lugar quanto ao valor da produção agro-pecuária, embora distanciado dos dois centros econômicos antecedentes; basta observar que sua produção global é de cerca de metade da de São Paulo.

Trata-se de importante centro pastoril, já que sua **produção animal** (46,3 bilhões de cruzeiros) corresponde a cerca de 70% da produção agro-pecuária global. Os restantes 30% (20,3 bilhões) são fornecidos pela **produção agrícola**, nem por isso destituída de importância.

Assim se repartiram as riquezas agro-pastoris no Rio Grande do Sul, em 1958:

	Cr\$ 1 000
Produção animal	46 361 932
Produção agrícola	20 345 230

Dois cereais disputam o primeiro lugar, entre as **riquezas agrícolas** sul-riograndenses: o **milho**, com uma produção da ordem de 5,5 bilhões de cruzeiros; e o **arroz**, com 4,4 bilhões. Se-

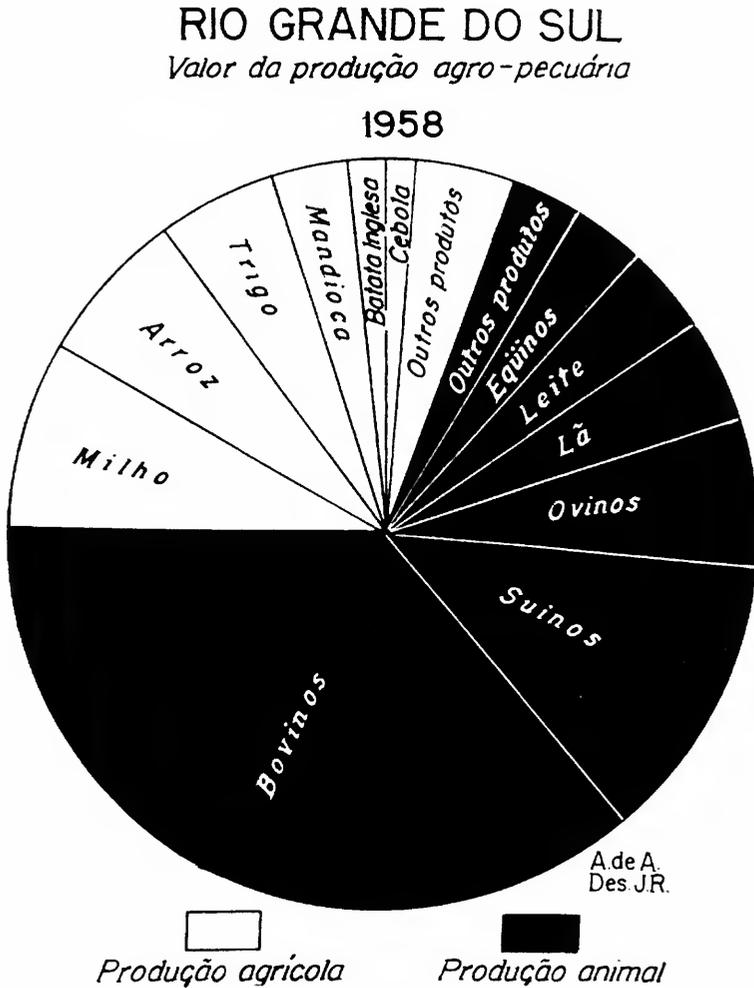


Fig. 26 — *Valor da produção agro-pecuária do Rio Grande do Sul.* — Ocupa o Rio Grande do Sul o terceiro lugar em nossa produção agrária. Bovinos, suínos, milho, ovinos, arroz, trigo, lã, leite, mandioca, equinos e batatinha são suas maiores riquezas.

guem-se-lhes, em importância: o **trigo** (3,4 bilhões), a **mandioca** (2,1) e a **batata inglesa** (1,2). Todavia, ainda merecem ser referidos: a **cebola**, o **feijão**, o **fumo**, a **uva** e a **batata doce** — com

produção superior a 400 milhões de cruzeiros, se bem que inferior a um bilhão.

Assim se repartiu a **produção agrícola** do Rio Grande do Sul, em suas mais importantes riquezas, no ano de 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Milho	5 507 697
2. Arroz	4 402 579
3. Trigo	3 478 770
4. Mandioca	2 180 574
5. Batata inglesa	1 245 011
6. Cebola	947 344
7. Feijão	897 176
8. Fumo	792 941
9. Uva	662 570
10. Batata doce	494 606
11. Laranja	345 252
12. Banana	118 106

No setor da **produção animal**, o rebanho sul-riograndense contribui com cêrca de 84% do valor da produção (39,1 bilhões de cruzeiros), particularmente através dos **bovinos** (23,8 bilhões). Todavia, três outros rebanhos ainda se destacam, por seu valor: o de **suínos** (8,1), o de **ovinos** (4,5) e o de **eqüinos** (2,1). Notável, também, é a produção de **lã** (2,9 bilhões) e de **leite** (2,6) do grande Estado sulino.

E' o que se pode constatar, examinando as maiores **riquezas animais** do Rio Grande do Sul, em 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	23 870 685
2. Suínos	8 161 841
3. Ovinos	4 592 356
4. Lã	2 976 092
5. Leite	2 628 217
6. Eqüinos	2 134 877
7. Galináceos	829 510
8. Ovos de galinha ...	740 888
9. Muares	338 926
10. Asininos	46 597
11. Caprinos	41 953

A posição do Paraná — O Paraná é um importante centro agrícola, já que as atividades pastoris aparecem em posição secundária. Com efeito, 58% de sua produção agro-pecuária provêm da **produção**

PARANÁ

Valor da produção agro-pecuária
1958

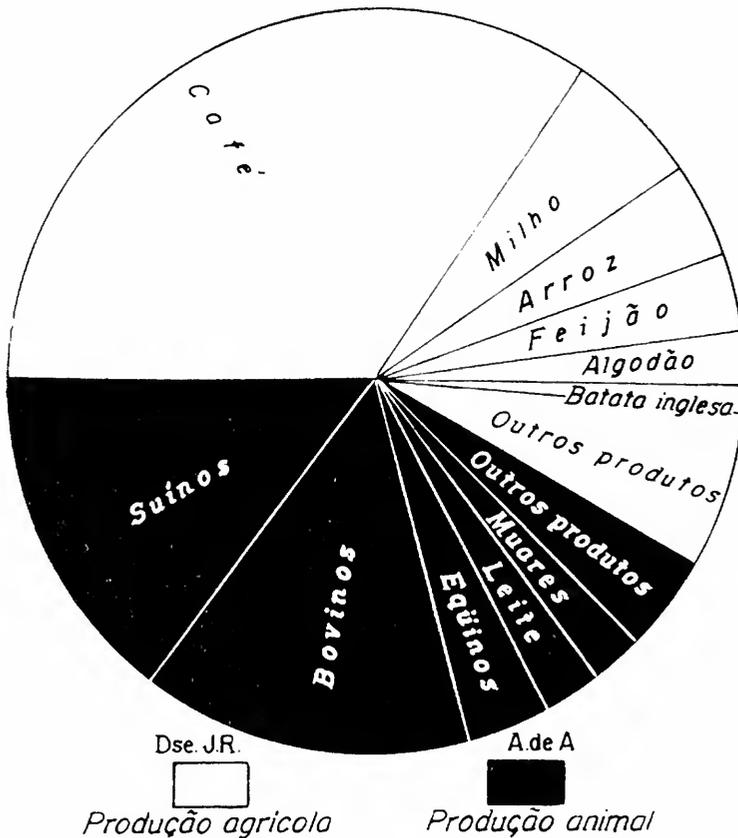


Fig. 27 — Valor da produção agro-pecuária do Paraná. — Ocupando o quarto lugar, o Paraná destaca-se de seus antecedentes por ter na agricultura a base de sua economia. Suas maiores riquezas são o café, suínos, bovinos, milho, arroz, eqüinos, feijão, algodão, leite e muare.

agrícola (28,7% bilhões de cruzeiros), aparecendo a **produção animal** com um valor da ordem de 20,6 bilhões.

Em 1958, assim se repartiu a produção agro-pecuária do Paraná:

	Cr\$ 1 000
Produção agrícola	28 724 903
Produção animal	20 695 220

Na **produção agrícola**, ocupa o **café** uma posição verdadeiramente ímpar, contribuindo com cerca de 62% do total (17,6 bilhões de cruzeiros). Os restantes 38% acham-se repartidos por nada menos do que 16 outras riquezas agrícolas, entre as quais se sobressaem, por seu valor: o **milho** (3 bilhões de cruzeiros), o **arroz** (2 bilhões), o **feijão** (1,7) e o **algodão** (1,2). Fora dessas, merecem uma referência: a **batata inglesa**, o **trigo**, a **mandioca**, a **cana de açúcar**, a **batata doce**, a **laranja**, a **banana**, a **cebola** e a **uva** — tôdas com mais de 100 milhões de cruzeiros, embora com menos de um milhão.

Assim se distribuíram, em 1958, as principais **riquezas agrícolas** do Paraná:

	Cr\$ 1 000
1. Café	17 696 506
2. Milho	3 093 126
3. Arroz	2 009 669
4. Feijão	1 727 181
5. Algodão	1 271 406
6. Batata inglesa	620 028
7. Trigo	595 085
8. Mandioca	438 120
9. Cana de açúcar	382 142
10. Batata doce	189 710
11. Laranja	172 293
12. Banana	167 271
13. Cebola	140 112
14. Uva	113 990

No setor da **produção animal**, o rebanho paranaense contribui com um valor da ordem de 17,7 bilhões de cruzeiros.

Neste particular, disputam o primeiro posto: os **suínos**, com um total de 7,3 bilhões de cruzeiros; e os **bovinos**, com 7 bilhões. Mas também merecem referência os **eqüinos** (1,7 bilhões) e os **muares** (1,2). Por outro lado, nada desprezível é a produção de **leite** (1,2 bilhões).

E' o que se verifica, ao examinar a relação das mais importantes **riquezas animais** do Paraná, no ano de 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Suínos	7 345 283
2. Bovinos	7 065 436
3. Eqüinos	1 779 129
4. Leite	1 237 145
5. Muares	1 207 232
6. Galináceos	873 968
7. Ovos de galinha	796 181
8. Asininos	164 551
9. Caprinos	111 707
10. Ovinos	103 691

A posição da Bahia — Com uma diferença, para menos, de cerca de 5 bilhões de cruzeiros em relação ao Paraná e com uma produção quase três vêzes menor que a de São Paulo, aparece a **Bahia** no quarto lugar entre os sustentáculos de nossa economia agro-pecuária.

Bem ao contrário do Paraná, é na **produção animal** que se funda a riqueza agro-pastoril baiana: sendo da ordem de 32,4 bilhões de cruzeiros, corresponde a mais de 72% do valor da produção total. Por isso mesmo, em posição bastante secundária vem a **produção agrícola**, avaliada em 11,5 bilhões de cruzeiros.

E' o que ressalta do cotejo dos seguintes dados estatísticos, concernentes a 1958:

	Cr\$ 1 000
Produção animal	32 452 729
Produção agrícola	11 528 204

Na **produção agrícola**, apenas duas riquezas ultrapassam, pelo seu valor, a cifra de um bilhão de cruzeiros: o **cacau**, com

4.4 bilhões, o que corresponde a 38% da produção agrícola; e a **mandioca**, com 1.4 bilhões. Das demais riquezas agrícolas da Bahia, com valor inferior a um bilhão, se bem que superior a 250 milhões de cruzeiros, destacam-se particularmente: o **feijão**, o **café**, a **cara de açúcar** e o **fumo**, com cifras superiores a meio bilhão de cruzeiros.

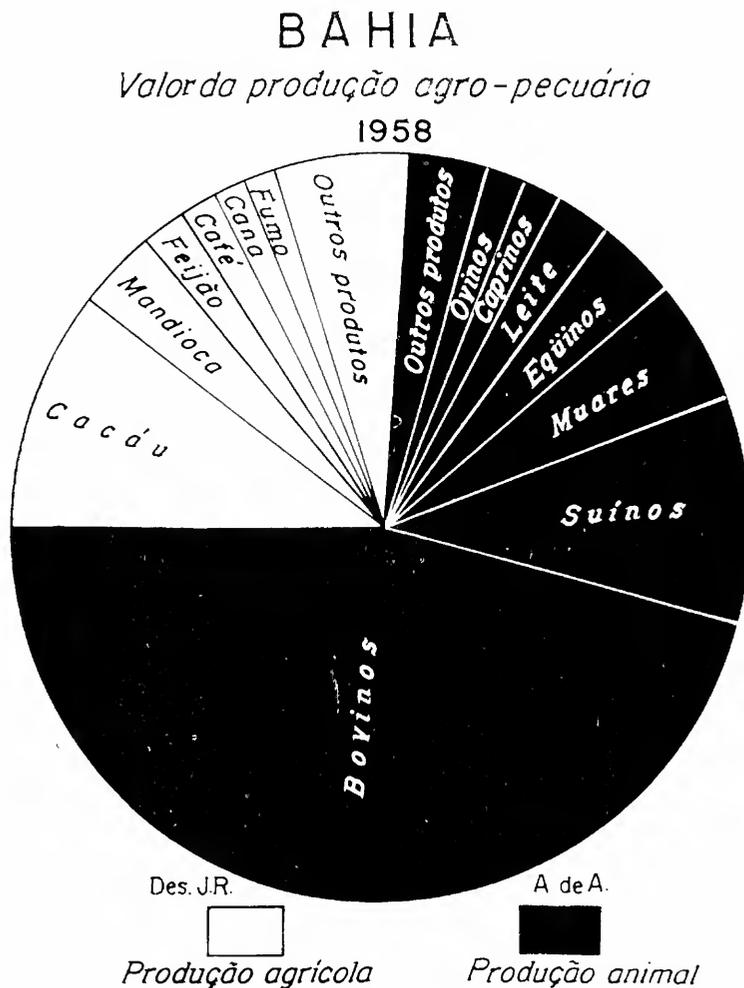


Fig. 28 — *Valor da produção agro-pecuária da Bahia.* — É a Bahia o quinto centro de produção agrária do país. Bovinos, cacau, suínos, mares, equinos e mandioca são suas maiores riquezas.

Em 1958, foram as seguintes as maiores **riquezas agrícolas** da Bahia:

	Cr\$ 1 000
1. Cacau	4 417 912
2. Mandioca	1 490 203
3. Feijão	853 300
4. Café	733 391
5. Cana de açúcar	702 722
6. Fumo	620 027
7. Milho	381 814
8. Mamona	370 095
9. Agave	369 660
10. Algodão	341 767
11. Côco da Bahia	313 150
12. Banana	310 729
13. Laranja	255 928

Na **produção animal**, o rebanho baiano contribui com mais de 94% do seu valor (30,7 bilhões de cruzeiros), devido, sobretudo, ao rebanho de **bovinos** (20,2 bilhões). Todavia, também se destacam os rebanhos de **suínos** (4,3 bilhões), de **muares** (2,4) e de **equínos** (1,7).

Assim se repartiu a **produção animal** da Bahia, em 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	20 214 820
2. Suínos	4 367 419
3. Muares	2 414 091
4. Equínos	1 723 821
5. Leite	869 010
6. Caprinos	727 615
7. Ovinos	721 889
8. Asininos	591 440
9. Galináceos	439 762
10. Ovos de galinha ...	382 525

A posição de Mato Grosso — Seguido bem de perto por Goiás, ocupa **Mato Grosso** o quinto lugar entre os maiores centros agro-pastoris brasileiros; e essa posição advem-lhe da enorme importância de sua **produção animal**, que é da ordem de 31,4 bilhões de cruzeiros,

equivalente a mais de 90% do valor daquela produção. Daí decorre a pequena importância da **produção agrícola**.

MATO GROSSO

Valor da produção agro-pecuária

1958

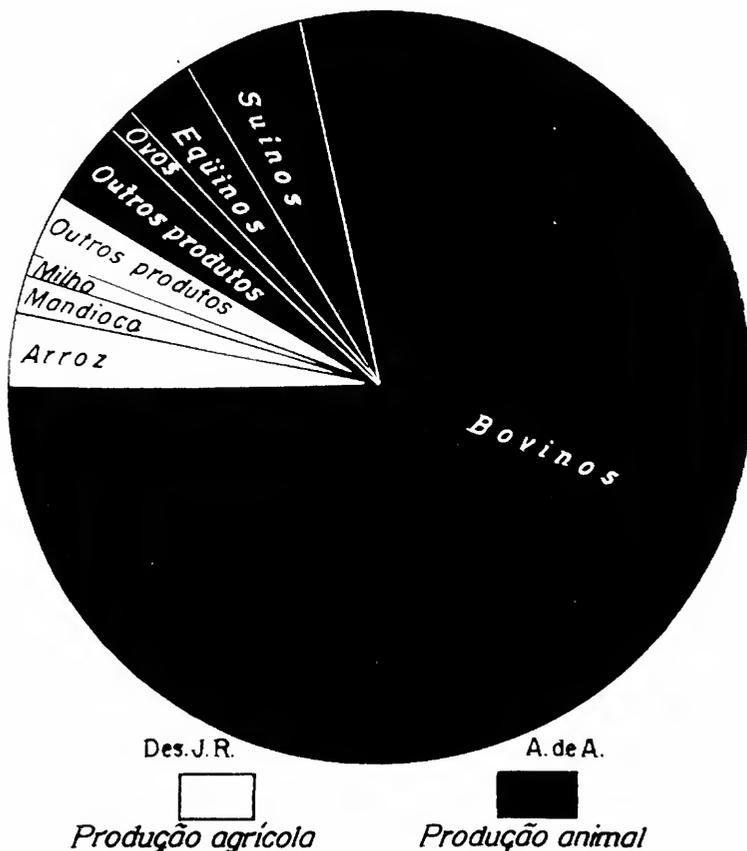


Fig. 29 — *Valor da produção agro-pecuária de Mato Grosso.* — Ocupando o sexto lugar entre os maiores centros de produção agrária do Brasil, Mato Grosso distingue-se, dos demais, por ter nas atividades pastoris a base de sua economia. Suas maiores riquezas são os bovinos, suínos, arroz e eqüinos.

Na verdade, Mato Grosso é quase exclusivamente um destacado centro pastoril, conforme atestam as cifras referentes a 1958:

Cr\$ 1 000

Produção animal	31 470 334
Produção agrícola	2 945 118

Na modéstia de sua **produção agrícola**, apenas um produto apresenta valor acima de um bilhão de cruzeiros: é o **arroz** (1,1). Dos restantes, somente sete aparecem com produção superior a 100 milhões de cruzeiros, destacando-se entre êles: a **mandioca**, o **milho** e o **feijão**.

Em 1958, assim se repartiram as principais **riquezas agrícolas** de Mato Grosso:

Cr\$ 1 000

1. Arroz	1 199 021
2. Mandioca	606 365
3. Milho	359 411
4. Feijão	235 958
5. Café	192 986
6. Cana de açúcar	138 667
7. Banana	107 263

Já o mesmo não acontece em relação à **produção animal**, sobretudo graças ao valioso rebanho mato-grossense, cujo valor ultrapassa 87% dessa produção (30,3 bilhões de cruzeiros). São os **bovinos** que fazem a relativa grandeza econômica do Estado, com um valor da ordem de 27 bilhões de cruzeiros. Os demais rebanhos possuem valor muito menor, merecendo um destaque especial, apenas, o de **suínos** (1,8 bilhões) e o de **equínos** (1,1).

E' o que se pode verificar, diante das estatísticas referentes à **produção animal**, em 1958:

Cr\$ 1 000

1. Bovinos	26 982 670
2. Suínos	1 871 293
3. Equínos	1 112 087
4. Ovos de galinha	425 631

5. Galináceos	316 591
6. Leite	239 456
7. Muares	232 368
8. Ovinos	96 909

A posição de Goiás — Se bem que um pouco mais atenuada, semelhante à de Mato Grosso é a posição econômica de Goiás, o sétimo grande centro agro-pecuário do Brasil: as bases da economia goiana assentam-se, firmemente, na **produção animal**, que é da ordem de 25,8 bilhões de cruzeiros, vale dizer, mais de 79% do total do valor da produção agro-pastoril. A **produção agrícola**, embora modesta, corresponde a 6,5 bilhões de cruzeiros.

Com efeito, assim se repartiu a produção goiana, em 1958:

Cr\$ 1 000

Produção animal	25 855 555
Produção agrícola	6 528 209

Na **produção agrícola**, duas são as maiores riquezas de Goiás: o **arroz**, com 3 bilhões de cruzeiros; e o **café**, com um bilhão. Não longe dêste, aparece o **milho** (982 milhões). Os demais produtos apresentam valor abaixo desta cifra, embora superior a 100 milhões: o **feijão**, a **mandioca**, a **cana de açúcar** e o **algodão**.

Em 1958, assim se classificaram essas **riquezas agrícolas** de Goiás:

Cr\$ 1 000

1. Arroz	3 015 768
2. Café	1 039 022
3. Milho	982 534
4. Feijão	460 035
5. Mandioca	399 975
6. Cana de açúcar	320 893
7. Algodão	115 381

Na **produção animal**, a pecuária contribui com 74% da produção agro-pastoril do Estado, com um valor da ordem de 23,9 bilhões de cruzeiros. A maior contribuição provém do rebanho

GOIÁS

Valor da produção agro-pecuária

1958

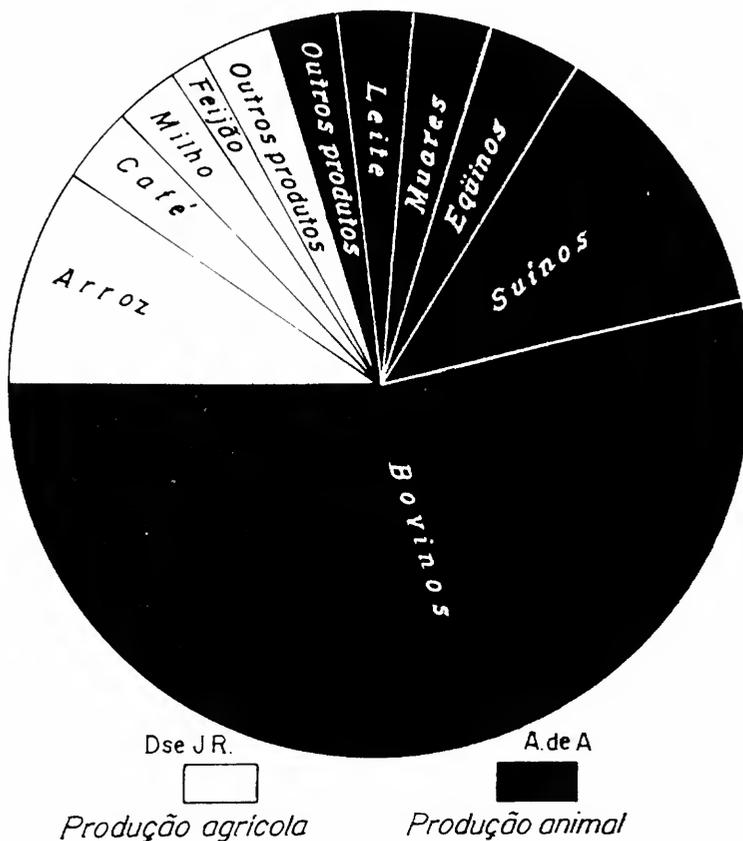


Fig. 30 — Valor da produção agro-pecuária de Goiás. — O sétimo grande produtor brasileiro notabiliza-se pela produção de bovinos, suínos, arroz, eqüinos, muares, leite e café.

de **bovinos**, apenas é avaliado em 17,3 bilhões de cruzeiros. Todavia, também se destacam: os **suínos** (3,9 bilhões), os **eqüinos** (1,3) e os **muares** (1,1). Valiosa, por outro lado, é a produção de **leite** (1,1 bilhões).

Assim se repartiram as **riquezas animais** de Goiás, no ano de 1958:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	17 329 890
2. Suínos	3 981 464
3. Eqüinos	1 387 842
4. Muares	1 118 234
5. Leite	1 109 713
6. Ovos de galinha	404 853
7. Galináceos	359 972
8. Asininos	115 879

A posição de Santa Catarina — Completando a representação do Sul do Brasil, aparece **Santa Catarina**, no oitavo lugar entre os baluartes de nossa economia agrária.

Sua posição tem algo de singular, porque, embora o predomínio caiba à **produção animal** (cujo valor é da ordem de 17,5 bilhões de cruzeiros), que contribui com mais de 70% do total da produção agro-pecuária, nada desprezível é a **produção agrícola** do Estado.

Em 1958, assim se repartiu a produção agro-pastoril de Santa Catarina:

	Cr\$ 1 000
Produção animal	17 544 553
Produção agrícola	6 931 784

Na **produção agrícola**, duas riquezas aparecem com evidente destaque: o **milho**, com 1,8 bilhões de cruzeiros; e a **mandioca**, com 1,2 bilhões. Todavia, dez outras ainda merecem ser referidas, dentre as quais apresentam importância maior: o **trigo** (845 milhões de cruzeiros), o **arroz** (798 milhões), o **feijão** (532 milhões), o **fumo**, a **batata inglesa** e a **cana de açúcar**.

Assim se classificaram as mais importantes **riquezas agrícolas** catarinenses, em 1958:

SANTA CATARINA

Valor da produção agro-pecuária

1958

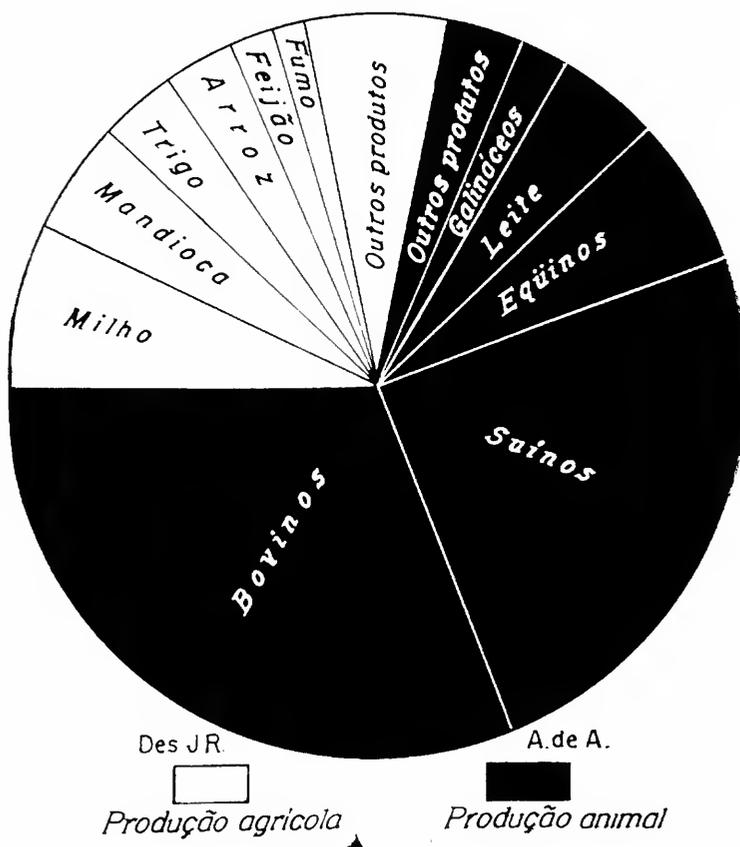


Fig. 31 — Valor da produção agro-pecuária de Santa Catarina. — O oitavo grande produtor brasileiro tem nos bovinos, suínos, milho, eqüinos, mandioca e leite suas maiores riquezas.

	Cr\$ 1 000
1. Milho	1 837 732
2. Mandioca	1 268 350
3. Trigo	845 057
4. Arroz	798 220
5. Feijão	532 879
6. Fumo	353 689
7. Batata inglesa	240 435
8. Cana de açúcar	227 427
9. Batata doce	215 476
10. Banana	192 537
11. Uva	145 316
12. Laranja	100 284

Na **produção animal**, a pecuária entra com um contingente, só êle, equivalente a mais do dôbro da produção agrícola: 15.6 bilhões de cruzeiros. Para isso, contribuem, de maneira marcante, notadamente dois rebanhos: o de **bovinos** (7,5 bilhões) e o de **suínos** (6 bilhões) Merecem, ainda, uma referência o rebanho de eqüinos (1,6) e a produção de lã (um bilhão de cruzeiros).

Em 1958, foi a seguinte a **produção animal** de Santa Catarina:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	7 510 110
2. Suínos	6 084 122
3. Eqüinos	1 615 599
4. Leite	1 093 341
5. Galináceos	483 124
6. Ovos de galinha	325 072
7. Muares	285 351
8. Ovinos	88 991
9. Caprinos	35 128
10. Asininos	12 573

Com Santa Catarina, encerra-se o grupo dos centros agro-pecuários brasileiros, cujo valor da produção é superior a 20 bilhões de cruzeiros. Entretanto, seria injustiça deixar de lado os dois centros que, imediatamente, lhe seguem — **Rio de Ja-**

neiro e Pernambuco, ambos com quase igual valor da produção (da ordem de 18 bilhões de cruzeiros) e bastante distanciados do que aparece, depois dêles — o **Maranhão**, com uma contribuição inferior a 10 bilhões de cruzeiros.

A posição do Rio de Janeiro — Dentro do Sudeste brasileiro (onde pompeiam sua grandeza econômica São Paulo e Minas Gerais), ocupa o **Rio de Janeiro** o terceiro posto, na modéstia de sua posição.

Trata-se de um Estado agro-pastoril, se bem que a **produção animal** (cujo valor é da ordem de 12,8 bilhões de cruzeiros) sobrepuje, em mais do dôbro, a **produção agrícola** (5,8 bilhões). E' que esta última é variada e de importância, na conjuntura econômica nacional.

Em 1958, assim se repartiu sua **produção agro-pastoril**:

Cr\$ 1 000	
Produção animal	12 866 532
Produção agrícola	5 878 527

No que tange à **produção agrícola**, duas riquezas se destacam na economia agrária fluminense: a **cana de açúcar**, com uma produção da ordem de 1,7 bilhões de cruzeiros; e a **laranja**, com um bilhão. Todavia, pelo menos outros seis produtos merecem ser referidos: a **banana** (783 milhões de cruzeiros), o **arroz** (752 milhões), o **café** (532 milhões), o **milho**, a **mandioca** e o **feijão**.

São êsses, na verdade, os mias importantes produtos da economia agrícola do Rio de Janeiro, conforme os dados de 1958:

Cr\$ 1 000	
1. Cana de açúcar	1 703 487
2. Laranja	1 016 192
3. Banana	783 339
4. Arroz	752 449
5. Café	532 844
6. Milho	458 595
7. Mandioca	271 406
8. Feijão	121 334

Na **produção animal**, o rebanho fluminense entra com uma contribuição da ordem de 9,6 bilhões de cruzeiros, em que representam papel de maior importância os rebanhos de **bovinos** (6,9 bilhões) e de **suínos** (1,4 bilhões). Destacada, todavia, é sua produção de **leite** (1,5).

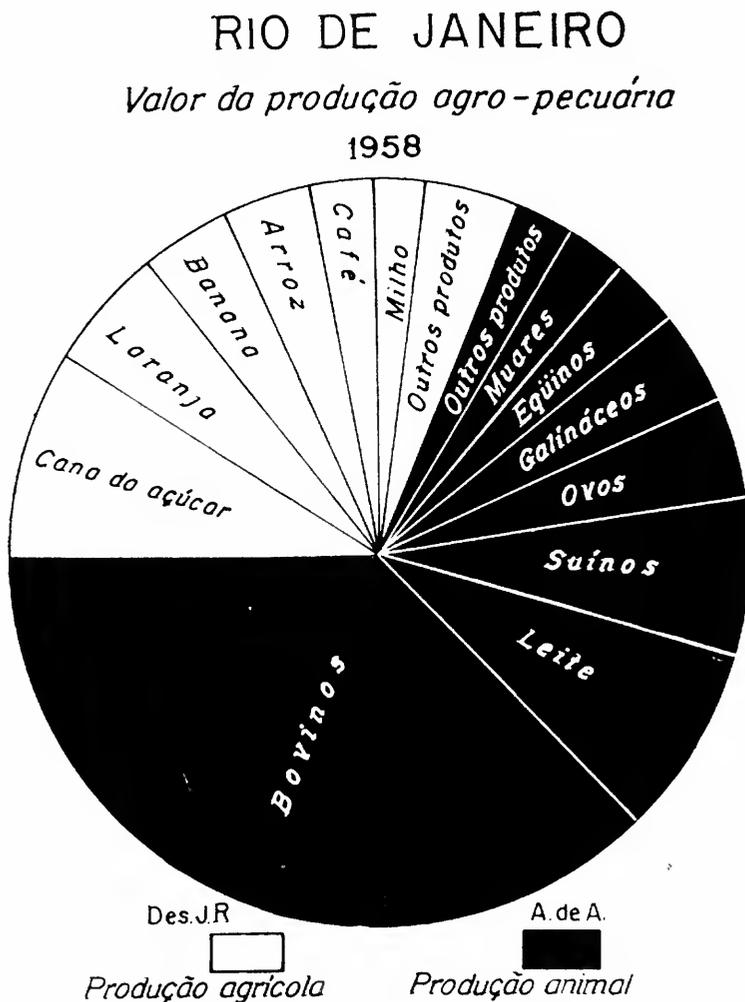


Fig. 32 — Valor da produção agro-pecuária do Rio de Janeiro. — O nono grande produtor brasileiro destaca-se como fornecedor de bovinos, cana de açúcar, leite, suínos e laranja.

Assim se repartiu essa produção, em 1958, através das riquezas mais valiosas:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	6 980 790
2. Leite	1 591 788
3. Suínos	1 498 060
4. Ovos de galinha	820 991
5. Galináceos	790 282
6. Eqüinos	696 357
7. Muares	501 229
8. Caprinos	37 166

A posição de Pernambuco — E' em Pernambuco (que, juntamente com a Bahia, representa o Nordeste entre os mais importantes centros agro-pecuários do país) que vamos encontrar a posição, de certa maneira, ideal para a economia de um Estado: o equilíbrio perfeito entre a **produção agrícola** (9,5 bilhões de cruzeiros) e a **produção animal** (9,1 bilhões), embora, qualitativamente falando, êsse ideal seja aparente.

Em 1958, assim se repartiu a **produção agro-pecuária** pernambucana:

	Cr\$ 1 000
Produção agrícola	9 516 264
Produção animal	9 119 525

Na **produção agrícola**, três importantes riquezas sustentam a economia agrária pernambucana: a **cana de açúcar**, com um contingente de 2,9 bilhões de cruzeiros; a **mandioca** (1,6 bilhões) e o **algodão** (1,5). A seu lado, aparecem nove outras riquezas, dentre as quais merecem ser destacadas: o **milho** (604 milhões de cruzeiros), o **feijão** (600 milhões), o **café** (537), a **banana** (511) e a **cebola** (373).

Foram as seguintes, em 1958, as mais importantes **riquezas agrícolas** de Pernambuco:

PERNAMBUCO

Valor da produção agro-pecuária
1958

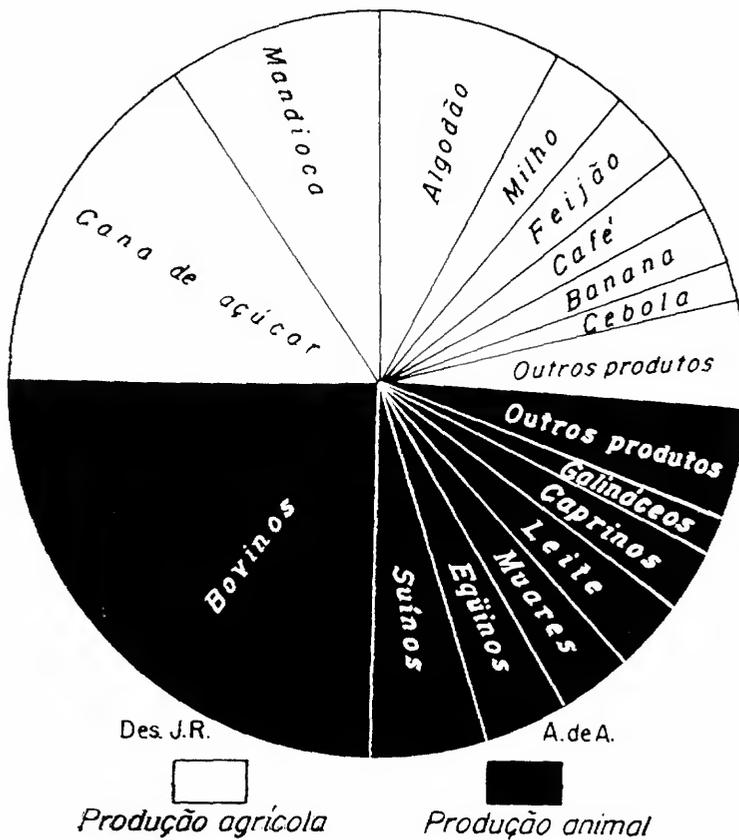


Fig. 33 — Valor da produção agro-pecuária de Pernambuco. — Ocupando o 10.º lugar entre os grandes produtores brasileiros, Pernambuco notabiliza-se pelo evidente equilíbrio existente entre suas riquezas agrícolas e suas riquezas de origem animal. Dentro delas, destacam-se os bovinos, a cana de açúcar, a mandioca e o algodão.

	Cr\$ 1 000
1. Cana de açúcar	2 943 772
2. Mandioca	1 668 385
3. Algodão	1 517 766
4. Milho	604 815
5. Feijão	600 522
6. Café	537 681
7. Banana	511 200
8. Cebola	373 997
9. Batata doce	172 593
10. Mamona	156 005
11. Côco da Bahia	148 561
12. Laranja	101 498

Na **produção animal**, a contribuição do rebanho pernambucano é da ordem de 7,9 bilhões de cruzeiros, mais da metade dos quais provêm do rebanho de **bovinos** (4,5 bilhões). Os demais rebanhos contribuem com valores abaixo de um bilhão, que se sucedem numa sequência harmoniosa; neste particular, destacam-se, em especial: os **suínos**, os **eqüinos**, os **muares** e os **caprinos** — todos com mais de meio bilhão.

Em 1958, assim se repartiu a **produção animal** de Pernambuco:

	Cr\$ 1 000
1. Bovinos	4 574 180
2. Suínos	986 236
3. Eqüinos	673 901
4. Muares	664 226
5. Leite	614 939
6. Caprinos	537 865
7. Galináceos	274 887
8. Ovinos	271 696
9. Ovos de galinha	251 533
10. Asininos	170 062

XIII

O BRASIL CONTINUA A SER UM GRANDE PAÍS AGRÁRIO

Bem ou mal, chegamos ao fim da penosa, mas (queremos crer) útil tarefa, a que nos propusemos: a análise da produção agro-pecuária brasileira, em seus aspectos gerais e em seus aspectos regionais ou particulares.

Ante os olhos dos que nos honraram com sua atenção, desfilaram, um a um, os principais produtos de nossa **economia agrícola**, através de suas áreas de cultura, do volume e do valor de sua produção, dos mais importantes centros produtores. Vimos, a seguir, a **produção animal**, naquilo que apresenta de maior interesse — os rebanhos e sua repartição geográfica, os produtos que diretamente dêles se pode obter (o leite, a lã) e os aspectos essenciais da avicultura. E, para terminar, as grandes **regiões agro-pastoris** brasileiras, com seus principais centros de produção e as riquezas que as caracterizam, e os dez **Estados**, que constituem os verdadeiros alicerces de nossa economia agrária, nos aspectos marcantes de sua produção agro-pecuária.

Uma conclusão final se impõe. E, ao tentar fazê-la, retornamos às palavras iniciais dêste trabalho: o Brasil continua a ser um grande país agrário. Porque da **agricultura** procede uma riqueza da ordem de 200 bilhões de cruzeiros. Porque da **pecuária** provêm, nada menos, de 340 bilhões. Porque do **leite**, da **avicultura** e da **lã** chega-nos uma produção da ordem de 50 bilhões de cruzeiros. Porque, do conjunto dessas **riquezas agrárias**, obtemos um valor de produção que se aproxima de 590 bilhões de cruzeiros — cifra que, acreditamos, ainda não foi alcançada pela nossa produção industrial. Porque é de uns poucos produtos agrícolas que recebemos a maior parte das **divisas** estrangeiras, elementos vitais para a manutenção de

nosso comércio externo e imprescindíveis para a sobrevivência de muitas de nossas indústrias. Porque, na imensa paisagem brasileira, é a **paisagem agrária** a mais típica, a mais expressivamente nacional, a que realmente caracteriza nossa vida econômica, nas áreas já efetivamente ocupadas pelo homem. Porque tem raízes no passado e simboliza a verdadeira vocação geográfica do país — enorme em sua extensão, variado em seus aspectos climático-botânicos, possuidor de terras de matas e de terras de campos, que estão à espera de quem melhor as saiba aproveitar e de homens que venham ocupar os imensos vazios, onde hoje impera a nostálgica solidão das “terras de ninguém”, ao mesmo tempo que os centros urbanos se multiplicam e as grandes metrópoles florescem, mas sofrem por entre os problemas que as angustiam.

O Brasil continua a ser um grande país agrário. E deve continuar a sê-lo, pelos anos em fora. Sem que isso possa, de qualquer modo, prejudicar nosso crescente e promissor desenvolvimento industrial. Muito pelo contrário: que a prosperidade de nossa vida agrária venha a contribuir para o progresso de nosso parque industrial e que, em contrapartida, a nossa indústria concorra, com os capitais que acumular e com os implementos que vier a produzir, para o fortalecimento das atividades agro-pecuárias, tão essenciais e tão vitais como as daquela. Para a maior grandeza econômica do país.

PANORAMA DE LA PRODUCTION DE L'AGRICULTURE ET DE L'ÉLEVAGE BRÉSILIENS EM 1958

RÉSUMÉ

C'est le Dr. Aroldo de Azevedo, Professeur de Géographie du Brésil à la Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres de l'Université de São Paulo, l'auteur de ce travail dont le titre est **Panorama de la Production de l'Agriculture et de l'Élevage Brésiliens en 1958**. Cette oeuvre est une interprétation statistico-géographique des données prises dans la dernière édition de "l'Annuaire Statistique du Brésil", publié par le Conseil National de Statistique de l'I.B.G.E. (Rio de Janeiro, 1 959).

Au chapitre I, l'introduction, l'auteur définit le but de son oeuvre, qui consiste à démontrer que **l'agriculture continue à être la base de l'économie brésilienne**, malgré l'admirable développement industriel observé depuis 1 940, bien que la valeur de la production industrielle soit nettement supérieure à celle de la production agricole. Ce même chapitre nous montre les principales caractéristiques de l'industrie au Brésil, et le rôle important que jouent les richesses agricoles. Pour cela même, l'auteur regrette que l'agriculture ne reçoive pas du Gouvernement Fédéral, l'intérêt et l'appui auxquels elle a droit; en outre, il déclare que ce travail représente un hommage à cette grande source de richesse.

Au chapitre II, la **production agricole** est analysée dans ses aspects généraux, d'accord avec les **superficies cultivées**, le **volume** et la **valeur** de la production. En ce qui concerne la valeur de la production agricole, l'auteur fait remarquer que 80% du total correspond à peine à 7 produits: le café, le riz, le maïs, le coton, la canne à sucre, le manioc et les haricots.

Dans les six chapitres suivants sont étudiés les plus grandes richesses agricoles brésiliennes, à travers ses principaux

centre producteurs, et selon la superficie, le volume et la valeur de la production.

Le chapitre III est dédié à l'étude du **café, la plus grande richesse brésilienne**, en soulignant la position occupée par São Paulo et Paraná, qui contribuent avec 70% de la valeur globale de la production de café.

Le chapitre IV examine les deux **céréales de base** — le **riz** et le **maïs**, richesses typiques de São Paulo, Minas Gerais et Rio Grande do Sul.

Le chapitre V a pour objet l'étude de deux **cultures industrielles**: le **coton** et la **canne à sucre**, richesses de São Paulo, et aussi du Nord-Est brésilien.

Dans le chapitre VI, l'étude porte sur deux **cultures alimentaires**: le **manioc** et les **haricots**, aliments grandement divulgués parmi la population et qui sont cultivés de préférence dans le Sud, Sud-Est et Nord-Est.

Dans les chapitres VII et VIII, sont étudiées les richesses de moindre importance économique: d'une manière plus détaillée, la **banane**, la **pomme de terre** ("batata inglesa" ou "batatinha"), le **blé**, le **cacao**, les **oranges**, le **tabac**, et les **oignons** (chapitre VII); et, d'une façon plus résumée, la **pomme de terre sucrée**, le **raisin**, la **noix de coco de Bahia**, le **ricin**, le **sisal**, l'**aranas** et le **jute** (chapitre VIII).

Le chapitre IX est dédié à l'**élevage**, envisagé au point de vue répartition géographique, quantité et valeur. Après une vue d'ensemble, chaque **type d'élevage** est étudié d'une façon synthétique, selon son importance quantitative: les races bovines, les porcs, les moutons, les chèvres, les chevaux, les mules et les ânes. Le chapitre se termine par une référence sur l'importance économique des troupeaux brésiliens, dont la **valeur globale** est supérieure à celle de la production agricole et dans laquelle prédomine la race bovine (70% de la valeur totale).

Le chapitre X traite des autres richesses animales, dont l'importance économique n'est pas toujours appréciée à sa juste valeur: l'**aviculture** (élevage de gallinaces et la production d'oeufs), la production du **lait** et celle de la **laine**.

Le chapitre XI donne une vision rétrospective, réalisée dans le criterium des divisions régionales. L'auteur admet l'existence de six **régions agro-pastorales** au Brésil: le Sud-Est (43% de la valeur totale), le Sud (24%), le Nord-Est (17%), le Centre-Ouest (11%), le Moyen Nord (3%) et le Nord (1%), faisant ressortir dans chacune de ces régions les plus importants centres de production et leur contribution.

Le chapitre XII étudie, dès le commencement, la contribution agro-pastorale de chacun des **États** et **Territoires** brésiliens. Ensuite, son objectif est l'étude des dix **plus grands centres agro-pastorales**, véritables soutiens de son économie agricole puisqu'ils contribuent pour 87% de la valeur totale: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina, Rio de Janeiro et Pernambuco; par rapport à chacun d'eux, sont étudiées la production agricole et la production animale, selon leur valeur et leur composition.

Le chapitre XIII est la conclusion de l'oeuvre et son titre est: **Le Brésil continue d'être une grande nation agro-pastorale**, surtout parce que: 1. la valeur de sa production agro-pastorale est de l'ordre de 590 billions de cruzeiros, chiffre égal ou, peut-être, supérieur à celui de la production industrielle; 2. la production agricole fournit la plus grande partie des devises étrangères et, ainsi, garantit le commerce extérieur; 3. c'est le paysage agraire le plus typique du pays, dans les régions déjà occupées par l'homme; 4. l'agriculture a des racines dans le passé et symbolise la véritable vocation géographique du Brésil.

L'auteur juge que cette situation doit continuer, sans nuire au développement industriel afin que coexistent, solides, les deux sources de richesses du pays: **l'agriculture** et **l'industrie**, dans une collaboration étroite et profitable.

A PANORAMA OF BRAZILIAN FARM PRODUCTION IN 1958

SUMMARY

The book in question is by Dr. AROLDO DE AZEVEDO, professor of Brazilian Geography at the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo. It is entitled **A Panorama of Brazilian Farm Production in 1958** and constitutes an interpretation, statistically and geographically, of the data published in the latest edition of the "Statistical Year-book of Brazil", published by the National Statistical Council of the I.B.G.E. (Brazilian Institute of Geography and Statistics) in Rio de Janeiro, 1959.

In the first and introductory chapter, the author indicates the purpose of the book, which is that of proving that **agriculture continues to be the basis of Brazilian economy**, in spite of the admirable industrial development that has taken place from 1940 onwards, and in spite of the fact that the value of industrial production is considerably higher than that of agricultural production. It shows the principal characteristics of the country's industry and the important part played by agricultural resources. For this very reason it deplors the fact that the Federal Government is not paying due attention or giving due support to agriculture, the book being presented to the readers as a tribute to this important source of wealth.

In Chapter II, **agricultural production** is analysed in its general aspects: the main agricultural resources, according to **cultivated area, volume and value** of production. As regards the value of agricultural production, it is recalled that 80% of the total is accounted for by only seven products — coffee, rice, maize, cotton, sugar-cane, mandioca and beans.

In the six chapters that follow, a study is made of the major agricultural resources of Brazil, considered as to their main

production centres and as to area, volume and value of the production.

Chapter III is dedicated to the study of **coffee, the greatest source of wealth in Brazil**, attention being drawn to the position of São Paulo and of Paraná, which contribute 70% of the total coffee production.

Chapter IV is a study of the two **basic cereals, rice and maize**, typical riches of the States of São Paulo, Minas Gerais and Rio Grande do Sul.

Chapter V focalizes two **industrial cultivations — cotton and sugar-cane**, riches not only of São Paulo but of North-East Brazil.

Chapter VI is a study of two items of **food-growing — mandioca and beans**, which supply food widely used by the people and grown by choice in the South, South-East and North-East.

Chapters VII and VIII examine in some detail the resources of lesser economic importance — **bananas, potatoes** ("Batata inglesa" or "Batatinha"), **wheat, cocoa, oranges, tobacco and onions** (chapter VII); and, in a summarized way, **sweet potatoes, grapes, Bahian coco-nuts, mamona, aloes** (agave) or **sisal, pineapples and jute** (chapter VIII).

Chapter IX is dedicated to **cattle-breeding**, analysed as to geographical distribution, number and value. After a general consideration, each type of cattle is studied in summary, according to its numerical importance: cows, pigs, sheep, goats, horses, mules and donkeys. The chapter closes with a reference to the economic importance of Brazilian cattle, the total value of which exceeds that of all the agricultural production, and of which cows, representing 70% of the total **value**, are of special importance.

Chapter X relates to other animal riches, the economic importance of which is not always properly evaluated: **poultry-breeding** (breeding of birds of the hen species and egg production), **milk** production and **wool** production.

Chapter XI looks back on the situation, considered from a regional point of view. The author considers that there are six

farming regions in Brazil: the South-East (43% of the total value), the South (24%), the North-East (17%), the West-Central (11%), the Middle-North (3%) and the North (1%). In each case most important centres are named, indicating the contribution they make.

Chapter XII begins by a study of the contribution made by farming in each of the **States** and **Territories** of Brazil. Then it considers the ten **biggest farming centres**, the real basis of the country's agrarian economy, seeing that they contribute 87% of the total value: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina, Rio de Janeiro and Pernambuco. In each case the cattle production and agricultural production are studied, according to value and composition.

Chapter XIII is the concluding one and is entitled **Brazil continues to be a great agricultural country**, the main reasons advanced being:

1. The value of its farming production is of the order of 590 billions of cruzeiros, a figure equal or possibly superior to that of industrial production.
2. Agricultural products provide the greater part of foreign currency and in this way are a guarantee to foreign trade.
3. Agrarian landscape is the most typical in the country in the areas where man is effectively established.
4. The fact has roots in the past and symbolizes the true geographical vocation of Brazil.

The author considers that this should continue so, without prejudice to industrial development, the two co-existing and both being strong, as two sources of wealth for the country — **agriculture** and **industry** in the closest and most fruitful collaboration.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Págs.
1. Áreas cultivadas dos principais produtos agrícolas	18
2. Volume da produção das mais importantes riquezas agrícolas	20
3. Valor da produção das maiores riquezas agrícolas	22
4. Os maiores centros produtores de café, segundo a área, o volume e o valor da produção	27
5. Repartição geográfica da produção de café, de acôrdo com o respectivo valor	29
6. Os grandes centros produtores de arroz	34
7. Os grandes centro produtores de milho	37
8. Os maiores centros produtores de algodão	43
9. Os grandes centros produtores de cana de açúcar	47
10. Os grandes centros produtores de mandioca	51
11. Os maiores centros produtores de feijão	53
12. Os grandes centros produtores de banana	58
13. Os maiores centros produtores de batatinha ou batata inglesa	59
14. Centros produtores de trigo e de cacau	60
15. Centros produtores de laranja, fumo e cebola	62
16. Repartição numérica do rebanho brasileiro	70
17. Repartição geográfica do rebanho bovino, segundo o valor	71
18. Repartição geográfica do rebanho suino, segundo o valor	72
19. Repartição geográfica do rebanho ovino, segundo o valor	74
20. Repartição geográfica dos rebanhos de equinos e de muares, segundo o valor	76
21. Repartição geográfica dos rebanhos de caprinos e de asininos, segundo o valor	77
22. As grandes regiões agro-pastoris do Brasil	87
23. Os sustentáculos de nossa economia agrária	94
24. Valor da produção agro-pecuária de São Paulo	98
25. Valor da produção agro-pecuária de Minas Gerais	100
26. Valor da produção agro-pecuária do Rio Grande do Sul	103
27. Valor da produção agro-pecuária do Paraná	105
28. Valor da produção agro-pecuária da Bahia	108
29. Valor da produção agro-pecuária de Mato Grosso	110
30. Valor da produção agro-pecuária de Goiás	113
31. Valor da produção agro-pecuária de Santa Catarina	115
32. Valor da produção agro-pecuária do Rio de Janeiro	118
33. Valor da produção agro-pecuária de Pernambuco	120

ÍNDICE GERAL

	Págs.
Explicação	5
Sumário	9
I. <i>A agricultura constitui a base da economia brasileira</i>	13
II. <i>A produção agrícola: aspectos gerais</i>	
As áreas cultivadas	17
Volume da produção	20
Valor da produção	21
III. <i>Café, riqueza brasileira</i>	
As áreas cafeeiras	25
A produção cafeeira	26
O valor da produção cafeeira	30
IV. <i>Arroz e milho, cereais básicos</i>	
Duas culturas temporárias	33
O arroz	33
O milho	36
V. <i>Algodão e cana de açúcar, culturas industriais</i>	
Analogias entre duas culturas	41
O algodão	41
A cana de açúcar	45
VI. <i>Mandioca e feijão, culturas alimentares</i>	
Alimentos do povo	49
A mandioca	49
O feijão	52
VII. <i>Outras culturas permanentes e temporárias</i>	
O segundo grupo das riquezas agrícolas brasileiras	57
A banana	57
A batata inglesa ou batatinha	59
O trigo	60
O cacau	61
A laranja	62
O fumo ou tabaco	63
A cebola	64
VIII. <i>Culturas de menor importância econômica</i>	
O terceiro grupo de riquezas agrícolas brasileiras	65
A batata doce	65

A uva	65
O côco da Bahia	66
A mamona	67
O agave ou sisal	67
O abacaxi	67
A juta	68
IX. <i>A pecuária</i>	
O rebanho brasileiro	69
O rebanho bovino	69
O rebanho suíno	72
O rebanho ovino	73
O rebanho caprino	74
O rebanho eqüino	75
O rebanho muar	76
O rebanho asinino	77
O valor de nossa riqueza pecuária	78
X. <i>Outras riquezas animais</i>	
Riquezas animais	81
A avicultura	81
O leite	83
A lã	83
XI. <i>As grandes regiões agro-pastoris</i>	
Da necessidade de um retrospecto	85
As riquezas agro-pecuárias e sua repartição regional	85
Sudeste, "coração" do Brasil	86
O Sul do Brasil	88
O Nordeste	89
O Centro-Oeste	90
O Meio-Norte	90
O Norte do Brasil	91
XII. <i>Os maiores centros agro-pecuários</i>	
Sustentáculos de nossa economia agro-pecuária	93
A posição de São Paulo	97
A posição de Minas Gerais	99
A posição do Rio Grande do Sul	102
A posição do Paraná	105
A posição da Bahia	107
A posição de Mato Grosso	109
A posição de Goiás	112
A posição de Santa Catarina	114
A posição do Rio de Janeiro	117
A posição de Pernambuco	119

XIII. <i>O Brasil continua a ser um grande país agrário</i>	123
Panorama de la production de l'agriculture et d'élevage brésiliens en 1958 (Resumé)	125
A panorama of Brazilian farm production in 1958 (Summary)	129
Índice das gravuras	133
Índice geral	135

BIBLIOTECA
DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Fac. Fil. Cien. Letras — U. S. P.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Boletins publicados:

- N.º 1 — MARIA LUIZA PIRES DO RIO PINHO, *Monografia de fazenda: a Fazenda 'Engenho d'Água', em Guaratinguetá*. — MARIA GALDINA A. XAVIER, *Um recanto da Cantareira: Gopoúva*. — AROLDO DE AZEVEDO, *Recôncavo da Bahia*. — REGINA CARNEIRO, *Bibliografia: Brasil Meridional*. — 1944.
- N.º 2 — AROLDO DE AZEVEDO, *A região de Juazeiro e Petrolina*. — 1946.
- N.º 3 — ARY FRANÇA, *Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo* (Tese de doutoramento). — 1946.
- N.º 4 — RENATO DA SILVEIRA MENDES, *Paisagens culturais da Baixada Fluminense* (Tese de doutoramento). — 1950.
- N.º 5 — J. R. DE ARAÚJO FILHO, *A Baixada do rio Itanhaém — Estudo de geografia regional* (Tese do doutoramento). — 1951.
- N.º 6 — AROLDO DE AZEVEDO e DIRCEU LINO DE MATTOS, *Viagem ao Maranhão*. — 1951.
- N.º 7 — N. L. MÜLLER, *Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo* (Tese de doutoramento). — 1951.
- N.º 8 — JOÃO DIAS DA SILVEIRA, *Baixadas litorâneas quentes e úmidas* (Tese de concurso à cátedra). — 1952.
- N.º 9 — ELINA O. SANTOS, *Bases geográficas da industrialização de Sorocaba* (Tese de doutoramento). — No prelo.
- N.º 10 — ARY FANÇA, *A ilha de São Sebastião — Estudo de geografia humana* (Tese de concurso à cátedra). — 1954.
- N.º 11 — AROLDO DE AZEVEDO, *Vilas e cidades do Brasil Colonial — Ensaio de geografia urbana retrospectiva*. — 1956.
- N.º 12 — AZIZ NACIB AB'SÁBER, *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo* (Tese de doutoramento). — 1957.
- N.º 13 — AROLDO DE AZEVEDO, *Panorama da economia agro-pecuária brasileira — Uma interpretação estatístico-geográfica*. — 1960.

Publicações avulsas:

1. — AROLDO DE AZEVEDO, *Considerações em torno da Geografia e do seu ensino* (Aula inaugural). — 1946.
2. — JOÃO SOUKUP, *Mapa-Mundi em projeção azimutal equidistante e oblíqua tendo por centro a cidade de São Paulo* (Em côres, na escala de 1 : 75 000 000). — 1949.

Enderêço:

Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira"
(Butantã)

Caixa postal n.º 8 105

SÃO PAULO (Capital)
Brasil

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRAFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1960

